Fon Fon

O CONTO BRASILEIRO

MULHER

De SAMARITANA

FÔRA um romance pequenino, banal como tantos outros. E tivéra o mesmo fim... O fim doce-amargo, em que entra uma lagrima furtiva ou um acenar doloroso de mãos... Acabára-se sem espalhafato, numa agonia doce de passarinho.

E depois... Depois a vida os envolveu de novo no seu manto miraculoso, deu-lhe novos prazeres, nóvos amôres, nóvos rompimentos em que se dilacéra a sensibilidade... Viveram longo tempo distantes um do outro. Nunca mais seus olhos se encontraram numa saudação reciproca, ou seus labios murmuraram em commum o doce poema milagroso...

Quasi se esqueceram. Pelas manhãs radiantes, quando o sól vinha despertal-a, entrando pela janellinha enfeitada de rendas, com a sem-ceremonia de um amante bem-querido, sempre desejado, não era mais para elle o seu primeiro pensamento. Não... Não corria mais com aquella doida ansiedade ao crystal refulgente de sua penteadeira, a olhar, como si fôra um critico sevéro, todas as linhas harmoniosas do seu corpo... Não fôsse ella se afeiar agora! Desejava parecer cada vez mais linda, cada vez mais fascinante ao seu gosto apurado de artista. Não queria que seus olhos tão amados, aquelles bellos olhos de cigano ardente, encontrassem o minimo defeito na sua figura de garota moderna. E era sempre com maior requinte que empoava o rosto branco de boneca allemã, que traçava as finas sobrancelhas sobre os grandes olhos verde-azues...

Depois, foi a separação. Longos mezes de silencio; de atonia destruidora... Mas a vida é caprichosa como as mulheres... Tornou a juntal-os. E, numa alegria de criança, ella lia e relia as linhas que elle lhe traçára, contando-lhe a sua grande saudade, a sua nunca extincta ternura...

Que lindo presente lhe dava o destino! Não trocaria aquella amizade tão preciosa pelas joias mais ricas. Ella precisava tanto della, agora! Chegára áquelle momento critico em que se está como que collocado sobre uma grande ponte, hesitando em cahir no rio rumoroso ou seguir adeante, sempre adeante... De ambos os módos, seria o nada, o nada horroroso. A vida vazia, a morte vazia... Tudo igual, monotonamente igual. E eis que ella de novo despertava! De novo tinha *alguma coisa* a lhe embellezar a vida...

Comtudo, mereceel-a-ia ainda? Seria ainda bastante bella para reter aquella ternura tão desejada? Correu ao espelho, pressurosa. E sorriu á sua propria imagem, satisfeita. Sim, ainda era bem bonita. Talvez um pouco mais pallida, um pouco mais magra... Mas como lhe iam bem as sombras arroxeadas sob os olhos melancolicos, aquella finura de silhueta que a aristocratizava!... Não era mais a garota alegre que "elle" tanto amára. Não. Era mulher feita, agora. A crysalida fizéra-se borboleta, a violeta humilde cedêra logar ao lyrio audacioso e fidalgo...

E tinha outro coração, outra sensibilidade... A vida ensinára-lhe segredos, botando um dedo imponderavel sobre a sua bôcca leviana, para que ella os guardasse bem dentro do coração, como talismans inestimaveis que lhe dariam o "seu" amôr...

Estava mulher, mulher feita, felinamente mulher. Sorriu a essa certeza...

E sentiu-se mais feliz

VALOR DA PRODUCÇÃO AGRICOLA PAULISTA

A producção cafeeira, rendeu em São Paulo, no exercicio findo, a importancia de 1.314.824:266$000; a do milho, 265.237:530$000; a do arroz, 177.227:072$000; vindo em seguida a das fructas com reis... 137.847:003$000, a do algodão em caroço com 46.084:810$000 e outras menores.

O HOMEM QUE MATOU

MITRE NAPOLEÃO BOLIVAR PASTA SOARES...

Sua fallecida mãe era franceza e seu fallecido pae nascêra no Chile. Elle conheceu o mundo em Itararé, onde nasceu e onde foi baptizado e registrado na igreja e no tabellionato da cidade.

Esse rapaz cresceu possuido dum "bom senso" extraordinario, que o prejudicava... Nada fazia e nem uma resolução tomava sem antes consultar o "sub-consciente" durante dias seguidos. E foi o "bom senso" quem o aconselhou a assignar apenas M. Soares, pois lhe demonstrou serem os trez nomes dados por seus paes grandiosos demais para a sua humilde pessôa...

Por descuido o Soares collocou-se no Rio de Janeiro. Devido, porem, ao "bom senso", essa voz fanhosa interior, que persegue todo o mundo, já ia para 6 annos e o pobre rapaz continuava como 3º escrevente num cartorio.

Fugia dos amigos, visto o "bom senso" achar não só ridiculas as "conversas fiadas" nos cafés, mas ainda contribuiam para desmoralizar a pessôa... Não procurava os companheiros graduados do cartorio, porquanto a "voz interior" lhe dizia constantemente ser isso "chaleira"...

E o pobre Soares não subia destarte de categoria, e, quando surgia a opportunidade para se impôr, o "sub consciente" lembrava-o da falta de aptidões...

* * *

Sempre só. Isolado. O nosso Soares tornou-se neurasthenico. Os amigos appellidaram-no "doutor Bom Senso". Era um rapaz tím[illegible]do, acanhado, nervoso, sem assumpto, trajando-se rigorosamente ás antigas, usando occulos, conservando uma seriedade de assombrar, e, quando se sentava num omnibus ou bonde, assustava o companheiro de viagem, porque lia romances proprios para as garotas de 15 annos...

Era tal a neurasthenia do rapaz que seu chefe começou a observál-o para depois chegar á conclusão de leval-o a um medico. Este, incontinenti, receitou-lhe uma bôa dose de diversões, [illegible] ras, bailes, namoradas bastante distracções...

— Namorar... e por que não?

— Mas andar com essas moças sem casar... é...

— Falta de bom senso. Já sei. Já sei. Mas isso é da época. Um rapaz... namore, arranje uma namorada. Divirta-se. Isso não faz mal a ningem. *Flirt* é um bom passa-tempo...

* * *

O Soares foi convidado para um baile. Para um pic-nic. Para uma "farra" formidavel, em que todos os companheiros do cartorio tomaram parte. Mas qual!... O "bom senso" não o deixava metter-se. Quando voltava para casa, era um martyrio: a voz interior vinha-o chamando á ordem pelo caminho todo... dando-lhe conselhos...

Foi numa dessas festas que uma garota se propoz endireitar o Soares, a pedido de seus companheiros do escriptorio. Ella mesma falava, ella mesma respondia. No final, a garota submetteu o Soares a um juramento, para comparecer a uma entrevista na avenida Gomes Freire.

No dia seguinte, lá estava o Soares, tremulo, e com o pensamento trabalhando de modo "dantesco". Logo surgiu a garota de labios "battonados" grudando-lhe nos braços e arrastando-o pela avenida...

O «BOM SENSO»...

Casualmente, na esquina da rua do Senado estava o pae da garota, a quem o Soares foi apresentado na referida festa. O susto que o pobre moço levou é indescriptivel!

O "bom senso" estrilou: — "E agora? Você é a coitadinha passando... O pae os viu juntos e... vae haver barulho..."

O Soares abandonou a garota e correu, louco, desceu a avenida Gomes Freire cortando ruas, até a Praça Tiradentes onde tomou um automovel e rumou para casa.

Uma vez lá o "sub-consciente" criticou-o: — "Mas você é tonto mesmo!... Que tem um rapaz passear com uma moça?... E' tão natural... Você é tonto..."

Soares cahiu desanimado sobre o leito, com o cerebro trabalhando activamente... Estava exhausto.

* * *

O medico deu-lhe livros para ler. Aconselhou-o. Deu-lhe explicações sobre a voz interior que o perseguia.

Foi num desses dias, após o medico falar cerca de duas horas sobre o assumpto, que o Soares sahiu do consultorio convencido de ser uma victima do "sub-consciente". Precisava reagir, quanto antes, para não ficar louco.

Nessa noite, perambulou pelas ruas da cidade, admirando a felicidade de toda gente... Os namorados, as crianças pulando cordas, os visinhos "mexericando" a vida alheia, os bars repletos de "conversas fiadas", rapazes discutindo football, outros brigando por causa de politica... E viu mais amigos seus passeando com os proprios patrões ou chefes graduados! Eram todos — pelo menos pareciam — felizes, e nenhum prestava attenção ao terrivel "bom senso".

Nessa tarde, o Soares sentiu-se feliz.

E, como não quizesse perder essa opportunidade de ser feliz, caminhou calmamente para casa, admirando o céu, as estrellas, as garotas bonitas... fazendo grandes projectos para o futuro... com idéas de casar... pois concluira que como vivente teria de viver como qualquer outro vivente.

Mas, ao chegar em casa, pleno de felicidade, eis que o "bom senso" o esperava sentado numa commoda cadeira-preguiça, onde se deixára ficar emquanto o rapaz passeava pela cidade. O "bom senso" olhou-o, fitou-o com desdem, e disse-lhe:

— "Mas você é tonto mesmo... Namorar? Casar? Planos para o futuro? Casar com o que? Quem é você para arrancar moças da casa de seus paes? Quem é você para realizar todos esses planos? Você é..."

Soares levou a mão ao revolver, deu com os dedos no gatilho e um baque surdo se ouviu...

* * *

No Hospital do Prompto Soccorro, o pobre rapaz chegou para morrer minutos depois. Quando o commissario de policia lhe perguntou por que tentára contra a vida, elle respondeu, com difficuldade:

—"Para gozar da felicidade de ser assassino. Eu matei o "bom senso"...

CARLOS DE BRAGANÇA

"No momento de fechar esta edição, nos chega uma dolorosa noticia: o guarda-barreiras da passagem de Riota foi assassinado com inaudita crueldade. Hoje, só nos é possivel annunciar o facto. Amanhã, daremos detalhes".

Quando *O pharol* — diario commercial, industrial, agricola, politico, litterario e, sobretudo, de annuncios — levou ao seio do povoado a sinistra noticia, houve, em todos os lados, um movimento de terror, de piedade e de indignação, como tambem, em algumas almas novellescas, um indefinivel sentimento de exaltação e até de orgulho: havia tantos annos que não occorria um crime na comarca!

Na praça principal do povoado, em frente á igreja, e apesar da hora matinal — eram apenas sete horas e uma espessa bruma envolvia tudo — os primeiros grupos começavam a formar-se e a adquirir o jornal, ainda humido, que era vendido por um menino pobremente vestido.

Primeiro, se discutia a hora. O logar apontado como theatro do crime estava a umas quarentas quadras de distancia. A noticia, portanto, só devia ter chegado á redacção de *O pharol* meia hora depois. E *O pharol* entrava para o prelo á meia-noite em ponto.

UM CRIME HORRIVEL

Este primeiro ponto parecia terminantemente estabelecido, quando um camponez assegurou que o acontecimento era velho de vinte e quatro horas. Vinte e quatro horas! Esta affirmação produziu um movimento de protesto geral, pois casos de semelhante magnitude não podiam tardar tanto tempo em divulgar-se. Mas o camponez manteve sua affirmação, allegando que ouvira falar muito antes que *O pharol* désse a noticia. Fôra, porém, em termos tão vagos, que não lhe déra importancia.

A quem se dirigir o povo para uma informação segura? Todos os olhos convergiram para o negocio do Cota, o barbeiro. Mas, não estava ainda aberto. A tabacaria da esquina da praça já o estava, e para ali se dirigiu a multidão.

Vizinhos e clientes já enchiam o pequeno negocio, e discutiam animadamente.

— Esse guarda-barreiras é um tal Rodrigues — declarava o vendeiro emquanto accendia seu cachimbo. Conheço-o muito.

— Um homemzinho sêcco, nervoso, não é?

— Ao contrario: um homem alto, corado, cheio de rosto.

Nesse momento entrou Gonçalves, o chapeleiro, que tinha fama de ser a gazetilha humana do logar, pois sempre sabia de tudo e antes de todos.

Rodearam-no sem demora.

— Que ha de novo?

— De novo! Passam-se coisas lindas neste paiz!

— Bem. Já o sabemos. Pobre Rodrigues!

— Pobre! Si fosse sómente elle! Si fosse sómente elle? Que queria dizer aquillo? tam-bem a familia?

A senhora Gonçalves ajudava o marido.

— A causa é clara — dizia. — Esse guarda-barreiras tinha mulher e trez filhos. E' comprehensivel que, uma vez morto elle, os assassinos proseguiram sua obra. Todos terão sido mortos! Ah! pobre gente!

Mas, não. Era demasiado horrivel. A supposição da senhora achou muitos incredulos. Além disso, não faltou quem assegurasse que o guarda-barreiras era um solteirão ou um viuvo que não tinha filhos, e que não podia assim ter morrido ninguem com elle.

Então, do fundo do negocio, uma voz se levantou:

— Não sejam crianças! Ha um meio para que fiquem todos de accordo: é ir vêl-o. Quarenta quadras qualquer pessôa póde fazer! Si eu pudesse, quanto tempo não estaria lá!

Esse judicioso conselho era dado pelo dono do negocio, o velho Santiago, cujo rheumatismo o trazia prisioneiro desde muitos annos.

No mesmo instante, passaram quatro jovens a quem a idéa de ir vêr um homem assassinado parecia divertir enormemente.

Uma exclamação se levantou:

— Ahi vão os agentes!

Effectivamente, dois agentes passavam, sorrindo, cumprimentando os vizinhos e pondo a trote seus cavallos.

A pequena comitiva se poz em marcha e emprehendeu o caminho pela larga rua que conduzia até Riota, já que se dirigiam para o theatro do crime. Sem deixar de caminhar, aquella gente discutia sempre animadamente. Pessoas que nunca se tinham relacionado conversavam como velhos amigos, e os commentarios choviam. Todos haviam conhecido o infortunado guarda-barreiras, que era, na opinião de alguns, um empernido solteirão, que levava uma solitária existencia: e, segundo outros um patriarcha carregado de familia.

Só num ponto estavam todos de accôrdo: os que haviam praticado semelhante acto

eram uns miseraveis.

Continuamente, uma observação se repetia:

— Que assassinem um banqueiro, ainda é concebivel; mas um pobre homem, para roubar-lhe quatro francos!

De repente, mudou a decoração. Estava-se em frente á casa do crime. Houve um movimento de retrocesso. As bôccas emmudeceram. Os corações bateram com mais força. Uma desconfiança aguçou os olhares deante da apparente tranquillidade dessas paredes, atraz das quaes se desenrolára uma sangrenta tragedia.

Via-se apoiada contra a cerca bicycleta do secretario do juizado, e á beira do caminho se notava uma coisa horrivel, uma successão de grandes manchas, que, evidentemente, deviam ser de sangue, e que, partindo da casa, iam perder-se no arroio.

O secretario sahiu nesse momento, e, montando em sua bicycleta, exclamou:

— E' espantoso!

A emoção do povo augmentou. Muitos declararam que já tinham visto o sufficiente, emquanto outros, mais fortes, levaram sua ousadia ao extremo de aproximar-se das janellas.

Não puderam, no emtanto, vêr um sêr vivente: nem o commissario, nem o juiz, nem agentes... Teriam levado já o cadaver?

Inquietos, Cota e seus companheiros iam empurrar a porta de entrada, quando um grito de terror se fez ouvir, emquanto Cota cambaleava. O cadaver com effeito...

Preferimos, porém transcrever a descripção que, no dia seguinte, appareceu no *O pharol*, sob o titulo, que em letras enormes occupava toda a largura da primeira pagina:

DE JEAN SIGAUX

"O CRIME DA *PASSAGEM DE RIOTA*

"Annunciámos hontem — sem tempo para verificar o facto nem dar nenhum detalhe, pois a noticia nos chegára no momento em que fechavamos a nossa edição — que um crime horrivel acabava de ser commettido na passagem de Riota, na casa do guarda-barreiras.

"Nossos leitores conhecem todos os detalhes, e si annunciamos aqui é só com o intuito de perpetuar para as gerações vindouras a sangrenta recordação.

"Na manhã de sexta-feira, 13 (sexta-feira e 13), o guarda-barreiras Rodrigues, ao sahir de sua casinha, ás 6 e 35, hora em que passa o rápido, teve sua attenção attrahida para algo de estranho que notou na casa dos coelhos.

"Havia mais de dez annos que, diariamente, sahia á mesma hora, nunca deixando de olhar esses interessantes mammiferos que sempre lhe appareceram gordinhos e vivos.

"Essa manhã, não percebeu nada. Approximou-se, inquieto, suspeitando alguma coisa de anormal, e de seu peito escapou um grito de espanto: a casa dos coelhos estava vazia.

"Ah! os miseraveis!

"Para quem quer que conheça o profundo affecto que o guarda sente por seus bichinhos, surgirá a evidencia de que essa exclamação não se dirigia aos animaes, mas aos patifes que os haviam roubado.

O barulho que Rodrigues fazia por causa de sua desgraça chamou a attenção da vendedora de verduras, que na occasião passava com seu carrinho.

"— Que lhe occorreu, senhor Rodrigues? — perguntou.

"— Que me occorreu? — balbuciou este, cuja voz estava estrangulada pelo furor. — Imagine que ladrões, evadidos da cadeia, me roubaram meus quatro coelhos!

"— Jesus, Maria! Em que época vivemos — exclamou a vendedora de verduras, espantada.

"E partiu, espalhando á sua passagem a terrivel noticia. Tinham roubado todos os coelhos, todo o gallinheiro do guarda-barreiras.

"A nova, passando de bôcca em bôcca, se ampliou desmesuradamente. Cada hora augmentava com um detalhe authentico e sempre mais atroz que o anterior. A's doze, os ladrões, incommodados pelos latidos do cão, o tinham estrangulado (é preciso que se note, de passagem, que o guarda-barreiras jamais teve cão). A's trez, o guarda-barreiras fôra ferido pelos meliantes. A's dez estava definitivamente morto, assassinado com inauditos refinamentos de barbaria. Seu corpo era uma chaga immensa. Os assassinos tinham até apunhalado o cadaver!

"E foi sob esta ultima fórma que a noticia nos foi communicada á noite anterior.

"Cremos não ter necessidade de accrescentar que nos sentimos felizes, como o estarão todos os nossos concidadãos, ao saber que o espantoso crime do qual nos fizemos éco só existiu na imaginação de uma vendedora de verduras, que o transmittiu a todos, e estes logo augmentaram as suas pro-

A MYSTIFICAÇÃO

"MINHA querida amiga. — Você sempre zombou do meu gosto excessivo por titulos de nobreza e situações romanescas. Desde creança (lembra-se?), em nossos brinquedos, eu era sempre uma dama de alta linhagem. E essa predilecção accentuou-se com o correr dos annos...

Porem, não ria mais, minha querida; antes, lamente-me, pois acabo de receber uma lição cruel, que me curou de tão ridiculas manias, incompativeis com a nossa época.

Imagine que, já ha mezes, notei a insistencia com que me olhava certo rapaz moreno e insinuante, alto, dono de um par de olhos negros e sonhadores. Encontrava-o sempre em meu caminho, com uma frequencia que não podia ser simples obra do accaso. Aos poucos, tornou-se para mim um habito a admiração muda e respeitosa do elegante rapaz. E, a curiosidade ajudando, eu, cuja vaidade (bem feminina) estava profundamente lisongeada deante da grande constancia de meu admirador silencioso, comecei a interessar-me por elle...

Certo dia, com uma caixa de camelias assetinadas, de immaculada alvura (suggestivo, não?) recebi uma volumosa carta, que abri com o coração aos pinotes, pressentindo o remettente... Era elle! Contava-me a sua vida, cheia de lances romanticos... Imagine você, querida, um authentico principe russo, empobrecido e exilado, artista, vivia dos recursos de seu pincel. Foi o sufficiente, você comprehende, para inflammar a minha imaginação. Calcule: um principe russo, um pintor! E em que termos fidalgos e delicados, me declarava o grande amôr que lhe inspirára. Dizia que me amava e jamais teria outra esposa além da eleita de seu coração... E logo que fosse livre (porque um juramento de vingança o prendia), elle viria pedir-me que consentisse em ser a sua princeza adorada.

Boris (eu já disse que elle se chamava Boris?) jurara vingar-se

Um crime horrivel

(CONCLUSÃO)

porções. Nada, pois, succedeu que possa empannar a fama de nossa generosa e patriota legião. No momento de encerrarmos esta edição, chega-nos a communicação de terem sido encontrados os quatro coelhos. Como conseguiram abrir a porta da casa dos coelhos? Mysterio! Assim como tudo foi mysterio nesta singular aventura.

De Luisa Savoy

de um inimigo poderoso que causára a morte de seu pae. E esse amor filial exaltado elevou ainda mais o alto conceito em que eu tinha o meu principe, senhor de muitas virtudes... Terminando a carta, ella depunha um terno beijo em minhas mãos esguias e alvas como dois lyrios immaculados... (Logico, não é?)

E desse então, não mais vivi: sonhei...

Os meus dias corriam venturosos, um céu azul, limpido, sem manchas. Eu esperava confiante, e o sorriso claro com que elle me saudava ao passar era o proprio sol que illuminava a minh'alma. Eu sonhava com esse dia maravilhoso que uniria as nossas vidas; imaginava o atelier vasto e claro, onde elle se dedicaria á sua arte, e dois lindos galgos deitados a seus pés...

Minha vida passava-se fóra das raias da realidade. A' noite, os meus sonhos me transportavam á antiga côrte imperial russa e eu ia, pelo braço de Boris, entre as duquezas que me sorriam, uma corôa de princeza a circumdar-me a fronte...

Mas, certa vez, violento temporal apanhou-me de improviso em plena rua, e, apressada, abriguei-me na primeira porta que achei ao meu alcance. Um cheiro de loção e pó de arroz fez-me olhar para dentro: era uma barbearia igualzinha a todas as outras. Um velho obeso repimpava-se numa das poltronas, uma toalha ao pescoço, o rosto desapparecido sob espessa camada de espuma... E o velhote dizia:

— Gosto dos barbeiros italianos: só elles sabem dar um ar distincto ao meu bigode. Eis por que prefiro este salão.

Divertida, olhei o figaro a quem se dirigiam esses elogios, e quedei suffocada, o peito oppresso, o coração em disparada. O barbeiro... era Boris! Boris, o artista, Boris, o principe russo, era um barbeiro italiano! Senti-me tão envergonhada e ridicula, que de bôa vontade sumiria nas entranhas da terra.

Nessa noite tive pesadelos estranhos... Via Boris com um manto de purpura e arminho, uma corôa na cabeça, barbeando um velhote obeso. Depois, via-o entre principes e duques, com uma gigantesca navalha presa á cintura, em logar de espada...

Creio, minha querida, que não preciso accrescentar mais nada. Mas, sinceramente, acredite que esta sua amiga é agora a mais plebeia e menos romantica das creaturas... — *Laura*"

No dia seguinte, o *O Pharol* publicava esta noticia:

"Com profunda magoa soubemos que o senhor Gonçalves, nosso distincto amigo e um dos corajosos cidadãos que occorreram desde o primeiro momento ao theatro do crime, soffreu tal emoção ao vêr apparecer diante delle, jovial e sorridente, o cadaver do guarda-barreiras, que foi victima de uma crise de nervos que ainda subsiste. Fazemos votos pelo prompto restabelecimento do nosso sympathico e valoroso [illegible]."

Rapido augmento de peso para as creanças debeis

Mãezinhas! Se seu filhinho é anemico, magrinho, se não tem appetite ou se está retardado nos estudos dê-lhe as Pastilhas McCoy de Oleo de Figado de Bacalhau durante um mez e com prazer verá o augmento diario de seu appetite, o renascimento de suas forças e a volta de suas boas côres.

As Pastilhas McCoy são vendidas em todas as pharmacias. Como são cobertas de uma camada de assucar, as creanças tomam-nas facilmente.

Com as Pastilhas McCoy V. Ex. obterá todos os excellentes resultados do mais puro Oleo de Figado de Bacalhau só que de uma forma agradavel a todos e o que é particularmente em todas as estações do modo. Uma senhora adquiriu 4 kilos em 5 semanas. Uma creança muito fraquinha recuperou 2 kilos em 2 mezes.

NOITE DE NUPCIAS

De AFFONSO NETTO

— Bôa noite.

E dona Aurea, após segredar qualquer coisa ao ouvido da filha, sahiu do aposento. Com algumas lagrimas nos olhos. Com o passo um pouco incerto.

Paulo e Jacy acharam-se a sós.

Ella, envolta num kimono de sêda estampado. Cabellos soltos. Perfumada. Muito bonitinha.

Elle, num horrivel pyjama listrado. Muito bem penteado. Cheio de pó de arroz. Um vago nervosismo nos olhos escuros.

— Sente-se feliz, Jacy?

A moça não respondeu. Abaixou as palpebras. Enrubeceu levemente.

Paulo tomou-lhe a mão:

— Quanto ansiei por este momento, minha querida! O momento divino em que nos achariamos a sós... Um para o outro eternamente... Eu e você unidos, emfim... Sem que poder algum nos pósśa separar...

Os labios delle colaram-se á epiderme alva da mãozinha mimosa...

— Paulo!

— Diga.

— Você será capaz de fazer uma coisa por mim?

— Tudo! Peça-me a vida e eu lha offerecerei! Peça-me a lua e eu irei buscál-a para você! Peça-me...

— Nada disso. Eu desejo apenas que você repita as palavras que eu disser. Mas, depressa!

O rapaz estranhou.

O pedido era um tanto esquisito. Porem, tinha obrigação de não contrariar a moça já na noite de nupcias. E concordou:

— Sim.

— Então preste bem attenção:

E ante o crescente pasmo do noivo foi falando:

— Cinco marfagafusguifinhos novos amarfagafaram a velha e já amarfagafada marfagafuguifa. Mas o marfagafuguifo velho para vingal-a amarfagafou pela primeira vez os cinco marfagafusguifinhos novos que haviam amarfagafado a marfagafuguifa velha.

Paulo estava atonito.

E olhou a noiva espantado da mesma fórma porque olharia... dha, si este lhe apparecesse de pente.

— Não é capaz de repetir!

O moço engoliu em secco... saiou um sorriso. E tentou:

— Cinco margafusguifinhos...

— Ah! Ah! Ah!... Não é sim...

Paulo estava contrafeito... recido. Com vontade de esc... aquella que momento antes... bêra como esposa.

Mas, ante a hilaridade da... só teve de rir tambem... rello:

— Hi! Hi! Hi!...

— Paulo, é marfa-gafui... fi-nhos.

Elle não disse patavina.

— Entendeu?

— Sim. Porem, vamos conversar sobre outra coisa.

— Oh! Então você não satisfaz ao meu pedido?

— Mas, Jacy, irmos brincar de trava-lingas na nossa noite de nupcias!... Tratemos antes do nosso amor. Você não surprehende...

(Continua na pagina seguinte)

nos meus olhos o lampejo da grande paixão que lhe tenho?... Eu a amo, Jacy!...

Os braços delle procuraram a cintura da moça. Porem ella esquivou-se.

— E'... Ama-me e não quer fazer o que eu peço! Você que até a lua iria buscar para mim!

Noite de Nupcias

(C O N C L U S Ã O)

— Sim. Entretanto...

— Fingido!

Uns soluçozinhos começavam a brotar dos labios da joven.

— Hypocrita! Você não gosta de mim!...

Não podia ser mais critica a posição de Paulo.

— Oh! Meu Deus! Como sou infeliz!... Hum! Ai! Ai!

E as lagrimas puzeram-se a ja-gar carreira pelas faces de Jacy abaixo.

— Minha querida! Não chore! Eu digo...

Ella conteve os soluços:

— Diz mesmo?

— Digo. Repita para e aprender melhor.

Ella enxugou os olhos. Com um lencinho. Lencinho minusculo, em cujos angulos havia gatinhos...

— Cinco marfagafusguifinhos novos... Ai!... amarfagaram a velha e... Ai!... já amarfagafada marfagafaguifa. Porque marfagafugui... guifo velho para vingal-a amarfagafou pela primeira vez os cinco marfagafusguifinhos novos que haviam amarfagafado a marfagafuguifa velha.

Ai!...

Paulo tinha o aspecto de um martyr. E começou machinalmente:

— Cinco marfagafusguifinhos novos amar... amarfagafaram a...

— Não. Assim não. Tem que ser sem gaguejar!

— Cinco marfagafusguifinhos amarfagafaram...

— Marfagafusguifinhos novos!

— Cinco marfagafusguifinhos novos amarfagafaram a... a...

— Quá!... Quá!... Quá!...

Ella ria gostosamente.

E elle, esperançado com essa alegria, tentou novamente:

— Vamos deixar isso, Jacy! Eu quero dizer nos seus labios: meu amor! Mas não esta coisa!...

— Pois si você gosta mesmo de mim ha de dizer primeiro a historia dos marfagafusguifinhos!

— Jacy!

— Ah! E' porque você não me ama! Eu bem dizia...

Ella ia voltar a chorar. Acaso queria a moça chegar com aquillo a tudo?

Paulo não o soube. Nem quiz sabel-o. Foi heroe:

— Cinco marfagafusguifinhos...

Em cima da cama um Arlequim de feltro ria cynicamente...

As loucuras inexplicaveis

De FRANCISCO ACCIOLY FILHO

O carro em que ia o detective John Bewtows deslisava pelo asphalto molhado.

Ia elle á Chefatura de Policia, attendendo a um chamado do inspector Howert.

Cinco minutos depois, elle se achava conversando com o inspector:

— Pois é, Bewtows. Este já é o quinto banqueiro que morre. E sempre do mesmo modo: enlouquece e momentos depois fallece. O ultimo que morreu foi o banqueiro Alrw, que, apesar de estar acompanhado por dois agentes, falleceu. Creia, Bewtows, eu não posso elucidar este caso. Hoje morreu Sir Doltwell. Você deve ter lido nos jornaes a critica que fizeram á Policia, principalmente ao meu districto, chamando-me a mim e a meus auxiliares de incompetentes. Eu estou certo de que você não me abandonará neste caso, Bewtows.

— Não se amofine, amigo. Farei o possivel para descobrir os causadores ou o causador dessas mortes. Não dará para ver o corpo de sir Doltwel?

— Como não! Os medicos legistas já o examinaram, mas nada conseguiram descobrir de importante. São dez horas e quinze minutos; a familia do morto virá buscal-o ás dez e quarenta.

— O tempo é escasso; vamos vel-o agora mesmo.

Passados dez minutos, o detective dizia ao inspector:

— Encontrei coisa muito importante, a que os medicos legistas não ligaram a minima importancia. Este pó nos olhos será capaz de lançar luz sobre as trevas dessas mortes. Ainda ha alguem no laboratorio?

— Está lá o Arthur; eu vou chamal-o.

O inspector sahiu da sala e momentos depois entrava com o empregado do Laboratorio.

— Olá Arthur! Como vae? Vou dar-lhe um pequeno serviço; examine este pó — disse John, mostrando os olhos do morto.

— Pois não! Vou buscar o apparelho.

* * *

— Isto é um veneno fulminante. Com isto poderá a pessôa que o tem matar todos que appareçam á sua frente — disse Arthur, depois de ter examinado o pó.

— Obrigado, Arthur. Inspector, quer ir commigo á casa do banqueiro sir Doltwel?

— Mas que fazer lá?

— Muito simples; deve ser algum chimico que descobriu este veneno, e com certeza foi pedir auxilio a elle, que o negou.

— Você tem razão. Podemos ir já.

Trez minutos e elles já estavam atravessando as ruas de Londres em direcção á casa do banqueiro, onde, meia hora depois, elles conversavam com o empregado encarregado de attender ás visitas.

— Então você não se recorda de ter vindo aqui um chimico? — disse o detective.

(Continúa na pagina seguinte)

— Chimico...? Os senhores esperem um momento aqui na sala, que eu vou buscar a caixa de cartões de visitas.

Instantes depois, entrava elle sobraçando uma caixa, da qual tirou um cartão e leu:

— Roberts Zewart — Chimico — Avenida de Waghton n. 58 — 3º andar — app. 4 — Londres.

— O senhor dá licença para levar o cartão?

— Mas peço que os senhores m'o devolvam, pois eu faço collecção.

— Tral-o-emos hoje mesmo.

Despediram-se e rumaram em direcção á avenida de Waghton.

— Bom dia. E' aqui que mora o chimico Roberts Zewrt? — perguntou John a um rapaz que veio abrir a porta.

— E' sim, senhor. Podem entrar — disse o rapaz, introduzindo-os numa sala.

Depois de alguns momentos, entrou o chimico, que disse:

— Que é que os senhores desejam?

— Primeiramente, quero apresentar o inspector Rowert; e eu sou John Bewtows.

AS LOUCURAS INEXPLICAVEIS

(CONCLUSÃO)

Quando o detective disse os nomes, o chimico empallideceu.

— Viemos aqui com o fim de saber do senhor algo sobre as mortes dos banqueiros.

— Mas que poderei informar aos senhores?

— Que foi o senhor o assassino.

— Sim, fui eu o assassino de todos; mas os culpados foram elles, que me negaram auxilio para minha descoberta, que tambem me mata.

Terminando essas palavras, cahiu no soalho, morto.

— Covarde! Escapou á justiça dos homens! — disse o inspector.

— Já me vou, amigo. Adeus.

— Adeus! exclamou, assustado, o inspector.

.. ..

No dia seguinte, o inspector soube que John se tinha suicidado, e immediatamente correu á casa do mesmo.

Chegando lá, já encontrou o chefe de policia do 2º districto, que lhe entregou uma carta, escripta pelo detective.

O inspector, com os olhos ma[illegible]jados de lagrimas, foi para sua ca[illegible]sa afim de saber o que continha a carta, na qual leu o seguinte:

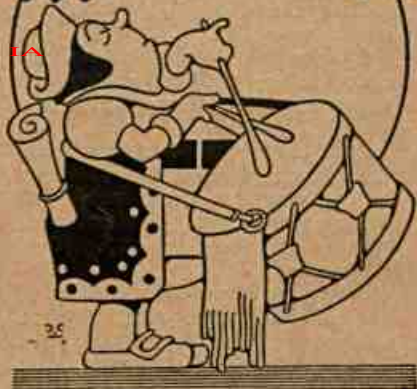
"Amigo Rowert. — Escrevo-lhe estas já em meus ultimos momentos. Não me chame de covarde, pois para os meus soffrimentos o unico remedio era este. Lembra-se da minha despedida de hoje? Vou contar-lhe a historia de minha vida.

"Principio por lhe dizer que o meu verdadeiro nome não é [illegible] e sim Luwot de Torewent; [illegible] saber que este era o peor bandido de Chicago. Pois bem: o chimico que morreu hontem era meu irmão, que, acossado pela vergonha de ter um irmão assassino, sahiu de Chicago e veio para Londres com o nome trocado.

"Agora vejo como a vida é um caminho de soffrimentos.

"Perdôe-me o amigo por ter abusado de sua confiança. Adeus! — *Luwot de Torewent ou John Bewtowa*".

Quando Rowert acabou de ler a carta, cahiu morto: elle era o pae do chimico e do detective.

saibam todos...

MARCIO (Minas) — A minha opinião sobre os seus versos é desfavoravel.

E' com grande pezar que o digo, pois o sr. se derrama em calorosos elogios á minha obscura pessôa.

Verdade...

SULL (Capital) — A sua carta verde-esmeralda é portadora de uma consulta muito interessante. Alias, para taes perguntas, eu devia ter aqui uma formula prompta, como acontece nas pharmacias, com certos medicamentos. Exemplo: xarope de Roux.

Sabe porque falo assim? Porque não é a primeira consulente — e paulista, sobretudo — que me faz essa consulta de ordem sentimental...

São varias.

Em todo caso, vejamos o que me escreve v. ex.:

"Meu caro Yves: Estando numa situação deveras embaraçosa, resolvi pedir-lhe seu precioso conselho.

Um rapaz, de nivel social inferior ao meu, ama-me loucamente (assim diz ele).

Como tão bem exprime a frase ingleza: "he look like a gentleman".

Possue uma educação fina o que me dá a impressão de que já foi coisa melhor.

Minha razão diz que não devo continuar, mas meu coração... infelizmente não resistiu á atração dos olhos verdes do "boy".

Si você, com seus sabios conselhos poderá resolver-me essa situação. Que devo fazer?

Si a muito custo resolvi escrever-lhe pois tenho medo das suas ironias; mas, como você geralmente recebe bem as paulistas, aqui estou.

Esperando a sua resposta, que desde já agradece, aqui fica a sua admiradora. — *Sull.*"

"P. S. — Peço-lhe, se possivel, para fazer a minha grafologia, embora seja má.

Muito grata. — *Sull.*"

Resposta:

1.° — V. ex. não me diz em que é que o rapaz é inferior á sua illustre pessôa. V. ex. póde ser nobre, aristocrata, de alta linhagem, e sangue azul, e elle, apenas um homem de "sangue vermelho", como eu, e outros individuos da casta intellectual...

2.° — Póde ser que o moço, dada a inferioridade a que se refere, — exerça a modesta funcção de operario ou tenha outra qualquer profissão de natureza humilde, como mata-mosquito ou guarda nocturno... Dahi o motivo por que o julgue em nivel social inferior ao de v. ex... Devia ter sido mais explicita...

3.° — Mas, seja como fôr, eu creio que, em se tratando de affeição, não ha nivel social inferior ou superior. Porque a pessôa a quem amamos é sempre uma divindade, seja do sexo masculino ou do outro... Quando a creatura amada póde ser julgada inferior ou superior, e as differenciações de casta, são explicaveis — é signal de que ella não é sufficientemente amada.

4.° — De resto, o conceito que se tem sobre as pessôas é muito relativo. A moça que ama a um bandido, ha de julgal-o um santo. Mas dado que julgue mesmo um sicario, ella fecha os olhos (o Amôr é cégo ou estrabico?) e diz, com orgulho: "E' um bandido, mas eu o amo mesmo assim... E gosto delle porque gosto!..." Esse argumento é irretorquivel.

5.° — Si v. ex. conclúe, de facto, que possúe coração, deve ouvir a voz deste, que é mais justa e sincera do que a da consciencia, — que, na mulher, é sempre um absurdo... E quando uma mulher raciocina ou fala em "razão" e "consciencia", é signal de que não tem coração, — pelo menos para amar com enthusiasmo e fervor...

6.° — Quanto á graphologia, sinto não poder attender o seu amavel pedido.

ANILA' (S. Paulo) — Vejamos primeiramente a sua cartinha lilás. Ella é bastante expressiva, e vale a pena ser lida pelas leitoras bonitas do "Saibam todos..."

Escreve v. ex. com a maior sem cerimonia:

"Yves. Deixe as suas respostas-ironias, as suas respostas-caricaturas e venha conversar comigo. Meu coração é como o seu, sabe? "Original com torres e sinos de oiro a repicar"... E eu não sei que fazer delle. Vejo desenhadas em minha vida, duas encruzilhadas e uma interrogação.

Numa está o homem que eu amo e que fará de mim sua esposa e companheira, que me devota um amor á portugueza "amor-coração, amor-sentimento.

Na outra está o homem que eu admiro, intelligente, rico e de posição. Um homem que já passou dos 30, e excluindo o fator amor ele se casará comigo para ter, não uma esposa e companheira mas por comodidade para ter uma *mulher*.

E eu Yves conto certa com o meu fracasso como esposa, e companheira dos bons e *maus* dias. Dou muito mais para ser *mulher*. Depois é preciso que a gente olhe a vida com senso pratico, não acha? O tempo da Dama das Camelias já passou...

Mas eu fico hesitante e vou lhe fazer uma pergunta e pedir uma opinião.

Você não acha que de um arranha-céo a gente esquece bem depressa uma choupana?

Responda para o pseudonimo *Anila*. Cidade paulista 12-9-934."

No seu caso, o que vejo não é uma encruzilhada, é uma linha recta. O difficil (ou o mais facil?) é v. ex. querer e saber caminhar sobre ella...

Si quer, a esse respeito, a minha opinião, o que posso adeantar é o seguinte:

"Tudo que se faz com amôr se faz bem". (Machado de Assis).

Desde que v. ex. áge em nome do seu coração, do seu amôr, do seu affecto, áge bem.

O grande merito das nossas atitudes está em sermos sinceros comnosco.

A moral, em certos casos, não entra. O que entra é a razão do coração.

(Continúa na pagina seguinte)

Si este lhe pede, que siga o homem que a ama e quem v. ex. retribue, não deve seguir senão os seus dictames; si ao contrario elle exige que seja apenas a *mulher* do outro que só deseja uma saia a seu lado — tambem não deve trepidar...

A philosophia que põe na imagem do arranha-céu é acertada, é explicavel, até certo ponto. Mas, discutivel como tudo que tem cheiro de philosophia...

Em these, é bem certo que de um arranha-céu, não se dá confiança a uma choupana... Mas, quando no arranha-céu não se encontra a felicidade sonhada, e esta nos acena da choupana, — o mais pratico é descer até á cabana humilde, e de lá contemplar, com reservas, a imponencia do arranha-céu...

E já que philosophamos sobre o caso, é bom não esquecer que a felicidade, geralmente, foge dos arranha-céus para se esconder na obscuridade das cabanas...

Pelo menos, destas, não se tem mais para onde cahir. Ao passo que, do arranha-céu, podemos cahir até do elevador...

Não tome a nuvem por Juno, senhorita casadoira...

BELKISS (E. do Rio) — Upa! Aqui está uma cartinha que é uma verdadeira "maravilha"... Não quero privar as suas "collegas" (e os seus "collegas" tambem) de gosar esse *monumento litterario*...

Vejamos a sua missiva...

"Nictheroy, 5 de Setembro de 1934. Illustrissimo Ives; Bôa noite. Não pude suportar a alegria que me causou da sua agradavel resposta e tão espirituosa; por isso, eis-me aqui, a escrever novamente.

Quanto as linhas fantasiadas... não envio já, vou pensar primeiro... pois, não quero cair na mesma forca que as outras consulentes.

(Seria ridiculo, ver, meu nome fracassado).

Escrevo então, para não deixar em branco a minha solução.

A sua resposta não podia ter sido mais correta, estou de pleno acordo com tudo que você disse. (Como nós somos, Ives, tratamos V. Ex. com tanta intimidade... mas, é prova de consideração, não é?) E' poeta, como eu ia dizer, as mulheres estão (ou querem?) suplantando os homens, isto é mais ou menos, verdade, mas tenho certeza que elles não deixaram ser vencidos. Mas digo, a culpa é delles mesmo, porque não fazem por vencer? têm braços como as mulheres... tem bocca, então? (pode ser que não tenham lingua). Perdão!

Mudando de assunto...

SAIBAM TODOS

(CONCLUSÃO)

I!... ainda não disse que além de escritora meu desejo é ser aviadora, sim?...

Porque Ives, (não vai me chamar de egoista) eu adoro essa carreira, vejo o Brasil, tão adiantado, elogiado, e no entanto, não possue umasinha só, como modelo. Têm muitos homens, é verdade, porém, pouco resultado noto, cada vez que sobem, queria dizer, voam, batem um record eterno. (Comprehendes?...)

Neste caso, vamos ver si a eva faz milagre, quem sabe? Não recebemos visitas de pilotos-women que vêm desafiar nós, as brasileiras, com seus arrojados vôos? (Looping-the loop), etc.

Então, que as mulheres vençam!

Vencerá quem tem mais força. (Está visto que o homem).

Finalmente, aceita o sincero reconhecimento de — *Belkiss*.

Safa!... que barulhada, me benzi, quando terminei. Olha só, a letra!... *Thank you*."

Curioso! V. ex. argumenta que os homens podem competir com as mulheres e faz uma descoberta estupenda: — nós, do sexo feio, temos braços, pernas, olhos, bôcca, lingua, dentes, etc., etc., igualmente como as Evas...

Que *trouvaille!*

O que v. ex. esqueceu dizer foi que não temos saia... Os homens só usam calça... Porque, a clava de Hercules, o forte de uma representante do sexo ineffavel (ineffavel está bom, não?) é a saia.

O que a saia de uma Eva (antes, era a folha de parreira...) não conseguir, nada mais conseguirá...

Com a saia, é que a mulher tem triumphado até agora... Não fosse isso, e ella faria melhor uso de calças... (*Honny soit*...)

Com a saia, a mulher póde ser até campeã da bobagem... lar... Ella póde bater todos os *records*... em que haja uma lice no meio. O homem já não encontra essa facilidade... mo porque, elle não tem esse privilegio... usando calças..."

Gostou?

NAUFRAGO DA VIDA (S. Paulo) — Caro sr. A sua é simples. Eis o que me diz:

"São Paulo, 25 de Agosto de 1934. Prezado Senhor Yves. meu objectivo nesta: dizer a V. Excia. que, no dia 13 ou 14 de ... -vos remetti uma carta registrada de n.° 6.449, carta essa, em que eu narrava um pequeno trecho da vida de um "Naufrago da Vida", meu pseudonymo, e, na qual pedia á V. E., algumas palavras de consolo, incluso um pequeno trabalho, intitulado "desengano".

E como até hoje não vi, nos dois numeros sahidos, posteriores á minha carta, nada endereçado ao meu pseudonymo, fiquei bastante triste e ao mesmo tempo intrigado pelo seguinte: sabedor como sou da vossa bondade em attender aos humildes, como não me conformei em achar outra solução plausivel, ser a minha carta por demais longa e ... te, mas devia haver outra causa.

E' pelo facto de ter deixado de enviar o coupon necessario?

Julgo que seja esta a causa.

Portanto junto aqui o referido coupon.

Espero ter, assim, satisfeito os quisitos necessarios para se obter uma pequena mensagem do grande... de Mestre Yves, por meio de "Saibam Todos".

Apresento aqui as minhas ... dações, inumeros votos de felicidades e mil agradecimentos por uma pequenina resposta que dê á minha carta.

Ao inteiro dispôr de Yves, —*Um Naufrago da Vida*."

Resposta:

— Não foi pela ausencia do coupon que não respondi á sua carta: foi porque ainda não chegou a sua vez.

Li a missiva a que se refere. E conclui que o sr. foi talvez infantil, em não ter aproveitado a occasião de se fazer na vida...

Com o seu minuto de ... o sr. perdeu uma grande chance de vencer.

Não creio que consiga outra igual. Parecida, — sim. Póde ser.

Emfim, como o sr. é intelligente — é provavel que triumphe de qualquer maneira.

Yves

> *Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.*
>
> ENDEREÇO
>
> Rua Republica do Perú, 62
>
> Caixa Postal 97
>
> Telephone: 2-4136
>
> *F O N - F O N* — 22 - 9 - 934
>
> ---
>
> *Data da consulta*. ....
>
> *Nome do consulente*. ....
>
> ....

DISCREÇÃO E PRUDENCIA...

De
Itala Gomes Vaz de Carvalho

FOI exactamente na praça Paris, onde se inicia a Avenida Rio Branco, em frente á entrada da Barra, que os dois *taxis* se chocaram num estrondo sêcco, seguido pelo retinir das vidraças quebradas e, depois por um rapido silencio e, finalmente, pelo alarido dos gritos e das passadas dos transeuntes que corriam em direcção ao local onde se déra o accidente. Depois foram as asperas discussões entre os dois *chauffeurs* e as testemunhas: as que tinham visto e as que poderiam ter visto... Os dois carros se iam encontrar justamente na esquina das duas avenidas — a do Rio Branco e a das Nações, e por uma felicidade inaudita, houve mais susto do que estragos. Os dois *chauffeurs* e as duas senhoras, uma em cada *taxi*, experimentaram sobretudo uma grande emoção, principalmente as damas que, descendo dos carros e sem querer tomar partido, como geralmente se faz, pelos seus respectivos *chauffeurs*, só pensavam em si proprias:

— A senhora não soffreu nada?

— Um arranhãozinho insignificante.

— Que susto! Poderiamos estar mortas!

Depois de cumpridas todas as formalidades com a policia, as duas senhoras olharam-se com sympathia. O facto de haverem escapado á morte, que sem querer uma poderia ter causado á outra, creava entre ellas uma especie de parentesco cheio de ternura.

— Se eu ousasse — acabou dizendo a mais desembaraçada, com um adoravel sotaque estrangeiro e cuja origem seria difficil definir — se eu ousasse, a convidaria a vir tomar alguma coisa commigo, ali na Americana. Depois de uma destas emoções, um cházinho quente não faria mal...

A outra acceitou sem hesitar. Eram ambas, pequeninas, parecendo ser do mesmo nivel social; as *toilettes* elegantes favoreciam a belleza alinhada e distincta; os cabellos sabiamente encaracolados eram quasi do mesmo tom castanho dourado; os rostos, preciosamente pintados, lhes davam esse mesmo ar de bonecas fabricadas em série que todas as mulheres têm hoje... Uma dellas trajava um vestido de grossa sêda listada azul marinho; a outra, um vestidinho estampado; e os chapéos, chatos, equilibravam-se por milagre sobre os dois olhos direitos de cada uma das moças, elegantissimas! Até os dois *rénards argentés*, que ambas traziam ao pescoço, pareciam irmãs gemeas e com seu ar nobre de familia, dir-se-ia que tinham satisfação em se encontrar de novo. Por certo vinham do mesmo paiz frio e longínquo, onde tinham brincado e corrido juntos pelas planicies infindaveis e onde, talvez, se namoraram e se amaram sob um céu côr de chumbo. Agora, resequidos, embalsamados e lustrados, depois de ter sido a presa do homem da casa de pelles, se sentiam, emfim, mais á vontade sobre os hombros frageis de duas moças bonitas e contemplavam-se, satisfeitos, com seus olhos brilhantes, redondos e fixos..."

— Se eu tivesse ficado desfigurada — declarou uma das duas moças, a que tinha os olhos negros como duas immensas jaboticabas que se pousavam com altivez nos olhos azues, de pestanas inverosimilmente longas, da outra — só me restaria morrer; porque meu marido odeia a fealdade!

Os olhos azues tomaram uma expressão de enternecida compaixão.

— Ah! Eu tambem — não poderia continuar a viver! — declarou a outra. — Tenho na minha vida um immenso amor; mas é casado, e só posso esperar delle alguns instantes fugitivos... instantes

(Continúa na pagina seguinte)

que devem ser perfeitos. E, embora ella affirme amar principalmente minha alma e minha intelligencia, eu sei, eu sinto que lhe não poderia impôr um rosto desfigurado.

— E' terrivel pensar que num minuto póde desmoronar para sempre todo um immenso edificio de ventura pacientemente edificado.

— E' verdade! — gemeu a moça de olhos azues. — Eu, que tremo constantemente pela minha felicidade, estou, todavia, quasi conformada com a idéa de que ella acabará um dia. A senhora não; o seu caso é diverso. Tem a segurança do casamento de uma vida legalmente assentada.

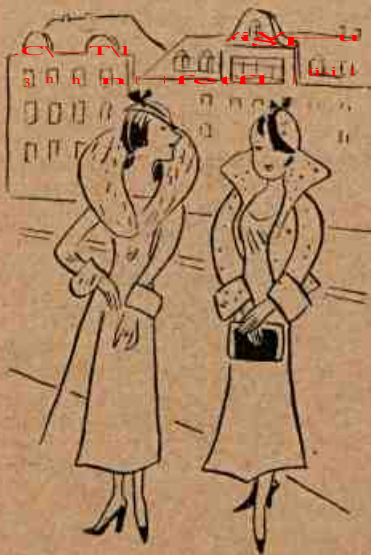
— Qual, minha senhora! Ninguem sabe o que póde acontecer.

— E' verdade; mas a consideração que *elle* tem pela mulher, parece real, embora fizesse um casamento de interesse com uma *pequena espinoteada*, como elle mesmo a chama.

Nesta altura do dialogo, entre as duas desconhecidas, os olhos negros ficaram, de repente, tão fixos como os olhos dos *rénards argentés*: *Pequena espinoteada* era o termo com que o marido a interpellava, habitualmente, mas era ao mesmo tempo carinhoso, cheio de desprezo e, naturalmente, tambem, muito injusto. Com o espirito alimentado por leituras romanticas, a dama de olhos negros urdiu, immediatamente, um pequeno drama pessoal e, demonstrando a insensatez do epitheto que lhe era dispensado em casa, desenvolveu logo certos predicados de astucia, que o marido certamente ignorava. Foi assim que as duas moças descobriram, com ingenua surpreza e risinhos ironicos, que os homens que ellas amavam tinham exactamente os mesmos gostos e os mesmos hábitos. Desde a carne de

Discreção e prudencia...

(Conclusão)

porco assada até a canja, cuja confecção devia obedecer a ritos sagrados e indiscutiveis; desde a musica de Mozart, que ouviam religiosamente com os olhos fechados, até os *rénards argentés*, que preferiam a toda e qualquer outra *fourrure*, os dois homens pareciam gemeos espirituaes, divergindo unicamente no gosto pela côr dos

olhos, que um queria pretos e o outro preferia azues... Tambem havia outro contraste estranho. O senhor que apreciava os olhos pretos, nos mezes de verão, gostava de ir com a mulher para Therezopolis, emquanto o apreciador dos olhos azues installava a querida do seu coração num adoravel *bungalow*, num recanto da praia do Leme.

A dona dos olhos pretos, servindo uma segunda chicara de chá, fazia calculos, procurava juntar datas, perscrutando o passado, emquanto a dos olhos azues dizia, ingenuamente:

— Como isto é engraçado!

Assim ia desenrolando-se a conversa até que a dama de olhos pretos levou a indiscreção ao ponto de perguntar qual era o appellido daquelle homem tão parecido com o seu proprio marido...

Enrubescendo até o alto das orelhinhas mimosas, a dos olhos azues respondeu que ella só o chamava de *Filó*... E a outra, não querendo ficar atraz, confessou logo que, na intimidade do seu lar, só chamava o marido de *Lulú*... Pois não era tão facil e natural fazer *Lulú* de Luiz? Sim; mas *Filó* não dava certo.

A tarde cahia rapidamente, envolvendo tudo e todos numas tonalidades opalinas que se esfumavam ao longe, do lado da entrada da Barra, com o projectar violento dos ultimos raios solares, côr de laranja. A dama de olhos pretos hesitava, perante a palavra decisiva e precisa que lhe daria a certeza absoluta de estar, por um desses inverosimeis caprichos do destino, sentada deante da amiga do marido, e já pensava numa tirada cheia de polidez que a deixaria na vaga ignorancia da sua desgraça, emquanto a sua companheira de *abalroamento* guardava ainda intactas as suas illusões. Os dois *rénards argentés* continuavam a se observar com os olhos redondos, brilhantes e fixos. Si no mundo os homens são todos parecidos, que a gente chega a tomál-os uns pelos outros... felizmente os *rénards* sabiam que "a palavra é de prata, o silencio é oiro"... e não disseram nada...

SYMPHONIA

De PAULO FREITAS

LEIO sempre as chronicas e os poemas que Tu, num estylo todo cheio de vibração e de colorido, escreves nas paginas das revistas, minha boneca loura de olhos claros. E toda a minha alma se esbate na suave harmonia das paizagens lendarias brotadas da penna de ouro vibrada pelas tuas mãos nervosas e intelligentes.

Lendo as paginas que escreves com elegancia de artista, tenho a tua imagem radiosa e divina diante dos meus olhos sonhadores e lyricos.

E fico sem saber onde ha mais harmonia — se na belleza e no esplendor dos teus poemas, se nas linhas do teu corpo gracioso e leve — ó minha estatua de Tanagra.

E onde ha mais colorido? Nas paginas que com tanta perfeição burilas ou no carmim da tua bocca vermelha?

Nos teus olhos ardentes ha tanta luz...

E eu fico, em extase, diante de ti, adivinhando o rythmo dos teus poemas, o proprio rythmo do teu corpo de nympha.

Despertaste a rainha admiração com a musicalidade dos teus poemas.

A tua imagem — ó poetisa dos vocabulos sonoros e dos labios vermelhos — ficou, numa festa de rythmos e de côres, guardada para sempre na minha alma.

Adoro a musica dos teus poemas porque nelles deve existir um pouco da caricia dos teus dedos finos de artista.

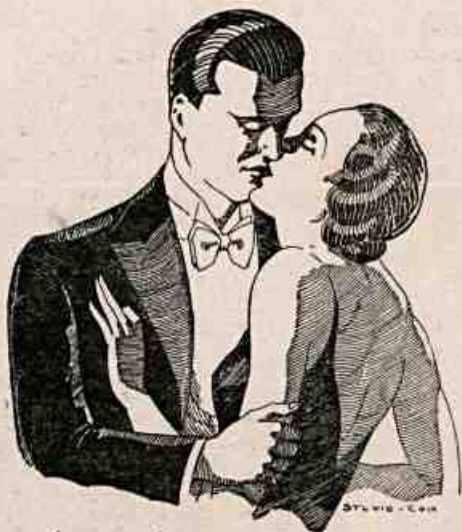
* * *

Invade-me uma suave indolencia. Toda a minha alma sente um espreguiçamento, uma vontade indefinida. E' então que, em sonhos, julgo escutar a symphonia da tua voz recitando poemas de amor e de volupia, num jardim, maravilhoso de emoções, onde ha arvores maliciosas carregadas de fructos prohibidos...

GRANDE COMPANHIA DE ESPECTACULOS LYRICOS, SYMPHONICOS E CHOREOGRAPHICOS. — *Tristão e Isolda*, op. em 3 actos; libretto e musica de Ricardo Wagner. — Em 12ª recita de assignatura foi cantada no T. M., em a noite de 12 de setembro o celebre melodrama de Ricardo Wagner — *Tristão e Isolda* — sob a sabia regencia do mº. Fritz Busch e com a seguinte distribuição: *Tristão* — Gotthelf Pistor; *Isolda* — Ella de Nemethy; *Brangania* — Karin Branzell; *Marcos* — Alexander Kipnis; *Melós* — Hellmuth Scwebs; *Kurvenaldo* — Walter Grossmann; *Um marinheiro e Um pastor* — Nello Palai; *Um piloto* — Savio.

Calcado num poema do troveiro alsaciano do seculo XIV, Godofredo de Strasburgo que por sua vez se baseou no de outro trovador alsaciano do seculo XII, Chrestien de Troyes, ambos inspirados na legenda de um dos cavalleiros da Tavola Redonda, Tristão de Leonnais (?), originada talvez, como pensam alguns, de um mytho solar, corrente entre os bretões da Armorica, e escripto sob a inspiração da amizade amorosa, do amor ideal, da ternura apaixonada que o compositor consagrava á mulher do seu amigo Wesendonk, Mathilde Wesendonk, a qual do seu proprio punho reconheceu veladamente ter sido a inspiradora do poeta-musico, quando, referindo-se ao

NOTAS

afastamento deste da sua convivencia na Suissa, escreveu estas significativas palavras — "Wagner [illegible]xou voluntariamente o asylo que amava. Como testemunho da grande época temos a sua obra "Tristão e Isolda". O resto é mysterio e respeitoso silencio" — a [illegible] *Tristão e Isolda* de Wagner [illegible] em musica o que em poesia [illegible] *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, a sublime tragedia do amor [illegible] morte. Os wagneristas fanaticos talvez vão além e entendam que o melodrama de Wagner reúne por [illegible] só, no grão maximo, as duas [illegible]lezas, a poetica e a musical; e [illegible] redunda em proclamar *Tristão e Isolda* maior que *Romeu e Julieta*. Não pensamos assim, já pelo valor profundamente psychologico e [illegible]ral da tragedia shakespeareana, ao lado do seu incomparavel valor artistico — alliança rarissima, [illegible] só os genios mais geniaes, são [illegible] tam-nos o pleonasmo, [illegible] de conseguir — já porque a poesia da opera wagneriana, isto é, o [illegible] bretto, se se pode destacar [illegible] na simples leitura da partitura, [illegible] ao alcance dos technicos, [illegible] ce por assim dizer na sua audição [illegible] a musica a sobrepuja de todo [illegible] to se comprehende dado o systema wagneriano de fazer da voz [illegible] instrumento da orchestra, e da orchestra o principal scenario do drama. Certo em *Tristão e Isolda* vozes dos cantores predominam mais que no *Annel dos Nibelungos*, mas não de modo tal que [illegible] xem perceber seja tanto [illegible] Ha a poesia do que a musica [illegible] Pretendendo embora destacar a poesia na musica tem-se toda a impressão de que Wagner faz [illegible] vezes algo de confuso, que não é musica nem poesia. Ou então [illegible] processo de cantar a musica wagneriana que nos dá semelhante impressão. E esta não somos o [illegible] experimentar. Wagneriano dos mais illustres, notavel poeta e romancista, critico de arte, o famoso [illegible] philo Gautier a experimentava [illegible] bem, através de uma das mais [illegible] cessiveis operas do mestre de Bayreuth — Tannhauser. São do [illegible] de *Emaux et Camées*, do romance de *Mademoiselle de Maupin* [illegible] tico de *La Musique*, estes [illegible] que fazemos nossos: [illegible] de Wagner é o de um [illegible] petuo traduzindo com fidelidade [illegible] sentido das palavras, não admitte [illegible] melodia alada e capricho[illegible] iando acima da idéa como uma [illegible] boleta acima de uma flor; a palavra pousa exactamente sobre a [illegible] e não se arremessa isolada para o céo, num sopro ou num [illegible]

DE ARTE

thmo, muitas vezes pouco sensivel, segue antes a phrase falada do que o periodo musical." (TH. GAUTIER — *La Musique*, pag. 295).

O systema de Wagner a que se refere Theophile Gautier, tira ao orgão por excellencia da poesia na musica — o canto — o pretendido valor excepcional do concurso poetico no Melodrama wagneriano. Assim o sentimos, assim o dizemos com a franqueza de sempre, muito embora haja em contrario outras opiniões, e opiniões de valor technico, que a nossa não possue.

Por tudo isso a nossa admiração por *Tristão e Isolda* de Wagner se concentra na musica; como poema musical somente é que é obra prima capaz de corresponder á sua congenere poetica *Romeu e Julieta* de Shakespeare. *Tristão e Isolda* é mais symphonia dramatica do que drama musical.

Mas essa mesma admiração, é preciso dizel-o sem rebuços, não exclue o reconhecimento de que a opera se torna ás vezes fatigante pelo uso e abuso dos processos do compositor. Reagindo contra a velha opera, Wagner parece ter innovado de mais. Em todo o caso é possivel que isso se attenue e mesmo desappareça essa sensação de fadiga depois de muitas vezes ouvida, principalmente se o ouvinte tiver conhecimentos musicaes para ler sem ouvir a partitura.

Com todas essas restricções, que a maioria naturalmente sente, mas só uma minoria confessa — porque é de estylo mostrar-se entendido na musica de Wagner, pois só os eleitos a podem comprehender — ouvimos e applaudimos *Tristão e Isolda*, segundo a ultima edição que nos deu o Municipal.

Em primeiro logar citemos a orchestra. Foi um desfilar de bellezas desde o Preludio ao Final. Mais uma vez brilhou a eloquente batuta do mº. Fritz Busch.

A sra. Ella Nemethy não foi das melhores, mas não deixou de ser bella interprete da heroina. Representou, cantou com apreciavel mestria, dando mesmo excepcional relevo á morte de Isolda. Apesar de innumeros e enthusiasticos applausos, foram poucos deante do esplendor com que viveu o grande momento final do melodrama wagneriano.

A sra. Karin Branzel collaborou magnificamente no exito da representação. O grande duetto do 2º acto entre Isolda e Brangania — Brangania, aliás, notavel não só como belleza scenica mas tambem como bella lyrica.

Gothelf Pistor não nos pareceu ter sido como cantor o que foi como actor. Mas nem por isso deixou de contribuir para o successo do grande duetto do 2º acto entre Isolda e Tristão: — *Ti trovo ancora* e o hymno á noite — *Su noi discendi, notte arcana*.

O baixo A. Kipnis e o barytono W. Grossmann deram apreciavel realce ás figuras do Rei Marcos e de Kurnevaldo.

Em resumo *Tristão e Isolda* foi um dos melhores e mais applaudidos espectaculos da temporada. No fim de cada acto os cantores e o regente foram alvo de muitas e repetidas ovações. (1) *Aida*, op. em 4 actos de Verdi; libretto de Antonio Ghislanzoni, extrahido de um drama preparado por Camille du Locle, segundo uma historia tragica de amor, que, a pedido de Verdi, escreveu o egyptologo francez Mariette Bey. — Em 13ª recita de assignatura foi levada á scena do T. M., em a noite de 14 de setembro, o admiravel e admirado melodrama de Verdi — *Aida*, sob a distincta regencia do mº. A. Ferrari.

---

(1) As citações do libretto são feitas segundo a versão italiana do original allemão, por P. Floridia — O. D'A.

(*Continúa na pagina seguinte*)

NOTAS DE ARTE

(CONCLUSÃO)

Por uma coincidência feliz e fortuita, pudemos ouvir, com intervallos apenas de 48 horas duas operas das mesmas dimensões artisticas, muito embora de generos differentes — um grande typo de opera symphonica — *Tristão e Isolda*, de Wagner e um grande typo de opera melódica *Aida* de Verdi. E os que quizerem ser francos e sinceros, e não temerem o escarneo dos entendidos, hão de reconhecer que no palco, através dos cantores, sente-se mais bella a tragedia lyrica de *Aida*, que a de *Tristão e Isolda*, cuja belleza está quasi toda na orchestra. Não esqueçamos que a opera de Wagner é mais symphonia dramatica do que drama symphonico, é, por assim dizer mais opera instrumental do que opera vocal. Ao passo que a de Verdi, distribuindo a acção entre cantores e instrumentistas, destaca mais as vozes que os instrumentos.

Mas sem discutir preferencias e applaudindo a obra de arte onde quer que ella se encontre, não se precisa abater Verdi para elevar Wagner, nem deprimir Wagner para exaltar Verdi. Assim nos sentimos desigualmente iguaes, como diria Aristóteles, ouvindo o *Ritorna vincitor!* de "Aida", e o *Hymno á noite*, de "Tristão e Isolda", porque, differentemente embora, ambos os fragmentos dos dois poemas musicaes nos encantam, nos emocionam, nos dão grande impressão de belleza.

A edição da *Aida* que nos deu a Companhia Lyrica do Municipal, muito embora não tivesse a plenitude de belleza que era de esperar, todavia deixou em conjuncto bella impressão.

E' quasi desnecessario assignalar que orchestra, côros, scenarios, tudo foi de execução perfeita. Os bailados quasi todos tiveram a mesma perfeição. O acto da marcha triumphal teve quasi toda a pompa, toda a magnificencia exigida pelo libretto. Deslumbrante!

Foi nesse quadro de grande belleza statico-dynamica, no meio desses esplendores que viveram os personagens do drama, entre os quaes, é de toda justiça realçar Aida, encarnada pela sra. Gina Cigna e Amneris, pela sra. Ebe Stignani.

A grande interprete da *Gioconda* deu-nos uma Aida das melhores que temos ouvido, já como cantora, já como actriz. Desde a famosa aria *Ritorna vincitor!* até a romança final — *ó terra addio!* a sra. Gina Cigna ostentou bellezas de vóz e de arte que a tornaram merecedora dos numerosos e intensos applausos do publico.

A sra. Ebe Stignani revelou mais uma vez os esplendores da sua voz sempre fresca e avelludada, de grande poder emotivo, cantando magistralmente — *Già i sacerdoti adunansi* e *Ohimé! Morir mi sento*.

O tenor Franco Lo Giudice, devido talvez a alguma indisposição occasional, não foi feliz em varios trechos, mas cantou bem todo o 3º acto. *Pur ti riveggo, mia dolce Aida* e *Fuggiam gli ardori inospite* — mereceram os applausos com que foram acolhidos.

O barytono Carlos Tagliabue realçou bastante a figura de Amonasro. *Questa assisa* e o grande duetto — *Cielo! mio padre!* — interpretou-os com bella voz e bôa arte, pairando em plano semelhante ao de sua parciaria, a soprano Gina Cigna.

Santiago Font e Alessandro Sergento concorreram apreciavelmente para a harmonia do conjuncto.

Registemos ainda o realce que deram aos bailados quasi todos os dançarinos, especialmente Ruth Marka, Ruth Harris, Luiza e Maria Carbonel, e a maior parte das solistas.

Apesar de todas as restricções que se possam fazer, e dentro da relatividade do nosso julgamento, a representação de *Aida* foi em conjuncto bello espectaculo.

OSCAR D'ALVA

O MALDITO

De BERESFORD MOREIRA

A noite descia soturna sobre os valles, quando, faces pallidas de chorar, olhos vermelhos pelas lagrimas, "Sá" Thereza levantou a cabeça e relanceou desvairadamente a vista pelos quatro cantos do casébre.

Num desses, jogado sobre uma cama, os braços pendidos para fóra, o pescoço sanguinolento, rubras as roupas, todo rubro, "seu" Joaquim tremia nos ultimos alentos.

"Sá" Thereza, cambaleante, approximou-se da cama vermelha, e, tremendo, tremendo, a compôr os cabellos esparsos do pobre moribundo, poz-se a chorar novamente.

O ensanguentado, vendo-a assim, ergueu-se um pouco, num esforço titanico, e disse:

— Não chores, Thereza. Foi melhor assim.

— Mas "elle" devia respeitar-te. Foste tu que o criaste, quando, pequenino, enfezado veio ao mundo. Foste tu que limpaste, sorridente, as suas vestes, e que até hoje, carinhosa e bom, guiaste pela vida. "Elle" foi mau.

— Muito mau!

Uma golfada de sangue escorreu, de entre os dentes cerrados do moribundo, para a sua camisa rasgada, esfiapada depois da luta com o ser indomito.

O moribundo soltou um gemido doloroso, e, olhos abertos, mãos crispadas, retorceu-se na cama.

— Mas ha um Deus sobre o mundo. E Deus recompensará...

Não poude terminar. Outras duas golfadas de sangue varreram-lhe a pobre camisa, e elle, o pobre do "seu" Joaquim, o unico homem que, redondeza a fóra, um dia se apiedára de uma pobre mulher largada nos chapadões tristonhos, viuva a criar um filho, se immobilizou num ultimo tremito de vigorosas contracções.

"Sá" Thereza poz-se a soluçar dentro da treva. E a noite soturna descia, lerda, lerda, monotona, soturna, cheia de resonancias abafadas, cheia de coxichos longinquos, de fluidicos esgares, sobre os valles tristes...

* * *

Dentro da noite, sopeando as rédas flácidas da montaria veloz, Antonio parou a meditar. Jamais gostára — lembra-se bem — de "seu" Joaquim. Por que? Não sabia. Talvez porque fosse bom demais. E elle não gostava de bondades. Carinho — é para mulher — pensava elle. Ademais aquella protecção insistente do velho, uma protecção que o quebrava no seu orgulho, porque o protegia contra tudo e contra todos... Não! Aquillo só podia termi-

(Cont. na pag. seguinte)

nar assim. Aquella noite... Naquella noite, "seu" Joaquim, o homem bom demais, lhe ralhára muito. E logo porque! Porque, como um rapaz, forte e valente, andava a rodear, pelas horas caladas da noite, o casebre, onde, sozinha com Deus, Suzana orphã concentrada num grande soffrimento, passava a curtir, em longos silencios, a dôr enorme de um isolamento infinito.

— Terás que respeitál-a, Tonio — disséra-lhe "seu" Joaquim, lançando-lhe olhares zangados.

— O senhor não é meu pae. E eu farei o que bem entender!

E foi assim, com poucas trocas de palavras, que a tragedia se desdobrou num leque de sangue, a gottejar, macabramente, sobre o rancho pobre.

* * *

Um olhar atrevido. Um gesto inconfundivel. Um punhal a chispar como uma estrella. Um golpe surdo. Um *ahi!* doloroso. Um grito estertorante de "sá" Thereza. E tudo acabado. E elle em procura de aventuras, sombrio, attento, irritado, bronzeo, dentro da noite...

* * *

Bateu de leve, a chibata nas ancas do animal.

O MALDITO

(Continuação)

presente, o maior presente do pobre "seu" Joaquim... Tudo era silencio em redor quando franqueou, resoluto, altivo, a porteira do sitio. Uma gargalhada surda — dos gonzos enferrujados, de alguma coruja agoureira — chegou-lhe ao ouvido. Olhou em redór.

A' beira da estrada, quiéto, negro, negro, um vulto parecia debruçado para si mesmo, a fitar a terra.

— E' lá! Quem está ahi!

E tocou o cavallo, arripiado, para o vulto silencioso. O desconhecido ergueu a cabeça. Anto-

DENTRO DA NOITE

E' meia-noite. O mundo está sonhando...
Um luar de prata lá no céu sorri.
A serenata vem se approximando...
Só eu estou soffrendo... e penso em ti!

A dolencia da musica me embala
E eu rememoro tudo o que vivi...
Ouvindo a voz da noite que me fala,
Ouvindo a serenata, eu penso em ti...

Os sons aos poucos vão se dispersando
No silencio da noite enluarada.
Já todos dormem o seu somno brando,
E eu penso em ti, oh minha dôce amada!

As estrellas no céu estão luzindo
Sobre o luar mais lindo que eu já vi.
E, emquanto todo o mundo está dormindo,
Meu amor, meu amor, eu penso em ti!...

LISBÔA DA SILVA

nio sentiu o coração contrahir-se-lhe abruptamente. Dentro dum abysmo bornóz, escuro, uma caveira fitava-o. E os dentes ponteagudos, escalavrados dessa caveira branca e rispida abriam-se para lançar-lhe ao rosto o grito estertorante de "seu" Joaquim:

— Maldito!

Poz o cavallo a galope, olhando de vez em quando para traz. A principio, pensou ter-se illudido. Numa curva, porém, de caminho, na mesma posição, outro vulto, eis não o mesmo parecia esperál-o.

Riscou o ventre do animal cansado com as esporas. E, tremendo, tremendo, matta a dentro, fóra da estrada, rumo ao sem destino, poz-se a galopar, encolhido, sem poder olhar, lançar siquer uma vista para traz. Um tropél maior fêl-o voltar-se, porem.

E os cabellos arripiaram-se-lhe na cabeça, emquanto um suor frio, como uma rajada de neve, lhe empapava a testa franzida.

Por todos os cantos da estrada, pelo ar e pelas relvas, um batalhão sombrio de vultos estranhos parecia seguir-lhe as pegadas na matta. E, como um zumbido de insectos, de abelhas, lhe chegava ao ouvido, entre estalos de queixos emperrados, a palavra tremenda:

— Maldito!

Inconscientemente, rumou, para o rancho pobre de Suzana, a alimaria esfalfada, procurando tapar os ouvidos á gurgitação dos zumbidos macabros.

E foi, cambaleante, a fremir, que, sem forças, bateu os dedos na porta do casebre.

— Quem bate? — perguntou alguem.

— Eu... um viajante. Teve forças ainda para responder sentindo que todos os fantasmas o cercavam sobre elle, e já, funebremente, iam a lhe apertar o pescoço.

— Póde entrar!

E a porta escancarou-se.

Entrou, fechando depressa a porta. Mas, relanceando um olhar pela sala, viu, tremendo, quasi enlouquecido, que, a um canto debruçado para si, fitando o solo massapé da cabana, um vulto parecia dormir.

Não se conteve mais. No seu coração de bronze de caboclo rude, mettediço e valente, o odio sobrepujou o médo. Enterrou o chapéo na cabeça, e, como a "seu" Joaquim, investiu de punhal em riste contra a fantasma. A caveira fez-lhe frente, porem.

E a luta travou-se ali. Surda, abafada...

* * *

E quando, horas depois, Suzana, após ter preparado o café da noite, voltou lá do fundo do casebre grande e isolado, encontrou, olhos arregalados, com um talho enorme no pescoço, braços pendentes para fóra de uma cama, sob que se jogara ou fôra jogado, um homem a morrer.

O isolamento naquellas paragens fizera-a intemerata. Largando a canequinha, aproximou-se do moribundo.

Sentou á beira da cama, e procurou voltar para si o rosto do desconhecido.

E, como que contagiada pelos ultimos fremitos de vida esmaecente naquelle corpo, estremeceu, tambem fremiu.

E emquanto elle, Antonio, golfada sobre golfada, morria num lago de sangue, ella, como "sá" Thereza poz-se a acariciar-lhe os cabellos desgastados, suarentos, esgravinhados.

E quando o maldito ergueu, uma ultima vez, o olhar para ella, por certo, viu que ella chorava, e talvez nessas lagrimas de mulher tivesse haurido um segredo doloroso e dulcido — o segredo de uma existencia isolada de tudo, menos das tendencias super-humanas do coração.

E elle, o maldito, o maldito, morreu a sorrir...

(*De "Os Heroismos Quotidianos"*)

Braços

que se movem

Vagarosos

Quando os ponteiros andam demasiado lentos e o relogio se atraza, a correcção desse defeito é facil: basta mover a agulha entre as lettras F e S no verso do mostrador. ■ Quando os braços do empregado movem-se demasiado lentos e é evidente a diminuição de sua efficiencia individual, o caso é mais complexo. ■ A machina humana póde ser affectada por innumeros factores. ■ A insufficiencia de luz, por exemplo, cansa os olhos e cansa o corpo. ■ A luz inadequada retarda a efficiencia. ■ E não admira que num escriptorio mal illuminado ás 4 horas o empregado cansado fite insistentemente o relogio, ancioso pela hora da sahida. ■ Illumine abundantemente e convenientemente o seu escriptorio. ■ Collaborará assim para a saúde physica dos seus auxiliares e o melhor aproveitamento das suas horas de trabalho em seu proprio beneficio.

DOS SEUS OLHOS

FON-FON

NUMERO 38

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1934

«A' hora da quinta prece.»

LLAH seja comvosco!

A mesquita do Sonho e da Poesia acolhe os romeiros do deserto. Venho de pouso remoto, numa incessante caminhada, á rutila protecção das estrellas, que compensam, pelas noites a dentro, das agruras do areial e da soalheira, o conforto votivo dos peregrinos.

A ultima parada me adoçou a bôcca com o mel das tamaras frescas. E o desenho animado das nuvens decorou no céu a paizagem do Libano.

Esta manhã, Scheherazade continuou a contar a sua historia maravilhosa e disse que Aladino projectaria sobre os cedros seculares, as montanhas da Syria e os pincaros da Palestina — a luz da sua lampada encantada. E que estivessemos todos aqui, ungidos de fé, *á hora da quinta prece*...

O officiante não sou eu. Eil-a, sem o *mandil* do seu rito, sem as prohibições do Alcorão, sem as advertencias rigorosas de Mahomet: Diva Jabôr, autora de um livro de poemas de fascinante inspiração oriental.

... Cáe a tarde. Cada um de nós tem na sua imaginação um deserto a percorrer; um oásis a encontrar; uma oração a fazer; um sonho a erigir; uma vida a sublimar; um obstaculo a transpôr; um amor a resguardar.

E' a *hora da quinta prece*... Que Allah nos inspire. E as areias do deserto não queimem a palma dos pés, nessa peregrinação á Mecca da Fantasia!

(Palavras de apresentação do livro de poemas de Diva Jabôr, no Studio Nenê Barouliel, na tarde de 5 de setembro de 1934.)

Fui dos primeiros que animaram a fonte de inspiração e de poesia da já victoriosa autora deste livro.

O feitio pessoal, a sensibilidade ardente, o estranho temperamento, a intelligencia viva e inquieta da menina, que apenas abria os olhos ao deslumbramento emocional da vida, annunciaram, desde logo, ao meu obscuro senso critico, as linhas mestras de uma impressão magnifica.

Diva Jabôr é uma natureza artistica e possue a esquisita seducção de uma alma ancestral, traduzida em brasileiro através do sangue libanez de seu pae, poeta na sua lingua, sonhador tambem, nostalgico das sombras das tamareiras e das harmonias amorosas dos alaúdes de sua terra.

"A' Hora da Quinta Prece" é um cartão de visita de poeta, que dispensa outras apresentações.

Sou demais nesta cerimonia. E se aqui me ouvis não é para, investido de autoridade, annunciar-vos a poetisa. Não. Vim recolher os fieis retardatarios e encaminhál-os ao logar da devoção.

Silencio: O *muezzin* dá o ultimo signal da chamada musulmana.

O vulto da mesquita desenha um contorno evocativo no fundo da paizagem crepuscular. A alma da mais remota antiguidade paira propiciatoriamente na sombra. E o silencio officia a oração de Mahomet. E' a hora da quinta prece.

Allah esteja comvosco!

Dovina Cavalcanti

O illustre jornalista Casper Libero, director da «Gazeta», de S. Paulo, na séde da Associação Brasileira de Imprensa, onde foi recebido pelo presidente da instituição e outros collegas cariocas. Ao centro, flagrante da visita do escriptor e jornalista britannico Campton Mackenzie. Em baixo, a nossa joven e brilhante collega Jenny Pimentel de Borba entre directores da A. B. I., na tarde em que esteve na séde da rua do Passeio para agradecer os votos de congratulações da directoria da Associação pelo apparecimento de sua revista «Walkyrias».

SÃO meus os teus olhos.

A esmeralda adejante de um vagalume foi feita para, indiscreta, no meio dos rosaes, brilhar entre o neivado dos pollens, entre o epithalamio aromal das corollas, dentro do silencio da noite adormecida, sob o rocal lentejoulado da via-lactea; a conta tremeluzente, alada, de um pyrilampo, inflamma-se para, furtiva, surprehender o idyllio dos ninhos entre o segredo dos frouxeis.

Para os nautas, na indecisão da róta sobre as ondas, chammejam os pharóes nos alcantis, e luzem, entre os flócos da espumarada, a illusão do oiro na tremulina phosphorescente das aguas, e, como verde migalha de esperança, si a noite é de procella, reluz a scentelha de um santelmo no penol fremente dos mastros.

Mas os teus olhos são meus!

Entreabre-se em docel, para o amor, num desmaio de opalas incendidas, o luar, e resplandece de astros, amplo e rútilo, o firmamento, para guiar, com as altas bussolas accesas das estrellas, pelo oceano, os veleiros sem rumo, pelo deserto, os beduinos sem destino!

Deus accendeu uma lampada para a vida, aquecendo os berços; ateou um lume votivo para o mysterio, illuminando os altares; fez arder a chamma de uma pyra para a glorificação immortal, deante de uma ara ou sobre um pedestal.

Esplende, deslumbrando a todos e a tudo acalentando, na perpetua vigilia da luz, na apotheose flammivola dos céos, o sol, para a oblação dos perfumes, para a genuflexão das florestas, para a resurreição dos vitraes chimericos dos lagos e dos rios!

Mas os teus olhos são meus...

Deus, sabendo que os teus olhos seriam só meus, só para clarear o meu destino, só para aquecer a minha vida, Deus, numa noite de treva, para não despertar a inveja de ninguem, apagando todas as luzes fatuas da terra, todos os astros tremulos do céo, pôz, em seda diluida, sobre os teus olhos, as duas aspas negras dos teus cilios...

(Do livro "Brinquedo").

O MANTO DE ARLEQUIM

«Todo amôr que chega é um deslumbramento». Em torno desse thema bonito, Paulo Gustavo, o poeta tão apreciado e querido pelas mulheres, desdobra, ainda uma vez, a sua arte lyrica. E' que, nos seus livros anteriores, — «Divina amargura» e «Por amôr ao meu amôr» — o poeta, de sensibilidade tão fina, se revela um emotivo exaltado pelas coisas suaves do coração. Agora, elle nos dá um novo poema — «Era uma vez uma illusão»; e, nessas paginas de emoção e de sonhos, o lyrico gentil denota, em versos de accento melancolico, e de encantamento ineffavel, que «todo amôr que chega é um deslumbramento». Paulo Gustavo, na sua nova obra, apurou as suas qualidades intrinsecas de poeta. Por isso, «Era uma vez uma illusão» ha de ser acolhido com carinho, pelos seus admiradores.

OS TUAREGS

Os tuaregs são um povo antiquissimo e mysterioso que habita a região do Hoggar, no deserto do Sahara. Sua origem é um enygma. Uns os julgam descendentes de Berberes. Outros, de ascendencia atlante.

Elles conservam a antiga escripta berbere de linhas e pontos, caracteres chamados tifinass, que foi a de todos os povos de antanho na Africa do Norte. Nesse alphabeto, figura a cruz, bem como nas suas armas, ornatos, roupas e tatuagens.

Os tuaregs respeitam a palavra dada, detestam a mentira, não furtam e demonstram sentimentos cavalheirescos: lealdade, caridade, magnanimidade, bravura, paciencia e odio a qualquer tyrannia.

Suas mulheres em geral são mais instruidas do que os homens e gozam de grande respeito nas suas tribus, nas quaes se professa a monogamia. São as mulheres tuaregs que guardam o alphabeto, lêem e escrevem, cantam e tocam o seu instrumento musical, o imzaden. Ellas exaltam os guerreiros corajosos e injuriam os menos valentes.

Os tuaregs são altos e fortes, esbeltos e resistentes, preguiçosos e ao mesmo tempo infatigaveis. Vivem do leite de seus rebanhos de cabras e camellos, e das sementes de gramineas que móem entre duas pedras, para obter uma especie de farinha.

Quando Roberto Gil estreou, em 1928, com o seu poema «Verbo das sombras», já se revelava um artista. Apparecia feito. As directrizes da sua arte já estavam definidas. Roberto Gil surprehende-nos, agora, com um novo poema, de feição modernista, — «Multidão». Nessa nova obra, porém, o poeta, fugindo aos moldes classicos, libertando-se dos velhos canones poeticos, consegue crear alguma coisa de novo, sem, comtudo, chocar os temperamentos artisticos com o arrojo de idéas mais ou menos ridiculas, destinadas a irritar os que respeitam e cultuam as expressões puras da Belleza. O seu poema «Multidão» é, afinal de contas, o homem e a vida moderna, vistos sob um prisma novo da sua arte. E' por isso que o poeta se destaca da mediocracia rotulada de «poesia moderna».

Raça curiosa, lembra os guerreiros da idade media com suas vestes talares, seus grandes escudos de couro, suas lanças, suas espadas de copo em cruz e seus rostos cobertos de véus. Veiu não se sabe de onde e conserva os habitos e usos, superstições de outras eras. O Monte guarda ao deserto silenciosamente á espera da passagem da civilização que a aniquilará como já aniquilou a tantos outros. E' uma das ultimas testemunhas da humanidade primitiva.

Na apparencia, são mussulmanos. Sob essa apparencia se notam os vestigios dum velho culto solar que, apesar dos seculos e da conversão desses nomades ao culto de Mahomet, palpita ainda no fundo do seu coração. Apesar do alcorão permittir a poligamia, elles são monógamos. Não jejuam no Ramadan e chamam ao Deus Unico não Allah, mas Amanai, Senhor da Luz, que lembra o nome do deus egypcio Amon, divindade solar, vinda da primitiva raiz M N, o ente occulto, significando "a força da natureza que age occulta."

O tuareg, alem disso, faz orações á terra e á lua, sepultando os seus mortos em posição embryonaria, de face voltada para o oeste, para o lado onde tem de ir esconder-se, como o sol.

Esse povo antigo é um mysterio que tem desafiado e ainda vae desafiando a curiosidade dos sabios.

[illegible]

Ildefonso Simões Lopes Filho, joven intellectual gaúcho, que acaba de publicar em elegante «plaquette» o seu discurso «Pela Brasilidade», pronunciado na Assembléa do Rio Grande do Sul.

Sabbado último, realizou-se, no palacio São Joaquim, expressiva homenagem a d. Sebastião Leme, a quem foi entregue, em brilhante solennidade, presidida pelo mais alto espirito de respeito e apreço ao chefe da Igreja Brasileira, o marmore-estatuario «Crucifixo», que um grupo de catholicos offereceu a sua eminencia como lembrança do Primeiro Congresso Eucharistico Nacional. E' um aspecto dessa manifestação o que focaliza o nosso «clichê».

O dr. Agamenon Magalhães, ministro do Trabalho, foi recebido, sabbado á noite, pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, em cuja séde, no edificio do Syllogeu, realizou interessante palestra juridica sobre a ordem economica e social da nova Constituição Brasileira. No grupo do «clichê» vê-se o ministro Agamenon Magalhães entre os advogados presentes.

A Associação dos Artistas Brasileiros acaba de conquistar uma grande victoria com a assignatura do decreto municipal que a reconhece de utilidade publica e lhe concede outros relevantes beneficios, como uma séde permanente, no edificio do futuro Theatro da Comedia, e assistencia medico-cirurgica aos seus associados. Deve-se a excepcional conquista da A. A. B. ao seu actual presidente, dr. Celso Kelly, que, nas «démarches» realizadas nesse sentido, contou com a bôa vontade do interventor dr. Pedro Ernesto, apreciador das artes e amigo dos artistas. A cerimonia da assignatura do decreto em questão foi solenne. Os artistas da A. A. B. promoveram, por occasião da mesma, significativa homenagem ao dr. Pedro Ernesto, a quem se dirigiu, em nome de todos, para saudar a s. ex. e agradecer-lhe o acto, o dr. Celso Kelly.

Professor A. Austregesilo.

DOIS NOVOS LIVROS DO PROF. AUSTREGESILO

O prof. A. Austregesilo, que se notabilisou na literatura medica brasileira, com os seus livros Pequenos males e a A Cura dos nervosos, não interrompeu a série — que é longa — de trabalhos do mesmo genero, e de reconhecido valor. Com essa actividade mental do noite neurologista patricio e membro da Academia de Letras e da Academia Nacional de Medicina, muito ganharam as letras do paiz, que foram enriquecidas com uma collecção de obras úteis, sob todos os aspectos. Senhor de um estylo claro, harmonioso e encantadoramente simples, o notável scientista e homem de letras [illegible] e realizou duas novas obras, que acabam de apparecer nas livrarias da cidade: Viagem interior e Pensar, sentir e atuar, ambas assignaladas pelo sinete de um espirito observador e profundamente analysta. No primeiro, é o psychiatra, que esclarece questões de ordem psychoanalyticas e que, por isso, se tornam accessiveis a todos; no segundo, encontramos o critico, o historiador e sociologo que nos revela coisas interessantes, em relação ao meio e ao indivíduo. Ambas, magníficas e editadas pela Schmidt Editora e pela Editora Guanabara.

Feira de vaidades

PENA ORIGINAL

Os Estados Unidos são, não ha duvida, o paiz mais curioso do mundo, em materia de liberdade.

Agora mesmo as revistas americanas publicam o retrato de uma encantadora girl, que foi condemnada a quatro dias (4 dias) de prisão num penitenciario de Buffalo.

O motivo da original pena foi de desobediencia aos paes.

A rapariga chama-se Pearl Ferger e o magistrado, que a condemnou, George Woltz.

Pearl Ferger tem dezoito annos e um namorado. Ora, os paes da enamorada girl não se conformaram com os passeios da pequena em companhia do seu amado. Prohibiram-na de sahir. Ella desobedeceu.

Fallindo a autoridade paterna, houve o recurso da autoridade judicial.

E foi assim que Pearl Ferger se viu a "martyr" desse processo, puro seculo XX.

O cliché publicado nas revistas dá uma idéa da [illegible] do seu [illegible].

A physionomia risonha de Pearl Ferger dá bem uma idéa do sacrificio imposto á desobediente miss, que, pelos modos, fez questão de posar para os photographos, como quem manda ao seu namorado uma expressiva lembrança do cárcere...

Os Estados Unidos são, [illegible] em materia de liberdade!

LUCIANO

RUA DO OUVIDOR

A tarde cahia mansamente. A linda arteria central formigava. Iam e vinham, em onda sempre renovada, os borbotões de transeuntes. A rua do Ouvidor offerecia á cidade maravilhosa o espectaculo de uma vitrine animada. Era o desfile das elegancias no sobrio traje de passeio, consagrando o bom gosto dos cariocas. Era a apresentação das graças e das seducções do typo inconfundivel da brasileira do Rio, que em tudo imprime uma nota caracteristica, pessoal.

E a rua do Ouvidor, na hora linda do entardecer, parecia ter sido feita para o encantamento desse passeio habitual da formosura carioca...

* * *

O reporter, postado no seu cantinho de observação, colhia flagrantes do brouhaha metropolitano, ora surprehendendo aqui uma palavra amorosa, ora reconhecendo acolá um antigo *flirt*, que não chegou a definir-se.

Passam artistas. Transitam pessôas, cujos nomes andam no cartaz.

E eu fico a pensar que esta secção é uma insignificante miniatura daquella *feira de vaidades*...

* * *

Vejo na multidão: senhora Juvenal Murtinho Nobre, senhora Martins Capistrano, senhora Nené Baroukel Fortes, senhora Braz de Pinho, senhora Nelson Pinto, senhora Francisco Martins Netto, etc.

Os motivos luminosos dos annuncios a gaz neon emprestam ás sombras do crepusculo os primeiros effeitos decorativos.

A rua do Ouvidor parece ainda mais bonita...

* * *

Tomo nota de alguns nomes conhecidos. Vejo as senhoritas Lucia Lobo, Ruth Santiago, Simone Lewy, Celia Fabricio, Lourdes Nelson Machado, Maria Amelia Thompson Motta, Laura La Rocque Rodrigues, Baby de Sousa e Silva, Heloisa Helena de Almeida Gama, Sonia Liberalli, Maria Heloisa de Araujo Jorge, Celinha Almada, Leonor Mattos, etc.

A pequenina grande declamadora Dalila Geraldo, ainda radiante com o exito do seu recital, sorri cheia de felicidade...

CORRIDAS A' NOITE

FALA-SE na possibilidade de, a exemplo do que aconteceu recentemente no famoso prado de Longchamps, ir o Jockey Club promover corridas á noite.

A noticia voou célere nos meios turfistas e mundanos, tudo fazendo crer que, a vir confirmar-se, terão os cariocas a sua *great attraction* do proximo verão.

O exito obtido com os jogos de *foot-ball* á noite é uma garantia dos *meetings* do nosso hyppodromo, á luz de possantes projectores.

Tudo é favoravel á idéa, que se diz em marcha: a benignidade da temperatura, a novidade mundana, a sensação nova da elegancia que a sociedade do Rio vae experimentar, com o pensamento nas noites luminosas de Longchamps...

SOBRE O AUTOR DE "SONETOS E RIMAS"

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR foi um dos maiores poetas do Brasil. A fama do seu estro encheu o seu tempo, sendo objecto de fervorosas admirações das mais altas e cultas personalidades.

O seu extraordinario valor passou por herança aos filhos, destacando-se, como escriptores representativos da nossa época, a senhora Iracema Guimarães Villela e o academico Luiz Guimarães.

Prestando agora um notavel serviço ás letras nacionaes, dona Iracema escreveu para a secção de bibliographia das publicações da Academia Brasileira um ensaio bio-bibliographico de seu illustre pae.

E' esse trabalho, primoroso na sua fórma, exacto e elegante, que está servindo de objecto ás mais justas manifestações da critica literaria.

Dona Iracema Guimarães Villela, que é autora consagrada de varios trabalhos de ficção, deu a esta brochura da Academia uma grande projecção. E' um resumo magnifico da vida do inspirado cantor dos "Sonetos e Rimas", com o precioso complemento das notas de critica mais expressivas, consagradas ao grande poeta.

Sobre ser um fidelissimo ensaio bio-bibliographico, é uma admiravel collaboração da festejada escriptora á obra de selecção dos valores mentaes do Brasil.

Está de parabens a Academia de Letras pelo trabalho, que realizou a filha illustre de Luiz Guimarães Junior, o poeta immortal da "Visita á casa paterna".

LUCIANO

DIPLOMATICAS

AO senhor ministro das Relações Exteriores e senhora José Carlos Macedo Soares, o embaixador do Chile e senhora Marcial Martinez de Ferrari offereceram um banquete, no palacio da embaixada, á rua Senador Vergueiro.

A alta sociedade carioca e as rodas diplomaticas já se acostumaram a homenagear nos illustres embaixadores um finissimo casal, de captivantes e seductoras maneiras.

E', pois, reconhecida e proverbial a sua fidalguia. Por ter enfermado a embaixatriz, substituiu-a nessa homenagem ao chanceller brasileiro e a sua digna esposa, a sua gentilissima filha senhorita Carmen Martinez Prieto.

* * *

Tomaram parte no banquete, alem das pessôas referidas, de outros convidados e do pessoal da embaixada, o embaixador do Perú e senhora José Prado; o senhor e senhora Felix Pacheco, o ministro da Bolivia e senhora Carlos Calvo, o embaixador Oscar Teffé e senhora, o ministro da Rumania e senhora Zanfiresau, a senhora Shaw, o senhor e senhora Silveira Martins Ramos.

CHA'-DANÇANTE

ALCANÇOU um magnifico exito social a tarde dançante promovida pela Sociedade Polono-Brasileira Kosciuszko, nos salões do Botafogo F. C., no dia 14 ultimo.

O comparecimento de illustres damas e gentilissimas senhoritas da elite social carioca assegurou, de antemão, o brilho da encantadora festa.

Os salões do Botafogo acolheram uma sociedade deveras elegante.

E a tarde dançante, em beneficio das victimas das recentes innundações da Polonia, resultou numa reunião distinctissima, fulgurante.

* * *

Cercada de amigas, via-se a veneranda viuva Ruy Barbosa, que honrou com a sua presença a linda festa de beneficencia. Esteve tambem presente a senhora Getulio Vargas, alem de muitas outras damas da alta sociedade e da diplomacia.

Sentia-se um ar de distincção e de elegancia pairando sobre tudo.

O Botafogo deve ter-se envaidecido da escolha dos seus salões para essa reunião primorosa de gosto e de finura.

* * *

Serviram o chá, entre outros elementos do escol social carioca, as senhoritas: Yolanda Couto, Luly Gouveia Vieira, Yolanda Bolognesi Guimarães, Gisela Guimarães Pinheiro, Jandyra e Alzira Vargas, Celina Corrêa, Maria Eugenia Oliveira Castro, Julieta Sereno, Lisette Pinto, Maria Alzira Pontes, [illegible] Miranda, Julia Silva Araujo White, Laura Smith Vasconcellos, Lourdes do Carmo, Maud Cunha Menezes, Vera Pereira de Souza, Izabel Rodrigues Pereira, Lilian Fortunato de Brito, Nair Teixeira Leite, Maria Luiza Aragão, Henriette Hollanda, Laura Carvalho e Rosa Maria Heinzelman.

* * *

O reporter viu mais, na grande assistencia, a senhora Agamenon Magalhães, a senhora Arthur de Souza Costa, a senhora Góes Monteiro, a senhora Protogenes Guimarães, a embaixatriz Cavalcanti de Lacerda, a embaixatriz [illegible]tosa, a senhora Cardoso Fontes, a senhora Marques do Couto, a senhora [illegible] Calmon, a senhora Rubens de Mello, a senhora Walter Sarmanho, a senhora Noemia José Maranhão, a senhora Maria de Sequeira Queiroz, a senhora Flavio Almeida Fagundes, a senhora Eduardo Martinez de Hoz, a senhora [illegible] Silveira, a senhora Santos Lobo, etc.

AUTOMOVEL CLUB

PASSANDO a 27 do corrente o anniversario do Automovel Club do Brasil, esta aristocrática sociedade, como faz todos os annos, dará nesse dia o seu grande baile de gala.

Em torno da festa tradicional do Automovel Club anima-se uma ansiosa espectativa, interessando aos mais altos circulos sociaes do Rio.

O baile deste anno promette revestir-se de um esplendor mundano e de uma elegancia social irreprehensiveis.

PONTO CHIC

TEM sido muito concorridas as tardes de quinta-feira, no Ponto Chic.

O aperitivo da moda é tomado agora na bonita confeitaria, que vem acompanhando a transformação do Rio, desde os famosos tempos da Alvear.

* * *

Registrei na ultima semana a presença das seguintes pessôas: senhora Annibal Nelson Machado, senhora Isidro Figueiredo, senhora Araci Povina Cavalcanti, senhora Bertha Pinto de Moraes e senhoritas Elza Xavier da Costa, Maria Carmen de Gouvêa, Lulú e Elza Boettcher, etc.

"BRIDGE-PARTY"

NOS salões do Automóvel Club do Brasil um grupo de senhoras promove, esta semana, uma animada partida de bridge, em beneficio do Patronato Operario da Gávea.

Essa reunião resultará numa esplendida festa de elegancia, coroando os nobres e generosos sentimentos dos distinctos elementos, que a promovem.

A inscripção dos nomes garante o exito. Accresce que para a senhora e o cavalheiro, que fizerem mais pontos nos quatro primeiros "rubbers", haverá um lindo premio.

* * *

Já se acham inscriptos: a senhora Alberto de Faria, a embaixatriz Feitosa, a senhora Afranio Peixoto, a senhora Martinez de Hoz, a baroneza de Saavedra, a senhora Franklin Sampaio, a senhora Octavio Simmonsen, a senhora Luiz Liberal, a senhora José Machado, a senhora Renato Lago, a senhora Mario Chagas Doria, a senhora José Lampreia, a senhora Carlos Fonseca Costa, a senhora Leal Teixeira Filho, a senhora Affonso Bandeira de Mello, a senhora Eugenio Catta Preta, a senhora Renaud Lage e as senhoritas Heloísa de Farias, Irma Muniz Freire, Isaura Liberal e Laura Barros Moreira.

"MOT DE LA FIN"

A vida é uma successiva representação de actos contradictorios. Cada dia é uma expressão nova na ordem dos factos sujeitos á inspecção humana.

* * *

No tumulto de emoções, em que se aprofunda a nossa sensibilidade, a gente não sabe a que attribuir as mudanças do nosso tempera-mento.

* * *

Sentimentos que, um dia, parecem enraizados na alma humana, assumem no outro dia uma feição puramente epidermica.

* * *

Que estranha malignidade preside á vida moral dos individuos, que os faz assim tão contradictorios?

* * *

Mercê de Deus, não nasci assim. O meu defeito é uma constancia tanto maior, quanto mais ferida....

VIDA DE MALANDRO

NO bolso de um malandro, victima de um encontro com a policia, á qual offereceu resistencia, vindo a cahir morto, foi encontrado o seguinte bilhete: "Casa de Detenção. 1. 9. 34. Moleque 80: Eu soube que V., depois que sahiu daqui, não arrespeitou os nossos tratos, e anda de chamêgo com aquella mulher que andava commigo. Lhe digo que tome vergonha e não me apoquente a mulher, que do contrario és um home entralhado commigo. Sô da Bahia e tu sabe que nas minhas bandas a agente atira na menina do olho pra não estragá as pestana. Ella miscreveu dizendo que tu anda te fazendo de besta. Desde esse dia não tenho pregado olho e perdi inté o appetite. Logo qui eu me ponha lá fora tás no necroterio. a) Jorge Pereira de Avellar, vulgo 125."

Eis ahi o curioso documento de uma psychologia morbida, contra a qual a reclusão do carcere não dá remedio. Pelo contrario, ainda lá dentro, com o sangue a ferver, o detento ameaça o companheiro cá de fóra por causa de uma mulher, pelos termos do proprio bilhete, sem maior importancia na sua vida. "Aquella mulher que tudava commigo..."

E por essa creatura, entre as paredes da prisão, o malandro não sonha a liberdade, mas o ensejo de tirar uma vingança sanguinaria, com a certeza, embora, de tornar ao carcere, talvez pelo resto da vida...

LUCIANO

O America Football Club iniciou domingo passado os festejos commemorativos do 30.º anniversario de sua fundação com uma encantadora reunião infantil, que se realizou pela manhã, no Gymnasio da séde, e á qual se seguiu uma competição sportiva em que tomaram parte os dois «teams» ahi focalizados, juntamente com um flagrante da festa da petizada americana.

Em beneficio das creanças pobres do Rio de Janeiro, realizou-se, sabbado ultimo, no salão nobre do Collegio Jacobina, por iniciativa das ex-alumnas daquelle estabelecimento de ensino, um lindo chá de caridade. Estiveram ali reunidas, num ambiente de fina espiritualidade, as figuras mais representativas da nossa melhor sociedade. O «cliché» focaliza um aspecto dessa festa elegante, onde a nobre iniciativa das ex-alumnas do Collegio Jacobina foi altamente elogiada.

A data do 25.º anniversario do principe d. Pedro Henrique de Orleans e Bragança, que passou a 13 deste mez, foi motivo para varias homenagens prestadas, nesta capital, ao joven herdeiro presumptivo do throno do Brasil, que reside, actualmente, em Mendelieu, na França. Entre essas homenagens figuraram uma missa votiva, celebrada na igreja da Cruz dos Militares, e uma sessão solemne, promovida pelos admiradores de sua alteza, na séde da Sociedade dos amigos de Alberto Torres, onde o dr. L. Nobre de Almeida realizou interessante palestra sobre «O destino imperial do Brasil». Focaliza o nosso «clichê» um aspecto desta ultima solennidade, vendo-se, ao lado, a mais recente photographia do principe d. Pedro Henrique de Orleans e Bragança.

VELHICE

No azul cinza da tarde muito fria, a um canto de jardim, a sombra alta e negra de um cypreste se alonga tristemente para o infinito.

Sozinho, sem luz e sem fructos, a Feia sombra, na tarde cinzenta, lembra a imagem do soffrimento.

Esguio, fino, muito fino e já velho, o cypreste lembra um velho que nunca teve uma caricia.

Desolado, vive na treva e no abandono...

Seus galhos longos nunca viram flores.

Elle parece até que chora...

Triste... E, entre as outras arvores felizes, a alegria dos pássaros cantando...

E no abandono, assim, sempre só, a arvore alta nunca ouviu cantar, entre os seus galhos, a alegria dos passaros no ninho...

Esguio, fino, muito fino, o cypreste alonga a sua sombra no jardim...

E um grito verde e longo de desespero se alonga no infinito...

Paulo Freitas

O Centro Alagoano commemorou o 117.º anniversario da emancipação politica do Estado de Alagôas com uma sessão magna, que serviu, ao mesmo tempo, para festejar o 34.º anniversario da fundação do Centro e a posse de sua nova directoria. Compareceram á brilhante ceremonia, da qual foram oradores entre outros, os drs. Povina Cavalcanti, Virgilio Antonino de Carvalho e Mario G. de Araujo Jorge, os generaes Góes Monteiro e João Gomes Ribeiro e o dr. Luiz Aranha, a quem foram conferidos, respectivamente, os titulos de socios de honra e o de benemerito.

NO ITAMARATY

Afim de prestar uma homenagem de despedida ao embaixador do Japão, que vae, dentro de alguns dias, deixar o Brasil, de regresso ao seu paiz, o ministro das Relações Exteriores, dr. José Carlos Macedo Soares, reuniu, em um banquete, no palacio Itamaraty, varios diplomatas e autoridades, que no grupo apparecem ladeando o homenageado e o homenageante e exmas. senhoras.

O illustre aviador francez Jean Mermoz, [illegible] de ser condecorado, pelo governo brasileiro, com a Ordem do Cruzeiro do Sul, em [illegible] aos seus esforços no sentido de intensificar a obra de approximação commercial [illegible] Brasil e a França. As insignias de official da Ordem foram entregues ao piloto pelo chanceller Macedo Soares, em brilhante solennidade realizada no palacio Itamaraty.

A VIDA QUE PASSA — Fe Agrippino Ether

Desafiando a lei da gravidade,
andam monstros, pesados nas alturas,
mais alto do que o cêrro
mais alto.
Monstros de ferro
e de fogo e de força, abrindo o véo
das nuvens brancas e escuras,
pelo céo pardacento da cidade,
sujo, carregado...
carbono do trabalho! e pelo céo
azulado
das aldeias pacatas,
aldeias das serenatas

A joven esculptora patricia Carlota do Nascimento ao lado de sua obra «Jaguary» — interpretação do typo central do poema da «Yára», de Olegario Mariano. Esse trabalho forte de Carlota do Nascimento acha-se exposto no Salão Official, onde tem conquistado applausos do publico e da critica. «Jaguary» constitue uma expressiva victoria artistica da esculptora brasileira.

que, a vêl-os,
se acostumaram já, sem sobresalto.

Aves enormes,
aves do bem, aves do mal,
de azas disformes,
de aluminio e de aço,
grasnando
um canto rude e rouco...

Julio Verne, gritando
pelo espaço
o seu sonho de louco
nas azas de metal.

Ideaes outrora sobrehumanos!
Novellos
de fumaça.

Manoel Constantino, que, durante alguns annos, conviveu entre nós, emprestando a esta revista o fulgor do seu talento, é uma dessas creaturas que não podem ser esquecidas pelos que trabalham nesta casa. Dahi o motivo por que temos a maior alegria em registar mais um triumpho que o artista patricio, autor de telas [illegible] ficas, acaba de alcançar, na actual Exposição Geral de Bellas Artes, obtendo, com o seu quadro «Nú», [illegible] «clichê» reproduz, a Medalha de Ouro do «Salão». [illegible] gnalando essa victoria de Manoel Constantino, [illegible] colhe, frisemos bem, nenhuma surpreza, uma vez que se trata de um pintor consagrado, e que, de ha muito, já occupa um logar de brilhante destaque nos meios artisticos e intellectuaes da metropole.

O pintor brasileiro Padua Dutra foi um dos concorrentes deste anno ao premio de viagem á Europa da Escola Nacional de Bellas Artes, apresentando-se, no Salão de 1934, com o quadro «Menina de Sitio», aqui reproduzido.

Zeppelins, aeroplanos...
E' a vida que passa...

(Do livro «Mentira»)

A PROPAGANDA POLITICA EM SÃO PAULO

As proximas eleições a se realizarem em nosso paiz estão dando margem a um movimento popular que, indiscutivelmente, trará, para o futuro, grandes modificações e reaes surprezas. Antigamente, era praxe saber-se de ante-mão os resultados de qualquer eleição pela simples leitura das chapas officiaes. A Revolução de 1930, não tendo sido a revolução promettida, trouxe-nos, não obstante, essa grande victoria, que será a verdade nas eleições, embora a lei eleitoral deixe ainda muito a desejar. De eleição em eleição o nosso coefficiente eleitoral irá augmentando, e, em um futuro muito proximo, o eleitorado independente superará o eleitorado official. Os proprios governos estaduaes, comprehendendo isso, organizam chapas de real valor, e procuram, com a propaganda de suas idéas, convencer o eleitorado a acceitar os nomes incluidos em suas chapas. Movimentam-se, arregimentadas, as diversas correntes partidarias e caravanas politicas percorrem os Estados. No «cliché» acima vê-se um flagrante de uma das «bandeiras» do Partido Constitucionalista, na cidade de Amparo, em São Paulo.

Um aspecto da assistencia popular no comicio promovido pelo Partido Constitucionalista, em Amparo, Estado de S. Paulo.

A convite do Centro Academico Candido de Oliveira, o dr. Odilon Azevedo, escriptor e artista de grande prestigio em nossos circulos intellectuaes e sociaes, realizou no dia 11 do corrente, no salão nobre da Escola Nacional de Bellas Artes, uma brilhante conferencia sobre «O Theatro no Brasil». Numerosa e elegante assistencia ouviu e applaudiu o illustre romancista, que se vê na photographia quando desenvolvia o thema de sua interessante palestra.

O primeiro pleito a ferir-se no paiz depois de promulgada a nova Constituição, vem interessando vivamente a opinião publica nacional. Reproduzimos, aqui, um aspecto do comicio realizado, em Araraquara, Estado de S. Paulo, pelo Partido Constitucionalista.

Aspecto da concorrida e brilhante manifestação prestada ao illustre dr. Jeronymo Penido, no Ponto Chic, por uma centena de amigos e admiradores.

AMENDOEIRAS

Amendoeiras da minha terra, ao olhar-vos, sinto que num tremor todo o meu corpo se emociona!

Amendoeiras da minha terra, minh'alma se queda inteira na doce contemplação do colorido de vossas folhas largas e estalantes!

Sinto uma attracção bôa e quente ao recolher nas mãos uma folha vermelha, côr de sangue vivo, que o vento atira na areia fina do jardim...

Sinto uma sensação morna e delirante ao recolher ao colo uma folha verde, côr symbolica que nos illude e nos leva a crer em alguém que esperamos...

Sinto tambem, ao apertar entre os dentes o vosso fructo destringente, um estremecimento estranho, semelhante ao que sentimos quando a Morte se aproxima.

Sinto, ainda, a maior das sensações, quando, quebrada, tomba morta a folha velha... Côr de saudade, côr de paginas apagadas que escrevemos, côr de todas as coisas antigas que amamos...

Amendoeiras da minha terra, amo as vossas folhas, amo os vossos galhos despidos de colorido, porque se assemelham a braços vazios despidos de sonhos, de esperanças e de glorias! Amo a vossa sombra! A sombra larga e alta que nos proteje do mormaço e nos lembra o vulto de alguém que entre as folhas trepidantes murmura uma canção commovente.

Amo as amendoeiras da minha terra! São lindas e falam de todas as coisas bellas e mysteriosas que andam encantando os jardins longos, arenosos, onde os repuxos murmuram, no cascatear das aguas luminosas e coloridas, rapsódias de amor e nocturnos de saudade.

HELENA MARIA

Celebrou-se a 15 do corrente, na residência dos paes do noivo, nesta capital, o enlace nupcial da senhorita Juracy Pinheiro com o sr. Paulo Pereira da Costa. O «cliché» apresenta os noivos, após a cerimonia.

Madame Julieta Telles de Menezes e sua gentilissima filha, «mademoiselle» Ieda Telles de Menezes, numa original photographia tirada em Poços de Caldas, para onde seguiram, a convite do prefeito da cidade, dr. Assis de Figueiredo, logo após a chegada, ali, do presidente do Uruguay, dr. Gabriel Terra. A notavel e apreciada cantora patricia soube admiravelmente interpretar para um finissimo e selecto auditorio, lindas canções brasileiras e uruguayas, tendo sido, por isso mesmo, vivamente applaudida e festejada na elegante cidade mineira.

O ALPHABETO

Se a orgiem da linguagem continúa a ser um problema insoluvel, o da escripta por meio de caracteres não o dexou de ser menos, mâu grado todos os esforços dos sábios.

Geralmente se admitte que a escripta foi, em primeiro logar, hyerogliphica, figurativa, ideographica, tornando-se, depois, syllabica e, afinal, alphabetica.

Mas quem foi o primeiro creador do alphabeto e qual o numero exacto das letras primitivas?

Ignora-se.

Attribuiu-se já essa invenção aos egeus, aos phenicios, aos pelasgos, aos etruscos e aos etyopios.

Tudo mera supposição. Nada se póde provar de modo positivo.

Aspectos do comicio integralista realizado em Cordeiro, Estado do Rio, a 15 de agosto último. O chefe nacional, Plinio Salgado, com seu estado maior, á testa da columna. Ouvindo a palavra do chefe provincial, no inicio da sessão. O departamento feminino de Friburgo no comicio. Milicianos de Porciúncula e Natividade chegando a Cordeiro, depois de 282 kilometros de viagem em caminhões.

O INTEGRALISMO NO ESTADO DO RIO

RENUNCIA

Tu, sempre tu! Não sabes que não quéro, não posso e não devo ceder? Por que insiste, por que? Ha tantas mulheres bellas por esse mundo, infinitamente mais bellas do que eu e, ainda assim, não me esqueces? Sê bom, por Deus! Olha como se enchem de lagrimas estes meus olhos garços que tu dizes adorar tanto, como se contráe de angústia minha bôcca, estranha flôr vermelha que tu ainda não conseguiste colher... Não serão sufficientes estes signaes de dôr espelhados no meu rosto, para que se acalme a fogueira brava que se atêa em teu coração?

O teu amôr será para mim uma maldição. Depois da embriaguez do beijo, a dôr da punhalada acerba... Na carne ou na alma, que importa? Ella doerá sempre e muito. E tu, que me dizes amar tanto, serás tão ruim ao ponto de me dares o soffrimento?

Ouve: parte para bem longe. Vae para outras terras, ama outras mulheres. Bebe na taça de muitos lábios o licor do vinho que reclama o teu sensualismo requintado e que sempre te negarão os meus... Dize para outras mulheres a canção subtil que só sabes dizer para mim.

Viaja... Ama... Esquece-me...

E eu ficarei tristonha e só. A consciência calma, a honra impolluta... E hei pela noite a dentro, de lembrar-me de ti. Emquanto os meus lábios mansamente, murmurarem palavras de benção pela renuncia bemdita, o coração, num desvario, ha de chamar-te, loucamente:

— Querido! Meu querido! Unicamente querido!

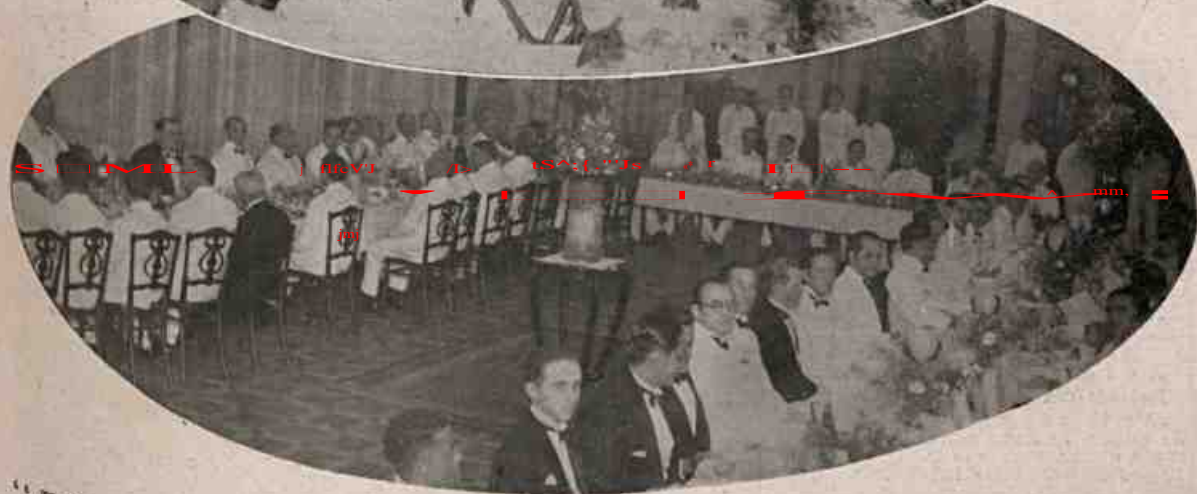
SAMARITANA

NO MARANHÃO

Grupo tomado em S. Luiz, no dia em que foi alli inaugurada a Secção Integralista Feminina da A. I. B. da Provincia do Maranhão. Ao centro, madame José Candido, chefe da mesma Secção.

"FON-FON" NO CEARA'

Na visita que fez ultimamente a sua terra natal, a brilhante violinista Carmen de Castello Branco recebeu innumeras homenagens do povo cearense, que a applaudiu com vibrante enthusiasmo nos concertos realizados em Fortaleza. No Theatro José de Alencar foi inaugurada uma placa commemorativa da visita da insigne «virtuose», saudando-a nessa occasião o jornalista Perboire e Silva, presidente da Associação Cearense de Imprensa.

"FON-FON" NO PARA'

A classe médica do Pará acaba de prestar expressiva homenagem ao interventor Magalhães Barata, pelos grandes melhoramentos introduzidos por s. ex. nos serviços da saúde pública do Estado. Consistiu essa homenagem num banquete realizado no salão nobre da Assembléa Paraense, e do qual o nosso «cliché» focaliza dois aspectos. Como orador official, falou o dr. Bianor Penalber, professor cathedratico de hygiene da Escola Normal de Belem e chefe de clinica cirúrgica da Santa Casa de Misericórdia, que saudou o homenageado em nome dos seus collegas homenageantes.

O vigario de S. Luiz do Parahytinga, monsenhor Ignacio Gioia, acaba de receber grande manifestação de apreço promovida pela população local, que festejou, assim, o acto da elevação de s. revma. ás honras de monsenhor. Varios oradores saudaram o homenageado: monsenhor Castro, em nome do bispo diocesano, e o dr. João Costa, que falou pelo povo parahytinguense; e, pessoalmente, os drs. Julio Muratt e Xavier Cardoso e o padre João Azevedo. Agradeceu a manifestação, em nome de monsenhor Ignacio Gioia, o dr. Plinio Gioia. O nosso «cliché» focaliza trez aspectos da homenagem.

«FON-FON» NO INTERIOR

A DANÇA DAS SOMBRAS

MARIUCHA — um nome suave e lindo, muitas vezes lido com prazer pelos leitores de FON-FON. Porque Mariúcha não é bem nome, e sim o pseudonymo de apreciada e talentosa collaboradora desta revista. Um pseudonymo cheio de doçura, velado no encanto do mysterio da alma feminina que o illumina sempre que elle firma alguma das suas paginas. Maria de Lorêto Souza — eis ahi o verdadeiro nome de Mlle. Malhante collaboradora e Mariúcha, nossa gentil e brilhantissima quartannista de medicina. E' de Mariúcha a pagina, que a seguir publicamos juntamente com a sua photographia.

NA solidão em que me refugio, o pensamento célere vôa nas azas da saudade para você. Sua lembrança aninha-se em min'alma, e começo a recordar... Para que? E como não recordar, se você vive em mim e sua lembrança vive commigo?

No palco que a imaginação inflammada improvisa, um numero infindo de sombras desfila ante meus olhos annuviados e marejados de lagrimas candentes.

A primeira tem o olhar scintillante e profundo e um sorriso gracioso a vagar-lhe nos lábios. Lembra-me a vez primeira que o vi, meu adorado ausente.

A voz da segunda é commovida e me fala de amôr...

Recorda-me as historias bonitas que você contava...

A' noite, na paz suave e melancólica do meu gabinete de estudo, recitava muito baixinho alguns versos que a gente decora sem sentir, tal o encanto e enlevo que Bastos Portela sabe imprimir ao que escreve:

> «Mas sei lá que surprezas
> tem meu destino para revelar!
> O amôr começa assim por essas subtilezas
> Sem a gente querer, sem a gente pensar...»

E pensando nas surprezas do destino, e que bem podiam ser amargas, tive medo do amôr e quiz fugir de você.

Mas, a monotonia da vida começou a pesar-me...

A terceira sombra surge trazendo nos lábios tr[illegible] e lividos o esboço do primeiro beijo...

A quarta, oh! sim a quarta beija-me [illegible] bôcca. E vem uma, mais uma, «emfim deze[illegible] sombras cruzam o céo azul do meu pensamento e [illegible] uma é uma passagem de nosso amôr...

Umas são rosas, leves, esvoaçantes...

Outras azues, tão azues que mais parecem [illegible] tos sombras. Oh! as brancas são lindas. [illegible] transparentes quaes anjos descidos do céo. E [illegible] lembram-me a côr da esperança traiçoeira que [illegible] dentro dos olhos...

Sombras cinzas... apagadas... crepusculares... [illegible] que se fez dentro de minh'alma... Cantam [illegible] amor, encanto de sua vida...

Comprehendo que o amôr será sempre como [illegible] no [illegible] Roca».

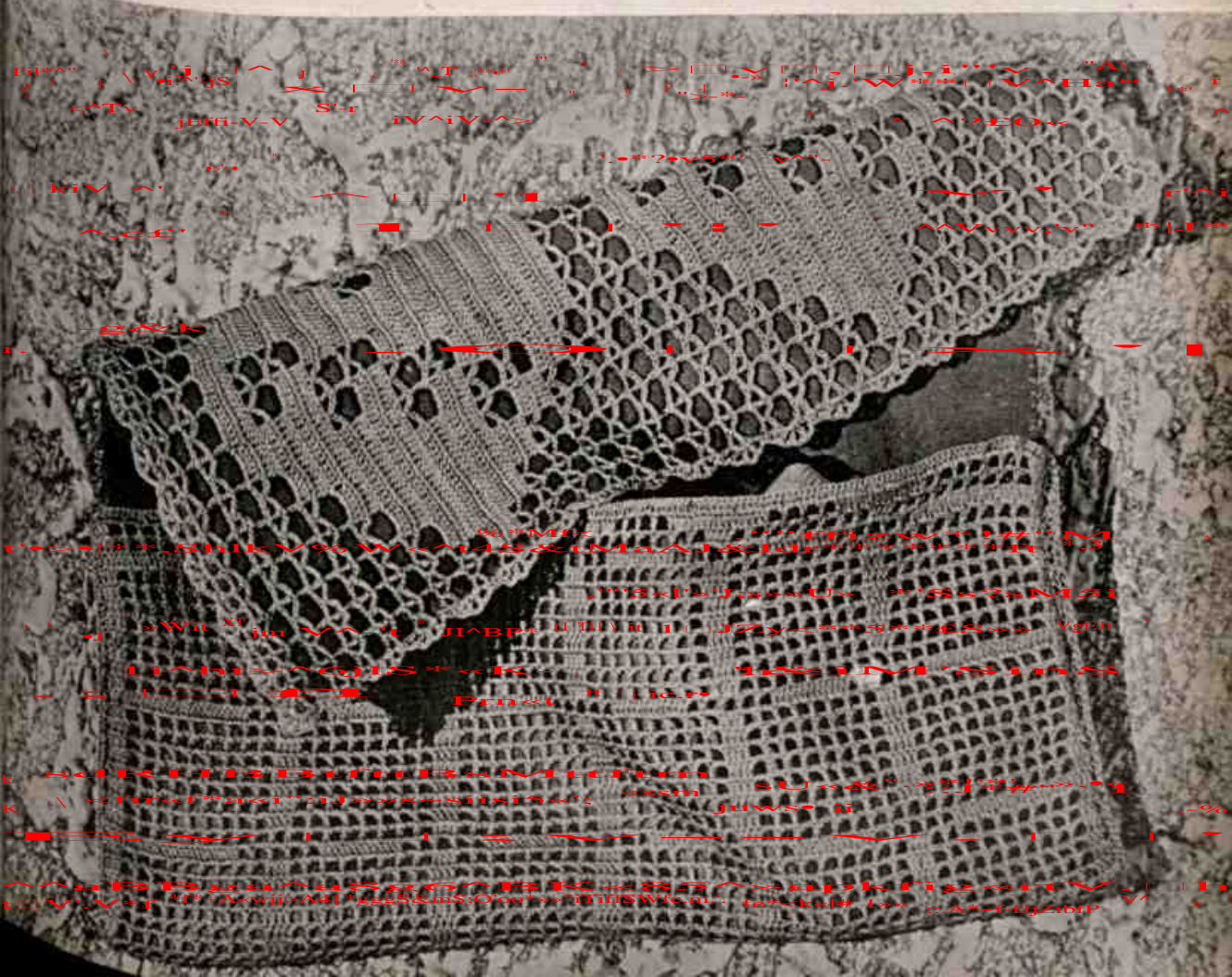
> «Primeiro uma palavra enternecida.
> Depois... Um beijo... após uma traição...»

Outras sombras dançam o seu noivado, ao lado [illegible] sombrias e tristes, como as flores que brota[illegible] mulos das lagrimas ali vertidas; estas canta[illegible] de amar... as minhas penas de amôr...

São ainda os versos de Bastos Portela, o [illegible] timento, que recito para mim, só para mim:

> «Soffro em silencio, não te digo nada...
> Guardo sempre commigo meus segredos...
> — Eu sou como a violeta delicada
> Se alguém me toca, eu lhe perfumo os dedos...»

E a ultima sombra apparece. E' a mais bel[illegible] do soffrimento feito sombra. Os olhos têm [illegible] amethista e são marejados de lagrimas; [illegible] de amargor desenha-se nos lábios da côr do [illegible] a envolve. Canta um poema harmonioso e [illegible] quanto bailla o seu manto violeta, vae se [illegible] sob o céo azul do meu pensamento, que se [illegible] da côr do coração onde ella móra. Esta [illegible] Saudade... que vive commigo...

MARIUCHA

TROPICO

Palmeras retuercen con histéricos gestos
Y yo presa también de aquele extraño mal,
Quisiera consolarme como ellas, en un lento
Y misterioso beso del reflejo plateado de la luna en el Mar...

Se alejan ávidamente y luego se repliegan
Se curban hasta el suelo para aspirar mejor
La caricia tranquila que del astro les llega
El histerismo de ellas, es solo mal de amor!...

Mientras que mi dolor, solitario y sombrio
no se calma tan solo con mirar hacia el Mar,
Hace já tanto tiempo que de nada me rio
que la Naturaleza de consolar mis penas no se siente capaz...

Por eso que esta noche envidio las Palmeras
Henchidas de deseo, luego quedan vencidas, por el astro lunar...

Yo seguiré vagando con mi dolor a cuestas
Y luego, dormiré, cansada de llorar...

Natal, 18, junio de 1934.

Carmen Martinez

FON-FON no cinema

O CRIMINALOGISTA = (The Crime Doctor) = Da R K O - Radio

com OTTO KRUGER, KAREN MORLEY e NILS ASTHER

O grande detective Dan Gifford, depois de uma gloriosa captura que tornára o seu nome ainda mais conhecido, volta ao seu lar, para encontrar a sua esposa, Andra, sciente de que a puzera sob a protecção de seus auxiliares. Assegura-lhe então que apenas assim agira com o fito de a proteger, pois recebera diversas ameaças. Andra, no emtanto, vê, em tudo isso, mais um motivo, que, segundo pensa, seu marido não lhe quer revelar; de facto, ella lhe diz que, se estava enciumado, tinha toda a razão, desde que ella gostando do autor Eric Anderson, resolvera pedir o divorcio, para com elle casar. Não acredita que Dan a ame, pois sempre o vira mais preoccupado com os negocios que com sua pessoa. Gifford, no emtanto, lhe pede para esperar algum tempo, com o que concorda, ficando ella mais uma semana na casa do detective.

Sem perda de tempo, Gifford aluga o apartamento vizinho ao de Anderson, para a aventureira Blanche Flynn, encarregando-a de observar as pessoas que entravam e sahiam da casa de Eric. Certo dia, Blanche vê Andra entrar, e, reconhecendo-a como a esposa de Gifford, tenta enganar o detective, experimentando uma chantage sobre Anderson. Sem calcular a relação existente entre aquella mulher e seu marido, Andra, s'upplica-lhe para prender a chantagista.

Gifford faz o que ella lhe pede, mas ao mesmo tempo vinga-se de Anderson matando Blanche em seu apartamento, com uma pistola da collecção unica de Eric. Por meio da bala, e outras evidencias que forjára Gifford, Anderson é accusado e finalmente condemnado.

De volta á casa, Gifford encontra sua esposa arrumando as malas. Indagando o motivo desta partida precipitada, ella lhe annuncia que vae para as redondezas da prisão, de modo a poder ficar ao lado de Anderson, si possivel, até o fim.

Si, acrescenta ella supplicante, Gifford encontrasse o verdadeiro criminoso e salvasse Anderson, ella desistiria do divorcio, ficando com elle para sempre.

— E' pena, diz Gifford, "que você não me pudesse amar assim".

A partir deste ponto, o drama se desenvolve rapidamente, atingindo o seu ponto culminante que é um final surprehendente de grande emoção.

*** Como actor cinematographico, Bing Crosby tem traçado o seu programma de trabalho nos proximos mezes, com a filmagem das peliculas "She Loves Me Not" e "Here is My Heart" que lhe designou a Paramount.

Como cantor de radio, elle obteve agora um contracto de 39 semanas, com inteira autoridade sobre o seu programma e podendo ainda escolher a orchestra que o acompanhará, o seu "speaker", o seu repertorio, etc.

O ROSARIO

Producção da Gaumont-Franco-Film-Aubert e les Films Floreal

com *ANDRÉ LUGUET, LOUISA DE MORNAND* e *CAMILLE BERT*

JEANNE CHAMPEL é uma moça intelligente, elegante, de educação distincta, muito rica e bem aparentada, pois que é sobrinha da duqueza de Miremont.

Um dos seus intimos é o joven Gérard Delaval, o "enfant-gaté" das parisienses, das quaes é o pintor preferido. Jamais teve com Jeanne o menor *flirt*; para elle é ella apenas uma confidente, uma irmã mais velha; para ella é elle um companheiro alegre e amavel. E, entretanto... o milagre se fez!

Uma noite, durante um concerto dado no solar da duqueza de Miremont, Jeanne teve de substituir, á ultima hora, uma grande cantora que uma subita indisposição impedia de comparecer — e, em logar della, teve de cantar a famosa romanza "O Rosario". Gérard sente-se aturdido ouvindo a maravilhosa e quente voz de contralto de Jeanne.

Succedeu, porem, que no decurso daquella mesma noite aconteceu qualquer coisa que seria de grande importancia para o seguimento deste romance. E' que Jeanne ouviu algumas

considerações que se faziam em sua volta sobre uma das convidadas da duqueza, uma senhora que, apesar de idade já um tanto madura, se casára com um rapaz, bem mais joven que ella...

Na manhã seguinte, na capella do castello, onde marcára um encontro com Gérard, Jeanne recusa a proposta dizendo-lhe: — "Não póde ser... Sou muito mais velha que você, que para mim ainda é um rapazola. Não posso, por isso, tornar-me sua esposa". E, aterrado, Gérard naquella mesma manhã deixava o castello.

Mas o amor não se ap[illegible] gára. Jeanne [illegible] Gérard [illegible] ter afastado [illegible] sua vida e, para [illegible] parte ella para uma [illegible] viagem. E foi [illegible] depois que, de volta [illegible] França, a bordo ouviu [illegible] uma conversa que [illegible] elle de dor e de [illegible] São pessoas conhec[illegible] Gérard Delaval que [illegible] tam o que lhe succedeu [illegible] — elle se tornára neu[illegible]thenico, tinha ido para [illegible] campo e foi lá que, durante uma caçada de terceiros, estando elle sentado ante a tela, recebeu em pleno rosto alguns bagos de chumbo que o cegaram.

Jeanne não hesita. Chega a Paris e procura immediatamente um dos seus amigos, o doutor Grand, celebre cirurgião que [illegible] de Gérard. Chega lá no momento mesmo em que uma enfermeira, Marie Rose Guiraud, deve ser enviada para [illegible] pobre cego. Age de maneira a tomar o logar dessa moça [illegible] os seus trajes chega á residencia de Delaval.

Com a cumplicidade do medico que lá tratava delle, e [illegible] velhos creados, que adoravam o seu patrão, ella consegue [illegible] simular a sua verdadeira identidade e rodeia o paciente, que ama agora ainda mais ternamente, de cuidados os mais [illegible] E, pouco a pouco, ella consegue que elle venha tendo [illegible] amor á vida; torna-se para elle os seus proprios olhos e se torna indispensavel á sua vida.

Um dia veio em que poude ella tirar o véo áquelle [illegible] fugio.

Pela primeira vez canta para o doente... e a aria que [illegible] canta, com sua voz apaixonada e quente, é... "O Rosario". Gérard comprehende [illegible] que Marie-Rose Guiraud e Jeanne de Champel são uma [illegible] mesma pessôa. [illegible] braços e cerra ao peito o corpo tremulo de Jeanne. Para elles o passado [illegible] existia mais...

OURO

FILM DA UFA

COM

HANSS ALBERS e BRIGITTE HELM

DESDE os tempos mais remotos, a fabricação do ouro seduz a humanidade. E, na calma de um laboratorio, rodeado desses apparelhos complicados que a sciencia tem proporcionado ao mundo, alguns de proporções nunca vistas, o professor Achenbach e seu fiel auxiliar Holk estão a ponto de ultimar uma experiencia decisiva que lhes permittirá fabricar o ouro, realizando o velho sonho e penetrando o mysterio que seculos occultou da transformação dos metaes.

O momento decisivo da tentativa. Achenbach e Holk iniciam a grande experiencia de que fatalmente resultará o ouro. Eis o chumbo sobre o qual se desencadeiam numa torrente deslumbrante de luz, milhões e milhões de volts. Eil-o, o chumbo que se derrete, que se decompõe que se transmuda enchendo o ambiente de sensação. Algo imprevisto occorre, porém. Violenta explosão fez voar pelos ares o tranquillo laboratorio, alli perdendo a vida o sábio professor Achenbach e ficando Holk gravemente ferido. Mãos criminosas haviam collaborado na tentativa do sabio, substituindo o chumbo que seria utilizado na experiencia.

Holk, o fiel auxiliar de Achenbach, restabelecido graças á transfusão do sangue de sua noiva Margit, recebe em pouco um convite de Wills para collaborar nas experiencias que este vinha tentando para fabricar o ouro. Wills, um grande financista escossez, envia-lhe emissarios que o convencessem a acceitar o offerecimento. Em vista disso, mais se robustecem no espirito de Holk as suspeitas de que um crime levára á morte o sabio professor Achenbach. Outros bandidos se empenhavam tambem em resolver o problema da fabricação do ouro synthetico, pela divisão atomica do chumbo, e esses haviam assassinado Achenbach... Com essas suspeitas, Holk acceita o offerecimento e embarca no sumptuoso e luxuoso «yacht» do millionario escossez, onde encontra um velho amigo que é fâmulo de Wills. Deante deste, conhecendo os planos de Wills, Holk adquire a certeza da responsabilidade de Wills no accidente que victimára Achenbach e determinára a morte do professor...

Wills leva Holk a visitar a immensa usina que mandára construir, dotada dos ultimos apperfeiçoamentos electricos e que se alcançava por um tunnel de aço, a uma distancia de 300 metros da costa.

Holk percebe, porém, que as poderosas machinas haviam sido montadas de accôrdo com os planos do professor Achenbach.

Uma noite recebe Holk um convite para visitar o castello de Wills, situado a pequena distancia da usina e vem a conhecer a filha do financeiro, Florence, jovem de belleza extranha e fascinante, e que condemnava os processos do pae. Ella se interessa grandemente por Holk e entre ambos surge um sentimento reciproco de sympathia. Holk porém, reage, e não esquece nunca a sua noiva Margit, que ficára distante, nem as razões que o levaram a acceitar o offerecimento de Wills.

Tudo preparado na grande usina, Holk dedica-se a grande experiencia e isolando-se fugindo á vigilancia que era exercida sobre elle, consegue, seguindo os mesmos planos de Achenbach, fabricar o ouro. Não se havia enganado o sábio. Somente o crime não permittira que elle tivesse a gloria de haver descoberto o processo da fabricação do ouro pela decomposição atomica do chumbo...

Holk participa a Wills a sua victoria nas experiencias e entrega-lhe um bloco de ouro fabricado. Um relampago de loucura passa pelo cerebro do escossez e o grande financista resolve inundar o mundo com o ouro synthetico, desencadeando as maiores fallencias e os maiores desesperos, sobre os quaes elle estabelecerá o seu poder immenso...

Mas esses projectos insensatos não se realizam, pois Holk, depois de provar, perante a grande massa de operarios que a sua experiencia demonstrava o acerto, a realidade das theorias de Achenbach, com o apoio delles provoca uma explosão na grande usina que é invadida pelo mar.

Holk retorna então, ao seu paiz onde aguarda o amôr de sua noiva Margit e não mais cogita de penetrar os segredos de poder interdito ás ambições humanas.

Bordados, iniciaes e monogrammas

Monogrammas para bordado, no genero da Ilha da Madeira, em estylo moderno.

Bordado, no genero da Ilha da Madeira, em estylo moderno.

ESCRAVIDÃO

EM summa, Daniel só tinha uma coisa a allegar contra Luciana: a sua falta de ordem. Não essa desordem espontanea, fantasista e que faz pensar num genio, mas uma desordem que parecia voluntaria e cuidadosamente organizada. Durante os primeiros mezes do casamento, tentára combatêl-a. Mas, reconhecendo-a invencivel, resignou-se a viver com ella. Depois, bruscamente, quando ha muito tempo se julgava acostumado, passou a odiál-a a ponto de não poder supportál-a mais. E não se deve procurar outra razão para o divorcio de dois esposos, quanto ao mais bem parecidos.

Daniel ainda era moço. Pensou em tornar a casar-se. Como, nos tempos que correm, não faltam mulheres, só teve o embaraço na escolha. Tendo fixado a sua Marcella, esta não oppôz nenhuma difficuldade em lhe conceder a mão, o coração e uma fortuna mais que honrada, vinda dos paes, aliás fallecidos, que tinham tido a excellente idéa de adquirir, outróra, no seu paiz irlandez, extensões immensas de terras plantadas de pinheiros, desdenhados então, e que, ao preço por que se vende hoje uma barrica de therebentina, dão todos os annos mais que uma mina de ouro.

Bonita, elegante, alegre, Marcella possuia todas as qualidades. Não só aos olhos do marido, o que é natural, mas tambem aos das suas proprias amigas, o que, ha de se convir, é muito menos. E depois, para administrar uma casa, era incomparavel. Olhando por tudo, exigia e obtinha que qualquer objecto estivesse no seu logar; que os creados, estylizados como só se vê no theatro, fizessem estrictamente e em silencio os movimentos uteis, no momento opportuno, com uma precisão e uma delicadeza de que todos se admiravam.

Julga-se que, depois de ter vivido tanto na desordem, Daniel desfrutasse do prazer dum lar onde nada era deixado ao acaso, onde tudo funccionava sem choque, sem barulho, onde bastava calcar num botão, esboçar um gesto para ser servido.

Fazendo um retrocesso aos annos decorridos, pensando nessa pobre Luciana cujo appartamento parecia sempre acabar de receber a visita de ladrões e que passava um terço da vida a procurar o que perdêra, Daniel dizia a Marcella:

— E's uma dona de casa admiravel!

Ella defendia-se de merecer semelhante elogio. Depois, com o indicador no ar:

— Daniel, meu querido, tornei a encontrar sobre a mesa do salãosinho um livro que não tornaste a pôr na bibliotheca.

— Ainda não acabei de o lêr.

Marcella enrugava a bonita fronte, e ingenuamente:

— Foi por que ainda não acabaste a leitura desse livro que não te[...] naste a pôl-o no seu logar... Desejaria comprehender a relação. Explica-me.

Elle não explicava cousa alguma e compromettia-se a não recomeçar.

Sabe-se o que valem as promessas dos homens. Não só Daniel não cumpriu a sua, mas tambem nunca poude adquirir o habito, bem facil, de dependurar o capote, [...] xar o chapéo e as luvas no armario antigo, todas as vezes que voltava para casa. Deixava papeis em cima da escrevaninha, nem sempre fechava as gavetas que abria, sacudia com um gesto, aliás bastante elegante, a cinza do cigarro nos tapetes.

— Incorrigivel! Quer[...] do incorrigivel! — [...] Marcella, sempre [...] dente e calma.

Deu ordem aos creados para que, no futuro, [...] guissem o marido [...] plo bater da campainha de Daniel, o creado de quarto precipitava-se, [...] mava o capote, o chapéo e as luvas do patrão, ia fechál-os no armario.

A' mesa, quando acontecia a Daniel, ás vezes um pouco distrahido, collocar o pão á direita do prato, o mesmo creado, obedecendo a um olhar de Marcella, armava-se com uma pinça de prata com que segurava o pão, e com muita diligencia e tambem muita delicadeza, tornava a collocal-o no logar que, segundo os usos, elle devia occupar.

Quando Daniel sahia do escriptorio, Martha, a empregada, penetrava ali, fechava uma gaveta, punha no logar a poltrona [...] delle, juntava os papeis que encontrava espalhados debaixo da pasta, depositava-os respeitosamente numa caixa sumptuosa

De Pierre La Mazière

que Marcella offerecêra ao marido no anniversario do casamento. Daniel sacudia a cinza do cigarro no tapete, punha os dedos num espelho, num marmore, num movel envernizado? Martha, que parecia ter recebido do céo o dom de adivinhar, sobrevinha, trazendo um aspirador minusculo ou uma camurça e, sem barulho, em silencio, graciosamente, fazia desapparecer o montezinho de cinza ou a impressão digital.

— Esta moça é uma verdadeira fada — dizia Marcella. Nunca faz barulho. E' vista, apenas, o seu serviço é a propria perfeição. Aliás, é justo reconhecer que o de José não é menos impeccavel. Já o notaste, á mesa?

— Têm-se os creados que se merece — respondia Daniel, com um imperceptivel tom de ironia e de amargura.

Em verdade, as attenções, a vigilancia de todos os instantes de que era objecto davam-lhe nervos. Elle, embora fosse o homem mais calmo do mundo, como convém a um engenheiro sahido da Escola Polytechnica e especializado na fabricação dos explosivos de guerra, tinha vontade de estrangular essa Martha e esse José, quando silenciosos e differentes, se approximavam da sua pessôa para ajudál-o a reparar a desordem — tão ligeira! — que causava nessa casa, onde, sem elle, reconhecia-o de bôa vontade, a harmonia seria soberana.

De novo retrocedia sobre os annos decorridos, sobre os annos passados com Luciana. Pensava: um interior onde nada desafina, não deve desafinar sob pretexto algum, onde tudo anda como uma fabrica em que applicasse o systema Taylor, é muito aborrecido, muito exasperante, com o tempo. Sentimo-nos escravos. Emquanto que, deixando-se logar, durante a vida, a um pouco de fantasia, mesmo a uma ligeira desordem, experimenta-se uma impressão feliz, de independencia, de livre arbitrio. Dizer isso a Marcella? Nem em sonho.

Mas em si, imperiosa e irresistivel, trazia a necessidade de escapar a tantas perfeições caseiras, de fugir ás tentações, implacaveis como censuras de Martha e de José, numa palavra, dar fugidas á desordem como outros o fazem a paraisos artificiaes, ao nocetambulismo ou ao adulterio.

Eis porque, secretamente, alugou um pequeno quarto mobiliado onde todos os dias vinha passar uma hora.

Os moveis estavam bichados, o tapete gasto, as cortinas desbotadas, os espelhos manchados. Daniel, que passára uma descompostura na porteira quando esta se offereceu para fazer a limpeza, ter em ordem esse quarto, chegava alli trazendo os jornaes da tarde e da noite. Estendia-se num pequeno divan cheirando a fumo e todo impregnado de perfumes que lembravam inquilinos prece-

(Cont. na pag. seguinte)

A senhora. — Por que deixou a ultima casa?
A empregada. — Porque, na minha ausencia, a patrôa usava meus vestidos...

ESCRAVIDÃO

(Conclusão)

dentes... Lia os jornaes, amarrotava-os, lançava-os em volta de si, a vontade, jogava as pontas de cigarro na chaminé.

Quando chegava o tempo das cerejas, comprava meio kilo e, como aprendêra em creança, entre o pollegar e o indicador, atirava os caroços para o tecto, nas vidraças da janella, sobre um brilhante quadro a oleo, genero Roybet, ornamento duma das paredes e que, ao tomar posse desse quarto, pendurára de cabeça para baixo.

Soava a hora de voltar para o appartamento de que todo Paris falava como um modelo de luxo, de conforto, de cuidado.

Daniel deixava o divan e, assim como outros gravam os nomes na casca das arvores, com o indicador, sobre a camada de poeira que, como uma fina toalha cinzenta, recobria meças, commoda e vidros, escrevia isso que os nossos avós reclamavam quando se lançaram ao assalto da Bastilha: "Viva a Liberdade!"

Então tinha força, coragem, paciencia para supportar a lei imperiosa de Marcella, de Martha e de José.

— Não podemos comprar automovel este anno; temos que pensar como pagar as nossas dividas.
— E não podemos pensar dentro do automovel?...

NOIVADO

De ITAVAZ

— O sr. dr. Geminiano está occupado?

— Então não está vendo?...

— Mas é que eu gostaria bem de poder limpar a mesa...

— Neste caso, não haja duvida. Não quero contrarial-o: irei para outro quarto.

Esta conversa desenrolava-se uma destas manhãs, entre o dr. Geminiano P. G. e o fiel criado Enéas, homem mais ou menos de 50 annos, que já estava no serviço da familia desde o tempo em que o dr. Geminiano aprendia a ler. Este se dispunha a passar para o quarto ao lado.

— Sr. dr., se o senhor sahir, então... não tenho mais razão de vir limpar sua mesa.

O dr. Geminiano, condescendente, tornou a sentar-se:

— Muito bem! Então você só acha interessante limpar o que é meu quando eu esteja presente para respirar a poeira?

— Não se assuste, que o senhor não vae respirar muito pó.

— Está direito.

E o dr. Geminiano retomou o livro que estava lendo, emquanto Enéas passava de leve o espanador sobre os moveis.

— Sr. dr?...

O dr. Geminiano nem levantou a cabeça.

— Sr. dr?... Sr. dr?...

— Mas que é?...

— Isto aqui é muito agradavel!

— Ah! Você acha?

— Não... agradavel não é bem a palavra: — aqui tudo é rico, bonito, artistico... mas não é agradavel...

O dr. Geminiano, depois do primeiro momento, não ouvia mais cousa alguma.

— Sr. dr?...

— Mas, que ha, finalmente?...

— Levo a esfregar, e encerar a mudar de um para outro lado estas telelas estilo as tapeçarias, as cortinas... troco os quadros... mas nada fica a meu gosto... Estas flores mesmo estão com ar tão triste... Como quer o senhor que eu as arranje com minhas mãos grosseiras?... E' um serviço fino, delicado demais para mim...

— Já acabou? Não precisa mais de mim para me despejar sua lenga lenga? Até logo!

— Ah, você tem sorte de me conhecer desde pequeno! De outro modo não o aturaria! Ande, diga de uma vez o que ha!

— Sr. dr., o senhor não acha que não é razão, porque o sr. teve a classica decepção de amar aos vinte annos, ficar toda vida odiando as mulheres?...

— Você exaggera; eu não odeio a ninguem e muito menos ás mulheres, que me são antes indifferentes...

— Odio, ou indifferença, o resultado é o mesmo. Esta casa merece bem seu nome de covil de solteirões. E nem sei mais se a moda é de chapéos grandes ou pequenos; se os vestidos devem ser compridos ou curtos; se a cintura é em cima ou em baixo... E' uma lastima!

— Oh, homens! Vire-se na rua quando passam as mulheres!

— Que tristeza! Eu a vejo tão bem, fina e graciosa, enchendo esta casa com suas meúdas idas e vindas! Com um gesto só, pequenino, ella saberia pôr um mundo de ar e de sol neste ramo de flores.

— Que lyrismo, sr. Enéas! Que enthusiasmo! Mas é inutil; você não me convence!

— E não é tudo sr. dr. Quando se tem uma bôa situação, emfim, e se está ao abrigo da necessidade, tem-se obrigação de ter filhos... Mas é bom não demorar muito, porque a velhice chega depressa!

— Ora, essa! Ainda não chegamos lá!

— Certamente; mas sr. dr. póde crer que ella está chegando e que já é tempo de pensar nisso tudo!

— Afinal, já chega! Você abusa demais de minha paciencia!

— Mas sr. dr.!

— Não. Já disse que chega! Não diga nem mais uma palavra.

— Serei então obrigado a me despedir do sr. dr...

— Isto agora é o cumulo! Querer fazer *chantage* commigo!...

— Ah! Mas eu estou desolado de ter que deixar o sr. dr. Geminiano... E no final de contas ser-lhe-ia muito mais facil acceitar uma mulher do que...

— Bem se vê que você não sabe o que isto é!

— Affirmo que sim! Se o sr. dr. quizesse, não lhe custaria um vintem, pelos tempos que correm, ter

(Conclúe na pag. 62)

A LEMBRANÇA

De FREDERIC

NATALIA, a velha criada, entrou no salão onde Henriqueta e a mãe estavam bordando.

— Minha senhora; está ahi o rapaz que vem por causa do aposento.

A sra. Nissen recebeu o cartão que a criada lhe apresentava, e leu: "Eduardo Varey".

— Ah, sim! — disse. — Mande-o entrar.

Appareceu um rapaz, cuja idade orçava pelos vinte annos. Era louro, de estatura mediana, esbelto, elegante. Tinha um rosto distincto, olhos bellos e ar timido. Sentou-se, a convite da dama. Não ousava olhar em torno. Viu, não obstante, que estava em um amplo salão, cujas duas janellas davam para um jardim antigo, e cujos moveis pareciam polidos pelo tempo.

Notou tambem que estava deante de uma senhora idosa, trajada de preto, de cabellos grisalhos e aspecto imponente, e de uma mulher mais joven, trajada sem [illegible] e de rosto sem "maquillage", a visitante adivinhou, ao vêl-a, que era a filha da senhora idosa, e que aos trinta annos, ainda não havia casado. Experimentou tambem a sensação estranha de que uma [illegible]ra impalpavel cahia sobre o salão e sobre as duas mulheres.

— Foi meu primo Alexandre quem o mandou cá — disse a dama. — Veiu para esta cidade afim de estudar direito.

— Sim, senhora.

— Chegou hontem, não é verdade?

— Sim, senhora. Mas muito tarde. Não me atrevi a apresentar-me aqui...

— Poderá ficar hoje mesmo, se o aposento lhe convier...

— Oh, minha senhora! [illegible]mente...

— Ouça... Meu primo Alexandre deve ter-lhe dito o preço do aluguel. Mas desejo fazer-lhe algumas observações que, por outro lado, vão de encontro aos desejos de sua

A miragem de um crepusculo arrabaldino

De Esdras Farias

Começaste a accender chimeras na distancia...
Na distancia, lá-longe... Uma porção de rosas
floriu, nesse momento, esparzindo a fragrancia
que andam a rescender das tuas mãos mimosas.

E vieste vindo, vieste. Entardecia. O luar
Subia, na montanha e, mansamente, vinha
como, ás vezes, tu vens na hora crepuscular,
ao milagre da luz, numa aza de andorinha...

Sombra ou esperança, eu acreditava nessa vinda
que a luz vinha annunciando aos meus olhos assim.
Só póde vir assim uma mulher bem linda,
que o ermo ambiente transforme em perpétuo jardim.

A gente julga tão pertinho o paraiso,
com muitos passaros, e musicas e flôres,
e faz papel de creança e diz coisas sem juizo
ao ir compondo os seus romances interiores...

DE UM BEIJO

BOUTET...

familia. O quarto foi utilizado até hoje por uma de minhas primas, que se acha convalescendo agora em um sanatorio. Desejo vivamente, como o senhor deve comprehender, não receber sob o meu tecto senão um hospede no qual eu possa confiar plenamente, e que não seja instavel. Quero dizer, espero que não se vá poucas semanas depois, nem ao cabo de dois ou trez mezes. Uma palavra ainda. E' conveniente que conheça os habitos da casa. Peço-lhe que, á noite, nunca regresse depois das dez horas, senão por um motivo excepcional. Para as suas refeições, achará, com facilidade, aqui pelos arredores, um restaurante decente... Disse-lhe tudo, ao que me parece. Agora, Henriqueta, mostra ao moço o seu futuro aposento.

A joven levantou-se e guiou o rapaz através um corredor que ia dar a um amplo aposento, cuja decoração recordava a do salão.

— Tudo foi preparado ha pouco tempo — disse laconicamente Henriqueta.

— Está muito bem — respondeu elle, cortezmente.

Sahiu para ir buscar as valises, e mãe e filha isolaram-se uma vez mais no silencio da sala.

— Esse rapaz tem um aspecto agradavel — disse a sra. Nissen. Espero que não seja demasiadamente maçante.

— Deus queira que assim seja... Mas, escuta cá: era indispensavel procurar um inquilino?

— Não te cansas de dizer a mesma coisa... A pensão que nossa prima nos pagava mal dava para as nossas despesas... E... é necessario manter a nossa posição social.

— Por que não permittiste que eu trabalhasse ha doze annos, quando morreu meu pae? — perguntou Henriqueta, após uma breve pausa.

— Já t'o disse: uma Nissen não trabalha... Além disso, que saberias fazer?

— Realmente...

(Continúa na pagina seguinte)

E por ser uma creança a quem se engana, eu fiz
um caminho para ella, e enfeitei-o, julgando
me fariam feliz seus olhos infantis
dentro do ninho onde andam passaros cantando.

Deixa de sonhos, coração! Andas maluco?
palavra de honra que eu não sei porque te inquietas!
Em materia de amôr, a flôr de Pernambuco
é mentirosa e sonhadora como os poetas.

E depois, olha bem: não estás vendo que ella
surgindo, assim, á luz, ella é que a transfigura?
Demais, uma illusão radiosamente bella
sempre é miragem modelada em creatura.

* * * *

Os caminhos do luar se cruzam nas estradas,
na distancia, lá-longe, onde a retina alcança.

. . . .

As tardes nos suggerem coisas encantadas
que muitas vezes nem trazemos na lembrança...

A LEMBRANÇA DE UM BEIJO — (conclusão)

Henriqueta fez um gesto resignado. Educada desde a infancia naquella decoração fóra da moda e solenne, habituára-se a ella de tal fórma, que apenas experimentava um tedio suffocante e sem esperanças. Havia, effectivamente, outra existencia, uma existencia exterior. A's vezes, não tinha certeza disso.

Eduardo Vancy installou-se naquella mesma tarde no amplo aposento situado nos fundos da casa, e Henriqueta foi forçada a reconhecer bem depressa que aquelle rapaz nunca chegaria a ser maçante. Apenas se notava a sua presença. Passava a maior parte do tempo fechado em seu aposento, estudando. Quando sahia, quando entrava, fazia-o quasi furtivamente.

Henriqueta, pouco a pouco, se foi interessando por aquelle hospede, cuja presença, a principio, fôra por ella repellida. Trocava, ás vezes, com elle algumas palavras triviaes. Sem que se apercebessem, ambos achavam prazer nisso. Suas palestras começaram a prolongar-se e a ser mais interessante. Ella notou que Eduardo era intelligente, que tinha uma grande delicadeza de sentimentos, e bom gosto para as artes e as letras.

Foi o primeiro laço entre ambos. Trocaram opiniões e impressões. Henriqueta era romantica. Eduardo Vancy resolutamente modernista. Ella deixava-se empolgar pelas opiniões que elle lhe expunha sem timidez. Interessava-se por seus estudos, por tudo quanto lhe pertencia, e sentia-se cada vez mais livre do tedio que até então experimentára na vida.

Perguntára de si para si, a principio: Teria verdadeiramente algum encanto aquella existencia de repouso, de silencio, de esquecimento do mundo e do tempo.

Mas, bem depressa, o sentimento novo que despertára Henriqueta do seu lethargo chegou a converter-se em uma emoção que nunca experimentára. Uma emoção da qual se defendia, e que era, não obstante, deliciosa...

Ella estava louca, estava enganada... Aquelle mocinho de vinte annos não podia ter por ella, solteirona sem vaidade, nenhuma affeição... Mas seus olhares, suas palavras, aquella maneira de lhe apertar a mão... Gozava emoções profundas... O amor entrava-lhe na vida, tanto mais imperioso quanto mais tardio... Um amor que não podia ser senão lyrico... Mas sua emoção augmentava... E julgou desfallecer no dia em que Eduardo, furtivamente, bruscamente, entre duas portas, lhe déra um beijo.

No dia seguinte, Henriqueta teve de se ausentar da cidade, afim de visitar uma velha tia, que se achava muito doente.

Quando regressou, encontrou a mãe em um estado indescriptivel de agitação.

— Foi-se embora! — disse-lhe, sem gritar. — Descobri tudo! Sabes? Eduardo Vancy, aquelle miseravel... Sabes tu o que havia feito antes de vir para cá? Apaixonára-se e seduzira uma mocinha de sua idade. O escandalo foi espantoso. O pae Vancy mandou-o, para cá, ameaçando-o de abandonál-o, á sorte, se não levasse uma vida exemplar. Alexandre contou-me tudo isso como uma coisa muito interessante. Mostrou-se surpreso com a minha indignação. Como aquelle velho imbecil, sem me prevenir, se atreveu a enviar-me aquelle rapazola descarado para viver mezes inteiros sob o meu tecto, perto de ti...

Henriqueta de Nissen fez um gesto vago.

— Oh, mamãe!... Na minha idade!...

Foi para o quarto. E meditou... Eduardo não acceitaria... não por obrigação a sua apparente vida de claustro. Elle a cortejára. Para passar o tempo, divertira-se a emocionál-a, zombando della...

Pensava na timidez que ella sabia fingir com tanta habilidade, em suas palavras, em suas maneiras ternas e suaves, naquelle beijo unico que lhe déra. Não chorava. Tinha a impressão estranha de que uma poeira impalpavel cahia sobre ella, e que nunca mais sahiria daquelle lethargo que voltava a aprisional-a. Se ao menos pudesse tornar a sentir nos labios o calor daquelle beijo!... Mas não. Seu destino era aquelle: isolar-se na sala de moveis patinados pelo tempo, e recolher-se á sua tristeza de mulher sem amor, para ir envelhecendo lentamente, monotonamente, sem outro consolo além da dolorosa recordação daquelle unico beijo...

NEM TODOS SABEM...

Infelizmente é uma verdade: — pouca gente sabe se alimentar. A maioria come, não se alimenta; enche o estomago, não se nutre. Arroz, feijão e batata num dia; noutro, batata, feijão e arroz. O resultado é apresentar-se, ao fim de algum tempo, com deficiencias de elementos indispensaveis ao funcionamento do organismo. As glandulas de secreção interna perturbam-se; o systema nervoso se altera. Milhares de nervosos que vivem a queixar-se de tantas mazelas não passam de mal alimentados, de esfomeados, que se empanturram com feijão, arroz e batata, esquecendo-se de verduras e sobretudo do leite. Dahi sofrerem de verdadeira carencia (falta) de phosphoro, indispensavel para regular o trabalho geral do organismo, e, portanto, tambem do systema nervoso. Para combater tal nervosismo: racionalizar a alimentação e usar o Tonofosfan da Casa Bayer.

NOIVADO

(CONCLUSÃO)

uma criada de graça é uma coisa do outro mundo!

— Que está dizendo?... Uma criada de graça?... Onde? Para quem?...

— Mas é que eu... eu fiquei noivo hontem... E como o senhor dr. não quer seguir meus conselhos por sua conta, eu pensei que consentiria pelo menos que eu me casasse...

— Porque não disse isso logo, seu idiota?! Desde que não seja commigo, pouco me importa que você faça a experiencia matrimonial! Agora, por principio, não darei ordenado á sua mulher; porém... vou dobrar o seu...

"LINGUA DE TRAPO"

HEITOR BELTRÃO

Meu caro e bom Berilo Neves:
Puzeste, emfim, de fóra
tua "Lingua de Trapo", com escriptos,
embora não se alugue, pois lá mora
toda a malicia com que, em phrases breves,
manténs teus malandrissimos attritos
com a parte saborosa
da humanidade.
Mas que escorreita e fina prosa!
Eu nunca vi tanta mentira
num livro bello de verdade...
Por outro lado, eu nunca vira
tanto disfarce na galanteria:
bancando, em publico, o valente,
falas mal por tabella,
e, a cada uma, particularmente,
dás a tua amnistia,
expondo, suave e com carinho,
que ella
foi a excepção no teu caminho.
Mas quem desdenha
quer comprar, não é exacto?
Descubro, assim, a tua senha
e o teu astuto desacato...
E's o Xenocrates fingido,
o frei Thomaz dos odios contra Venus,
se bem que vivas mal dormido
com os casos loiros ou morenos
que te atropelam, seu Berilo!
Eu comprehendo o teu plano,
muito bem calculado
e muito humano:
se conseguires ser acreditado,
os homens fugirão. Calmo e tranquillo,
ficarás (emfim sós!) com as inimigas,
que são o teu assumpto e o teu tormento;
Não, Berilo, não digas
que estou exaggerando.
E' que conheço o teu talento.
Vaes, lindo e brando,
illudindo os leitores.
Emquanto, incautos, crêm no que tu dizes,
e, amargos, rudes, escarnecedores,
vão tornando infelizes
as pobresinhas, tu — lingua de trapo —
leva-lhes consolo
— joven, bonito e guapo!
E, como tens visão e não és tolo,
em vez de as irritar, na intimidade,
o que tu queres
é — qual humilde escravo —
ir fazendo a vontade
a todas as mulheres...
Acertei, maganão?
Perdôa o desconchavo
do

BELTRÃO

DESAPONTAMENTO

O marido (á esposa, que fez questão de comprar uma geladeira electrica). — Ahi está o entregador de gelo; vá dizer-lhe que não precisamos mais dos seus serviços...

A felicidade existe. Mas tão rara no nosso meio que, ás vezes, custa ao homem encontrál-a. Foi talvez por isso que Carlos Maria, na ansia infinita de alcançar a felicidade, não vacillou mesmo deante da cartada magna que resolveu jogar. Porque, na verdade, o casamento é a ultima cartada na vida em que se aposta com o destino felicidade e desgraça.

O facto é que Carlos Maria se casou com vontade de ser feliz.

Carlos Maria é uma personagem rapida num livro de Machado de Assis. A personagem desta historia é tambem Carlos Maria. Com a differença que neste o sceptro de dominador não possúe a tenacidade de que é revestida a capacidade dominadora da personagem machadiana.

Carlos Maria uma unica vez dominou na sua vida. Não a outrem, mas a si mesmo, como terão de perceber no epilogo desta historia.

Muita gente experimenta decepções. Mas garanto que decepção igual á que occorreu ao casal Carlos Maria e Maria Luiza poucos têm visto.

* * *

Sabemos que o rapaz se casou.

Trez annos passavam imperturbaveis deante da vida conjugal de Carlos Maria e Maria Luiza; entretanto, nem um filhinho para dar uns tons de subtileza sentimental ao amor demasiado exaltação do casal. E' preciso sempre o sorriso innocente de um bebê que refresque as chammas da paixão de dois esposos que se amam de verdade, pondo entre elles os encontros ingenuos de um amôr de paes.

Carlos Maria desejou sempre ser pae. Mas á negativa desse sonho, affirmavam-na trez annos de casado. O seu desapontamento ia subindo mais a mais, e elle temia sentil-o quebrantando seu amor pela mulher.

Maria Luiza do seu lado se entristecia ao constatar que a natureza lhe negava a sublime dadiva de ser mãe. Para illudir essa falta dotaram um sobrinho, mas este apenas lograva attrahir a curiosidade dos dois, sempre disposta a animar as travessuras do garoto. O garoto tinha tudo para elles, menos esse condão magico que só um filho sabe possuir.

* * *

Os tempos pareciam correr ou mais ou menos depressa até a tarde miraculosa em que os dois desenganados sentiram uma promessa de felicidade. A contar d'ahi o tempo não andava. Só porque o medico, amigo do casal e deveras condoido da sua desdita, confirmou solennemente as suspeitas de Maria Luiza. Não restava duvida. Gloriosa, ia ser mãe. Carlos Maria, vencedor, ia ser pae.

Quanta felicidade convergia para o maior encantamento dessa phrase duplamente entrecortada no delirio quente dos beijos:

— Teremos um filho!

E o alvoroço entrou no *bungalow* verde de Carlos Maria e Maria Luiza... Preparativos interminaveis, castellos audaciosos, sonhos, um nome bonito, emfim um mundo de loucuras, rajadas de alegria.

* * *

Suppunham proxima a chegada do "bebê". Todavia, como a confusão lhes não permittisse contar os dias, resolveram buscar o prognostico do medico assistente.

De Getulio Teixeira

A tarde era um milagre de sol e belleza. Maria Luiza, refazendo-se do exame clinico, esperava a opinião do medico. O doutor passou os olhos nas paredes brancas do consultorio e a custo resolvia confessar o seu erro formidavel. Mesmo porque aquillo seria uma mancha na sua reputação profissional. Não fosse uma ignominia, elle negaria a sua previsão. Ademais, toda gente sabia que o doutor Braga affirmou categoricamente que Maria Luiza teria um filho... Ingrata carreira, e pobres paes!...

Ao cabo de algum tempo, o doutor Braga voltou para a cliente e disse, quasi sem pestanejar:

— Maria Luiza, você tem muita pressa de ser mãe?

— Oh! doutor! Mas que pergunta!... A minha afflicção é enorme.

— Tanto peor, minha amiga.

— Tanto peor?!... Mas não comprehendo, doutor!

— Comprehederá já.

E, affectando ares paternaes, de que a profissão de vez em quando lança mão, o doutor Braga segurou-lhe o pulso, e foi directo:

— Pois você não será mãe... Houve no seu caso um lamentabilissimo escorregão medico.

— Que diz, doutor?!...

— Que você não será mãe.

— Como?!

— Não será e nunca esteve para ser.

— E' impossivel, doutor. O senhor está gracejando.

— Infelizmente, é a realidade. Falo como medico. Eu me enganei no seu caso... E' horrivel, minha amiga, mas nós ambos fomos derrotados.

O medico não poude continuar, porque a tensão nervosa de Maria Luiza lhe dispensou as palavras para exigir acção immediata.

* * *

A tempestade é mais alarmante, mas, para felicidade nossa, dura menos do que a bonança. Quero dizer: do que a calma, o equilibrio na vida dos seres.

Para logo, nos dias que se seguiram, Maria Luiza soube entrar na realidade. E, francamente, pesou-lhe mais do que mesmo a perda irreparavel do filho em perspectiva, a curiosidade publica: uns de piedade, outros por simples dilettantismo, e outros ainda por duro sarcasmo.

Carlos Maria, esse talvez nem chegasse a pensar em suicidio, se não lhe chicoteasse no ouvido os motejos em "confiança" dos conhecidos... Aquillo era de facto horrivel. Ao enterro do seu sonho ainda assistia com resignação. Mas aturar impassivel que rissem do seu luto, era superior a suas forças.

E o homem esteve mesmo para estourar as commissuras cerebraes. Comtudo, acabou por dominar-se. Foi, não ha duvida, o seu primeiro acto que lembrasse essa "apparencia absoluta de dominio" que resaltava daquelle seu chará na obra de Machado de Assis.

Era melhor viver — acudiu-lhe. A vida dava-lhe a possibilidade de tornar-se pae. A morte é que lhe não ia ser mais prodiga. Quem sabe?... Maria Luiza era ainda muito moça.

Resolveu esperar...

— Vinte annos de trabalhos forçados, por um crime passional, é demasiado!

— Quando se ama, tem-se sempre vinte annos...

A DONA DO BILHETE

— O senhor director não recebe sem aviso prévio...

O joven visitante insistiu em voz baixa.

As pessôas que esperavam na ante-camara pareciam impressionadas pela audacia daquelle homem, e dez olhos cheios de censura o fitavam. A telephonista tomou o phone, de má vontade, e disse:

— O sr. Jean Calzac deseja falar com o sr. director... Assumpto particular e urgente...

E voltou-se para o visitante:

— O sr. director recebêl-o-á em seguida.

Dahi a cinco minutos chamaram:

— Sr. Calzac!

O continuo esperava no alto da escada. O visitante levantou-se com vivacidade e subiu rapidamente os degráos atapetados. O barulho rouco das rotativas fazia tremer todo o edificio. Finalmente, o continuo empurrou uma pesada porta e Jean Calzac achou-se num amplo salão Luiz XVI. Não teve tempo de sentar-se. Alguem tornou a chamar:

— Sr. Calzac...

Ao ouvir o timbre imperioso daquella voz, Jean Calzac adivinhou que o homem de monoculo que o esperava, em pé, era Tancrede Valere, director de "Noites de Paris", o grande diario galante da capital. O joven adeantou-se ao mesmo tempo que Valere, e encontraram-se no centro do salão.

— Cavalheiro! — disse o director. Disse que queria falar-me sobre assumpto particular e urgente. Sei muito bem que isso é um pretexto, que o senhor não tem nada de urgente nem de particular a dizer-me. Recebo-o apenas para declarar-lhe que um homem bem educado, como o senhor parece, não deve empregar certos meios para forçar uma porta. Dito isto...

— Senhor! — respondeu Jean Calzac, sem dar attenção ao gesto de despedida. — O que desejo propôr-lhe lhe interessa muito.

Valere riu, zombeteiro.

— Todos os pretendentes que aqui entram dizem a mesma coisa. E, para ser tão original como o senhor, vou dizer-lhe uma phrase que repito cem vezes por dia: "Não me interessa!"

— Senhor — tornou Calzac, com grande simplicidade. — Quer offerecer-me como premio de uma loteria?

Os olhos do director vacillaram, e o seu olhar espantado mediu a distancia que o separava da porta: seis metros, nos quaes podia ser estrangulado seis vezes pelo louco...

— Dá licença?...

— Por favor...

E, emquanto o insensato se sentava, Valere recuou quatro passos para a porta, immobilizando-se em seguida, quando o olhar estranhamente fixo do visitante pousou nelle de novo.

O joven continuou:

— Comprehendo que a minha proposta possa parecer-lhe estranha á primeira vista, absurda e inconveniente...

— De maneira alguma! — interrompeu o director. — Vou chamar o meu secretario para que tome nota desse projecto. E' realmente interessante, e...

Encaminhava-se decididamente para a porta, quando se sentiu retido por uma mão forte. Jean Calzac murmurava, com voz ansiosa:

— Não, senhor, não... Só quero tratar com o senhor. Não poderia falar deante de terceiros... Preciso de toda a minha coragem para explicar-lhe como cheguei a tomar esta resolução...

Collocára-se entre o director e a porta, impedindo-lhe a retirada. Só restava a janella. Valere foi até junto della e abriu-a, como por descuido. Um pouco mais tranquillo, ao ver que o visitante se sentava, encorajou-o:

— Dizia o senhor, que...

— Quero explicar-lhe os motivos da minha resolução. Sou advogado. Ha seis mezes que procuro inutilmente algum processo. Cheguei a sentir um profundo desgosto da vida e de mim mesmo... Quiz suicidar-me. Mas pensei que antes de morrer é preferivel um homem vender-se. Eis o que lhe venho propôr. "Noites de Paris" organizará uma grande loteria, cujos beneficiarios serão as leitoras. O grande premio, é um unico premio: um marido. Um rapaz bonito compromette-se por escripto a casar-se com a ganhadora, seja ella quem fôr e venha de onde fôr. Para isso o homem receberá metade dos lucros, e o senhor a outra metade. Acceita?

Valere aproximou-se do joven e disse-lhe:

— Prefere isso, deveras, a atirar-se ao rio de cabeça para o fundo?

— Tenho fé na minha sorte — declarou o outro. Póde ser que vá parar nas mãos de uma linda rapariga... Note que a minha proposta é inatacavel sob o ponto de vista juridico; não ha nenhuma disposição legal que prohiba isto. Moralmente, que se póde objectar? Porventura não é o acaso autor de 95 % dos casamentos?

Valere contemplava o visitante com uma admiração que não procurava dissimular.

— Ouvi em minha vida muitas propostas, muitos projectos, muitas idéas. Mas é a primeira vez que me apresentam uma de semelhante calibre... Francamente, acho que tudo isso é insensato, louco... Mas quem é capaz de pensar em semelhante cousa não é um individuo vulgar... Bem, o senhor... De qualquer maneira, o senhor fica ao meu cuidado.

— Se recusa — respondeu tranquillamente Calzac — é porque tem medo do escandalo. Com certeza, a loteria causaria um alvoroço enorme. Mas eu pensei que o senhor não era homem que se assustasse por tão pouca cousa.

— Ouça — disse Valere, espicaçado no seu amôr proprio. — O que me propõe é uma loucura, mas justamente por isso me seduz. Espere-me esta noite...

De Roger Vercel

Pantagruel, e falaremos mais detidamente.

Havia já tres semanas que Jean Calzac se offerecia como premio do maravilhoso sorteio.

A primeira entrevista que teve com Valère, no Pantagruel, déra-lhe a acceitação enthusiasta do director.

— Negocio feito! — declarou este. E' uma idéa genial. Já está tudo organizado. Verá o que sou capaz de fazer!...

E durante o jantar expôz o seu programma com enthusiasmo cada vez maior. Primeiro, o annuncio de "Noites de Paris". Um numero completo, com retratos de Calzac em preto, a côres; de frente, de perfil. Calzac sorridente, Calzac pensativo; a pé, a cavallo, em automovel...

— Depois faremos uma pausa... para engañar a imprensa. Os jornalistas da direita, meus amigos, prometteram-me combater a loteria e gritar que é um attentado á moral; e os da esquerda, que tambem conheço, tratarão do caso clamando pela offensa que constitúe contra a dignidade humana... Será um successo de publicidade! E até arranjei um deputado que interpellará o governo nas Camaras!

Calzac approvou tudo, assignou tudo, com uma indolente beatitude. Mas, no dia seguinte, começaram as torturas. Teve de fechar os olhos deante do magnesio dos photographos, passar dias inteiros nos "studios" cinematographicos, entregar-se aos alfaiates, sapateiros, manicures...

Valère animava-o, com o seu enthusiasmo:

— Puz um annuncio assim intitulado: «Quem quer ganhar um homem vivo?» E recebo milhares de cartas pedindo a immediata circulação dos bilhetes...

Na vespera do inicio da venda, Valère tomou Calzac pelo braço:

— Meu caro, chegou a hora de entrar em scena. Pode vir ver como preparei as coisas para a exhibição.

Arranjára um gabinete, fechando-o de um lado com uma grande vidraça, e dentro dispuzéra um divan, um tapete, alguns moveis e, ao centro, uma confortavel poltrona.

— Vae sentar-se ali; põe-se a ler e a fumar. Quando passarem as pessôas, não faça caso...

E o "grande premio" sentou-se. No primeiro dia não tirou os olhos do livro. Não lia uma palavra, tão occupado em considerar a sua vergonha, torturado pelo rumor indistincto das vozes que lhe chegavam através da grande vidraça.

No segundo dia arriscou um olhar ao vidro, e viu... Em meio de uma penumbra verde de aqua-

(Continua na pagina seguinte)

A RODA DO BILHETE — (CONTINUAÇÃO)

rio, os rostos collavam-se á vidraça. E, por traz desses rostos, outros mais. Havia mulheres que riam, outras que pareciam possuidas de uma curiosidade ávida e desdenhosa. Mas o joven Calzac teve opportunidade de experimentar um sobresalto de contentamento: quasi todas as mulheres que accudiam a vêl-o eram jovens, e quasi todas bonitas. E os bilhetes vendiam-se ali mesmo ao lado da vitrine. Se era essa a clientella da loteria, tudo ia bem...

Essa esperança deu-lhe um pouco de tranquillidade. No terceiro dia pousou o livro e correspondeu aos sorrisos.

* * *

Aquelle dia não era de exposição. Antes de se levantar, pela manhã, Jean Calzac pediu que lhe trouxessem a correspondencia.

Methodicamente, o joven pegava nas cartas e abria-as. Já sabia o que diziam todas, com mais ou menos erros de orthographia. Umas declaravam: "O senhor é um sujeito repugnante". Outras promettiam: "Que loucuras havemos de fazer, se eu te ganhar!"

A' medida que se aproximava a data do sorteio, nada podia distrahir Calzac da pergunta terrivel: "Quem me ganhará?"

Quando Valere lhe falava do exito formidavel da combinação, Jean lhe perguntava com ar indifferente:

— E quem compra? Quem?

— Oitenta por cento dos bilhetes são adquiridos pelo correio ou por intermediarios. As mulheres preferem ficar em casa...

E Jean Calzac emboscou-se atraz da vendedora de bilhetes. Nenhum rosto lhe escaparia...

Resoou a voz de um alto-falante:

— Senhoritas!... Vae começar a venda de bilhetes! Roga-se o favor de levar o dinheiro na mão, para evitar aggiomerações... "Noites de Paris" deseja que a feliz possuidora do premio se ache entre as senhoritas presentes.

Jean Calzac limpava o suor da testa. Ao abrir-se o "guichet", o joven ouviu um profundo "ah!" como quando sobe o panno depois de um entreacto interminavel. Depois, uma mão enluvada deslisou, estendendo uma nota de banco. Calzac agachou-se para ver a casa. E recuou logo: era uma velha horrivel!

Os bilhetes da loteria sahiam, sahiam... E levavam-nos mulheres de todas as classes, feias e bonitas, gordas e magras, louras e morenas. Mas sobretudo, velhas...

* * *

Quando os grandes reposteiros de veludo azul se abriram, ergueram-se mais de duas mil cabeças. Tancrede Valere appareceu, seguido por Jean Calzac. Fôra escolhido para a extracção da loteria um dos maiores salões da capital. O escandalo attingiu o apogeu. Houve necessidade de organizar

um serviço rigoroso para manter a ordem nas proximidades, porque os decididos partidarios da moral e da dignidade humana tinham annunciado manifestações de protesto.

A sala estava tranquilla. Tancrede Valere apresentou ao publico o "grande premio".

— Minhas senhoras: Jean Calzac, o joven mais bello do mundo e, além disso, um homem rico, resolveu confiar ao azar, o melhor dos deuses e dos homens, o trabalho de escolher entre todas as gentis assistentes a sua companheira ideal... E agora deixo á belleza a sua missão eterna, que é designar o eleito do amor.

Dito isto, desappareceu. Então, por um dispositivo especial, surgiu num alçapão uma grande roda horizontal, e dez "girls" foram sentar-se sobre os enormes numeros que estavam escriptos nessa roda. A roda gyrou, as silhuetas das mulheres misturaram-se e tornaram a fazer-se distinctas. E quando a machina se immobilizou, Jean Calzac estendeu a mão á "girl" que ficára deante delle. Ella levantou-se. Estava sentada sobre o numero 5. O "grande premio" apresentou-a galantemente ao publico, e o numero foi inscripto num vistoso quadro. Aquella formosa joven representava as unidades...

Depois, a roda gyrou novamente, e parou deante de Calzac a dezena de milhar. Desceu outra mulher, descobrindo o numero 3. E assim successivamente.

Prompto! Os cinco numeros mostravam-se ao publico no vistoso quadro, e Valere gritou, violentamente:

— O numero 33.635 ganhou o marido melhor do mundo!

A sala, conquistada pelo engenhoso mecanismo e pela naturalidade do assumpto, poz-se a applaudir.

— A contemplada encontra-se na sala? — perguntou Valere.

E como se seguisse um angustioso silencio, proseguiu:

— A feliz contemplada poderá apresentar-se, a partir desta noite, nos escriptorios de "Noites de Paris". Dessa forma, a direcção do jornal será a primeira a formular aos dois noivos, reunidos pelo azar, os seus votos de felicidade.

Soaram novamente os applausos, e encerrou-se a sessão. A assistencia foi-se retirando pouco a pouco, entre os mais variados commentarios...

— Então?

— Nada, por emquanto.

(CONCLUSÃO) — A DONA DO BILHETE

Fazia já trez dias que Jean Calzac corria á redacção, mal se abriam os escriptorios de "Noites de Paris". Ninguem o reclamára ainda, e todo o mundo o encorajava: o bilhete premiado tinha-se perdido, diziam-lhe.

No sexto dia, quando chegava á redacção de "Noites de Paris", Jean notou que o seu apparecimento provocava um panico surdo, mas agitado. Davam-lhe os bons dias com a cabeça, mas logo se eclypsavam pelas portas. Estabelecia-se o vacuo em torno delle, nas escadas e nos corredores. Jean deteve-se deante de uma dactylographa:

— Senhorita... veiu alguem procurar-me?

A moça fugiu, espalhando os papeis pelo chão.

Calzac foi procurar Valere, que o esperava.

— Que ha de novo? — perguntou Jean, com a garganta sêcca.

— Meu pobre amigo! — disse Valere, apertando-lhe fortemente a mão. Não merecias isto!...

— Uma... velha? — interrogou Calzac.

Valere inclinou a cabeça.

O "grande premio" cahiu num grande abatimento: era a consequencia da sua grotesca aventura!

Valere tocou-lhe o hombro:

— Vamos, Calzac...

— A que horas? — interrompeu o outro.

— Deve estar esperando lá em baixo...

O "grande premio" ordenou brutalmente:

— Está bem! Acabemos com isto! Que suba!...

Quando a mulher entrou, o Jean Calzac, apesar de ser um rapaz bem educado, não poude reprimir um estremecimento:

— Oh! Meu Deus!...

A realidade ultrapassava, com effeito, toda a imaginação. Era uma pyramide tremenda cuja cúspide vacillava. Um vestido azul, um chapéo vulgar, uma cara larga e enrugada como a pelle de um elephante. A contemplada observou Calzac e exclamou:

— E' adoravel!

Depois, como os dois homens ficassem frios, ella inclinou-se para o director, e disse:

— Apresente-nos!

Tancrede fez um signal a Calzac:

— O sr. Jean Calzac... A senhorita Margarida...

A mulher respondeu:

— Muito prazer! Eu sempre tive sorte...

Depois accrescentou:

— Vim de automovel, para evitar os curiosos. Espera-nos á porta...

— Acompanho-a — pronunciou Calzac, com voz cavernosa.

— Que disse?

— Que a acompanho! — vociferou Jean, num tom feroz.

Installados no *taxi*, a mulher examinou-o com agrado.

— Hi! hi! hi!...

Ria alegremente...

O automovel parou deante de uma casa grande, alta, enorme.

— Quinto andar...

Jean Calzac subiu pela escada atraz da mulher, e entrou num salãozinho sympathico. A premiada fel-o sentar-se e fitou-o com olhos tão cheios de malicia, que Calzac pensou numa velha gata saboreando de antemão um ratinho.

De repente, ella perguntou, no tom mais natural deste mundo:

— Vejamos... Quanto me dará.

— Quanto... que? — murmurou Calzac, sem comprehender.

Ella soltou uma risadinha estupida.

— Claro! O senhor teve a sorte de não cahir nas mãos de uma velha disposta a casar-se com um rapaz que podia ser seu filho. No emtanto, eu o ganhei. Isto vale um sacrificio da sua parte. Os jornaes dizem que a loteria lhe rendeu quatrocentos mil francos. Dê-me a metade e ficamos quites.

— Tudo! — gritou Calzac. Dou-lhe tudo!... Não quero ficar com um unico centimo... Trabalharei, ganharei a vida...

Ella interrompeu-o:

— Oh! Se o senhor toma as coisas assim, o caso faz-me mais difficil... Não sei se me verei na obrigação de ficar com o senhor...

Jean Calzac arregalou os olhos.

A senhorita Margarida foi á porta e chamou:

— Lucette!

Entrou uma moça formosissima. O "grande premio" achou-a divinal.

— Quatrocentos mil francos! Tudo o que possue! Pobre rapaz! — disse a velha.

— Cavalheiro — perguntou Lucette. E' verdade que offerece toda a sua fortuna a minha tia, com troca da liberdade?

Jean Calzac inclinou-se. A joven sorriu:

— Está bem... Eu devolvo-lhe essa liberdade por nada. O bilhete era meu... Mas o senhor ha de reconhecer que merecia que o assustassem... Não obstante, alegro-me por ver que não é um depravado...

E estendeu-lhe a mão.

— Senhorita — murmurou Jean Calzac, sem fazer caso da despedida. O regulamento da loteria impõe que a ganhadora fique com o premio... Os organizadores não me aceitariam de volta...

O "grande premio" e a possuidora do bilhete premiado casaram-se. E a historia não diz se depois tentaram, para completar a obra da sorte, tirar tambem o premio maior doutra loteria...

COMMERCIO PAULISTA DE CABOTAGEM

As cifras relativas ao commercio paulista de cabotagem são bastante significativas. Durante o ultimo exercicio a importação desse commercio attingiu á somma de reis 289.644:577$000 e a exportação a 442.017:644$000.

(Continuação do numero anterior)

— E' uma voz de mulher e outra de homem, constatou o policia.

Avançou em bicos de pés, e dentro em pouco, encoberto por uma grossa pilastra, poude espreitar na direcção de onde vinham as vozes.

Por pouco não soltou um grito de surpreza.

A cerca de vinte metros de distancia via-se a figura de Lord Milster. A luz fraca do crepusculo reconheceu uma mulher nova nos seus braços.

O Lord parecia falar com calor, sem que as suas palavras produzissem effeito. Então viu-o segurar o rosto da rapariga.

— Está-lhe a dar um beijo, murmurou Sherlock Holmes. Outro ... e ella não resiste...

O policia escutava immovel; nem uma palavra chegava porém intelligivel, aos seus ouvidos.

— Se eu pudesse saber quem é a mulher... Espera! Lá está ella a chorar... Dá-lhe um beijo na mão, e vae-se embora...

Holmes coseu-se com a pilastra, porque suppoz que Lord Milster ia passar por alli. Este porém dirigiu-se lentamente na direcção em que a rapariga desapparecera.

Sherlock Holmes seguiu-o. No sitio em que tinha visto a ambos, ergueu uma fita do chão.

— Uma liga, disse o policia. Ainda tem o calor do corpo...

Examinou-a com cuidado. Tinha, por unico ornamento, um bordado ingenuo a ponto de cruz e duas letras no meio.

— B. B., leu Sherlock Holmes. Só pode ser Betsy Busley. Era o objecto dos amores do assassinado. Estará ella em relações com Bill Kundry, o pretendido criminoso, ou é a amante de Lord Milster, que hoje a defendeu tão calorosamente?

Os moedeiros

(SHERLOCK HOLMES)

"Comtudo, continuou depois de pensar um pouco, o Lord não vive aqui ha já alguns annos; como poderá pois ser ella a sua amante? Diabo, diabo... é um negocio bastante complicado. Mas vamos ao cemiterio.

— Já examinaram o craneo? perguntou o policia, dirigindo-se ao Coronel.

— Por fóra, pelo menos. Os medicos são de opinião que só uma bala, talvez uma bala de espingarda, poderia ter produzido o ferimento.

Uma exclamação dos medicos que procediam á autopsia veiu interromper este dialogo.

— O que ha? perguntou o Coronel.

— Uma coisa muito extraordinaria. Não podemos encontrar o projectil.

— Impossivel, exclamou o Coronel approximando-se vivamente da mesa.

— Não ha erro possivel. Aqui está a massa encephalica, onde só podem constatar-se algumas esquirolas, e aqui tem a caixa craneana apresentando apenas um buraco na parte occipital. A bala deveria sem duvida encontrar-se no cerebro ou na espessura do osso, si a morte tivesse sido produzida por um tiro.

— A bala tem de se encontrar, disse o Coronel com energia.

— E eu affirmo que nunca se encontrará, exclamou não menos energicamente Sherlock Holmes, pela simples razão de que o senhor Carlos Johnston não foi ferido por uma bala.

Todos se voltaram para o policia, no auge da surpreza. Holmes continuou.

— Vem esta pedra redonda? Colloco-a no ferimento do craneo, para que se convençam como encaixa bem neste buraco. Nenhuma bala, ainda mesmo a de um calibre de 12 millimetros, pedia produzir esta ferida.

Tanto o Coronel como os medicos ouviam esta demonstração no auge do espanto.

— Não me pergunte nada, disse o policia ao Coronel, que estava disposto a dirigir-lhe uma multidão de perguntas. Esta pedra, com que foi praticado o assassinato do infeliz Johnston, foi de proposito preparada para tal fim, pois é, como veem, um seixo lapidado artificialmente. Deve ter sido arremessada com uma força terrivel, que nenhum braço humano, nem mesmo o de um gigante, lhe poderia imprimir.

"Quem a atirou e como foi atirada não o sei agora, meus senhores, passem muito bem, e deixem-me continuar a minha tarefa de descobrir o mysterioso assassino.

CAPITULO III

NO QUARTO DOS PHANTASMAS

Lord Milster partiu para Londres, depois de ter ouvido da bocca de Sherlock Holmes a historia da descoberta.

— O senhor deve estar enganado, dizia elle á despedida. Com uma pedrada assim é impossivel esphacelar um craneo. Para isso seria preciso uma pedra do tamanho de um punho. Mas não quero que partilhe da minha opinião, se bem que não seja facil encontrar um fio neste labyrintho.

"De resto dei ao meu administrador todas as ordens para cumprir á risca as suas determinações.

O policia pensativo olhava para o chão.

— Encontrar um fio, murmurou, decerto; a culpabilidade de Bill Kundry é muito provavel...

Falsos de Sheffield

(Por CONAN DOYLE)

sou doido em me deixar influenciar por opiniões extranhas. Antes de tudo preciso procural-o, e então veremos.

Dirigiu-se á casa do guarda, que habitava no rez do chão do castello. Na semi-obscuridade do aposento notou que uma rapariga se erguera á sua entrada tentando fugir para um quarto interior.

— Miss Betsy! exclamou Sherlock Holmes, porque foge de mim? Tencionava precisamente pedir-lhe que me mostrasse o castello.

A rapariga voltou de má vontade. Neste momento, um raio de sol entrou pela vidraça e illuminou-lhe a figura com uma aureola doirada.

Sherlock Holmes teve de confessar a si proprio que Lord Mister não exaggerara no que dissera a respeito do encanto de Betsy. Teria uns 19 annos; os seus membros e as suas formas eram tão bem proporcionadas que facilmente teriam enthusiasmado um esculptor.

Podia-se comprehender com effeito que Carlos Johnston se tivesse apaixonado por ella, e preferido morar no velho castello só para estar mais proximo do objecto dos seus pensamentos.

— Seria esta gentil rapariga, toda cheia de graça innocente, tambem culpada no assassinato? Seria ella amante do Lord?

Betsy olhou o policia cheia de medo.

— Visto que assim o deseja, pronunciou ella com voz sumida, irei mostrar-lhe o castello.

Sahiu, seguida pelo policia, contornou as enormes pilastras da esquina e parou em frente do portão. As portas mal se seguravam nos gonzos.

Na sua frente apparecia agora um corredor largo limitado á direita pela muralha do castello e á esquerda por uma serie de columnas, atravez das quaes se avistava o pateo cheio de pedras e entulho.

Tudo dava a impressão de abandono e de ruina. As abobadas estavam fendidas, os revestimentos tinham cahido, ás columnas faltavam os capiteis, ás janellas, os vidros.

Sherlock Holmes caminhava silencioso ao lado de Betsy. Inspeccionava com o olhar todos os portos onde porventura pudesse descobrir qualquer indicio.

A certa altura suppoz ter chegado ao sitio onde surprehendera a conversa entre o lord e a mulher.

De subito curvou-se, approveitando um momento em que Betsy olhava para o outro lado.

— Ah! uma liga, murmurou, mostrando á sua companheira o objecto que tirára disfarçadamente do bolso.

— E' minha! disse ella, corando. Devo tél-a perdido agora ou ha tempo.

— Aqui? perguntou o policia, fixando-a com insistencia.

A rapariga mal podia disfarçar o seu enleio.

— Deixe-me auxiliar-lhe a memoria, miss Betsy, continuou o policia. Perdeu-a ali em cima, junto daquelle muro do jardim, quando estava escutando a minha conversa com o regedor.

Betsy soltou um gritinho de espanto.

— Pois notou a minha presença? disse com voz fraca.

— Por que razão tem medo de mim? — perguntou o policia, poisando carinhosamente a mão sobre a cabeça de Betsy.

— Não tenho medo do senhor, respondeu Betsy, cerrando os olhos. A minha consciencia está tranquilla...

— Mas tem medo... por alguem...

A rapariga estremeceu.

— Por... Bill Kundsy, concluiu o policia.

Betsy mordeu os labios violentamente e não respondeu: parecia que tentava dominar-se para não articular palavra. Mas o seio arfava-lhe tempestivamente, e Sherlock Holmes não seria decento tão conhecedor da natureza humana, si não tivesse adivinhado o segredo que ali se occultava, e que era sem duvida a chave do terrivel enygma.

Mas, pela expressão energica do rosto, pela ruga sombria desenhada entre as sobrancelhas, o policia reconheceu que nenhum poder do universo, obrigaria Betsy a desvendar o mysterio, e só falaria por livre vontade.

— Deseja ver os andares superiores? perguntou Betsy, mudando de conversa.

— Decerto. Muito especialmente o quarto que o sr. Johnston habitava.

O caminho por onde Betsy o conduziu não era o mais directo. Provavelmente as escadarias primitivas já não podiam servir pelo seu pessimo estado de conservação.

Por fim chegaram a uma escadaria guarnecida por uma balaustrada de pedra.

— Faça o favor de ir andando, disse a rapariga ao policia. Eu vou buscar a chave ao sitio onde o sr. Johnston costumava escondel-a.

Sherlock Holmes subiu lentamente os degráos, que se encontravam ainda bem conservados.

(Continúa na pagina seguinte)

O vento entrava livremente por toda a parte; aqui, ali, atravéz dos buracos do tecto, entreviam-se nesgas do céu.

Por fim encontrou-se deante de uma solida porta de carvalho, antiga, é verdade, mas não decento do tempo da primitiva construcção do castello. A porta estava fechada.

— Isto ha de ser com certeza o quarto de Johnston, pensou Sherlock. Estou com vontade de saber como este infeliz apaixonado arranjára o ninho. E se seria porventura correspondido o seu amôr...

Betsy voltou, e abriu a porta sem olhar para elle. Entraram num aposento enorme, onde antigamente seria talvez a sala de jantar. As janellas em arco eram todas guarnecidas com vidros, e havia-as de ambos os lados no sentido de comprimento.

De um lado, davam para o jardim abandonado, onde naquella manhã fôra encontrado o cadaver de Carlos Johnston; do outro, via-se primitivamente só o pateo interior; hoje porém, devido a uma parte do castello se encontrar totalmente destruida, o olhar dominava os campos até ao horizonte.

No fundo de uma alcova havia uma cama simples, completamente guarnecida e coberta com uma colcha branca, e na parede fronteira á porta de entrada, uma cadeira antiga de espaldar e uma mesa escura.

— A menina disse-me ha pouco que o finado costumava esconder a chave deste quarto?

Betsy conservava-se, em silencio, no limiar da porta.

— E' verdade, senhor, respondeu ella, sem voltar-se sequer para o policia.

— Deprehendo das suas palavras, que elle nem sempre ficava aqui.

— Não. Nos ultimos tempos tinha-se mudado deste castello.

— Para onde?

— Para a "Hospedaria da Estrada".

— E' longe daqui?

— Não senhor. Talvez uma legua.

— Por que razão se mudou o sr. Johnston? — continuou Sherlock.

— Porque foi posto fóra pelo phantasma. — responde Betsy com laconismo.

— Cá temos outra vez o mysterioso phantasma, murmurou pensativo o policia. Bem, parece-me que tenho tambem que travar relações com elle.

A rapariga voltou-se para elle e contemplou-o com expressão de pavor.

— Pelo amôr de Deus, disse ella com voz mal segura, peço-lhe que não brinque com essas cousas. Affirmo-lhe que existe o phantasma, e quem quer travar relações com elle, paga com a vida a sua ousadia.

— E' possivel, respondeu tranquillamente Sherlock.

— E como se quer encontrar com elle? — perguntou confusa.

— Muito simplesmente. Passo a habitar este quarto.

— Nunca! exclamou ella com vivacidade. Nunca deixarei que tal faça.

Sherlock sorriu com ironia.

— Parece esquecer-se que Lord Mister ordenou a seu pae que obedecesse a todas as minhas indi-

---

I

O MUCAMBO ILLUMINADO

Este mucambo illustre que hoje habito
é um casebre rural todo de palha
onde um infeliz homem que trabalha
tem coisas de um philosopho esquesito.

Este é a ermitagem do ultimo canalha
ou a casa é o pouso do ultimo proscripto!
Não, é o ninho de um passaro infinito
que ás infinitas azas se agazalha...

Meu mucambo preclaro! Que dirias
se soubesses que o poeta Esdras-Farias
mora aqui por não ter em que morar!

Felicidade que Deus dá aos poetas!
Só tu, á sombra destas palhas quietas,
me dás ainda o direito de sonhar!

II

SOCRATES ADORAVA A SIMPLICIDADE

Entra o sol pelas palhas, diariamente.
Eu moro aqui feito a sabedoria
que, no mucambo da philosophia,
Socrates, enquinou, tranquillamente.

Margens do Mar Egeu. A ventania...
Tambem a placidez clara ambiente...

ções, e eu insisto em que seja posto este quarto á minha disposição.

A rapariga curvou lentamente a cabeça. Tinha os olhos rasos de lagrimas quando de novo encarou o policia.

— Ouça-me, disse ella em tom supplicante, póde crer, é só no seu interesse que lh'o digo: não teime em ficar. E' o mesmo que desafiar a morte certa.

Sherlock meditou um instante. A supplica da rapariga era tão fervorosa que o impressionou. Não seria melhor morar primeiro em outra qualquer parte, e só depois de conhecer bem as ruinas e principalmente aquelle quarto, tentar a aventura com o phantasma? O phantasma do castello de Milster não era certamente uma simples lenda; o boato devia ter algum fundamento, e este não seria coisa bôa. Por isso eram justificaveis o medo e os cuidados de Betsy.

— Bem, disse elle, não ficarei ainda aqui esta noite; irei procurar asylo noutra parte. Mas nem por isso se vê livre de mim, minha linda menina. Metteu-se-me na acbeça que hei de um dia ser seu hospede.

Betsy respirou.

— Fiz a minha obrigação, disse ella. Agora se o senhor quer por força affrontar o perigo, o resultado é comsigo. De certo, o quarto que o senhor Johnston habitava na "Hospedaria da Estrada" está livre. Estou convencida de que devia ficar satisfeito com elle.

— Hum... E' possivel que tenha razão. A idéa convem-me. Vamos andando.

Sahiram precipitadamente para o corredor.

— Harry! exclamou de repente o policia ao ver o seu auxiliar surgir de traz duma pilastra proxima. Que fazes tu aqui, meu rapaz?

— Tinha medo de o estorvar, respondeu o outro.

— Mas pelo menos ouviste alguma cousa?

— Realmente ouvi, confessou Harry corando, e baixando os olhos.

— Bem, agora trata de chegares depressa á "Hospedaria da Estrada" e reserva quartos para nós. Nada mais tenho a pedir-lhe, Miss Betsy, continuou elle dirigindo-se á rapariga, depois do seu companheiro haver se retirado.

A graciosa Betsy fitou-o com admiração.

— Renuncio a que continue a guiar-me no castello, disse Sherlock. Não sei se, por causa dos seus receios, me mostrará todos os segredos das ruinas; o melhor é descobril-os eu sosinho. Só uma coisa lhe peço, accrescentou elle com seriedade, trata-se de Bil Kundry...

— Bil Kundry, repetiu Betsy endireitando-se. Esse homem não existe para mim. Peço-lhe que não repita esse nome na minha presença.

E, curvando-se como uma rainha, quando termina uma audiencia, deixou o policia sosinho.

CAPITULO IV

BIL KUNDRY

Sherlock tinha-se installado effectivamente num quarto da "Hospedaria da Estrada", o mesmo que

(Continua na pagina seguinte)

A Grecia ao longe; o velho mar em frente
A alma na paz serena em que vivia.

Entra o sol pelas palhas... No abandono
é melhor a delicia do meu somno
e a alegria da vida é mais louçã.

Esse sonho de gloria, essa illusão
Não me vem quando eu vou dormir no chão,
e o sol me acorda em luz pela manhã.

III

A' ULTIMA AGONIA DE PERILO DE OLIVEIRA

Eu te offereço, aqui, a minha mágoa,
Morte sem compaixão! Como um carneiro
que uma demente afoga dentro dagua
tu afogaste um poeta brasileiro!

Elle veio a rolar de fragua em fragua.
Sua vida foi um despenhadeiro.
E a mesma dôr do seu destino, trago-a
no infortunio do meu destino inteiro.

Morreu deitado num girão de varas
No alto, o céu brasileiro, scintillando;
em baixo, a terra ardendo em gemas raras.

Sonhador! Tua gloria é um dirirambo!
Morreste como um deus morre — sonhando
sob as palhas tranquillas de um mucambo!

ESDRAS FARIAS.

Carlos Johnston tinha habitado até á vespera. Uma escada interior conduzia até á agua-furtada donde se avistava a aldeia proxima.

Harry tomára um quarto no réz do chão.

O policia estranhava desta vez o seu discipulo, o qual sempre tão falador e vivo, parecia agora transformado. Parecia fugir de Sherlock e tinha o aspecto de quem traz comsigo graves preoccupações.

O policia não tinha tempo de investigar as causas desta mudança. Ainda mal tinha entrado no quarto e já o remexêra de alto a baixo.

Não encontrou comtudo o que procurava. Por fim encontrou um velho casaco, pendurado atraz de um reposteiro verde.

— Bem, murmurou, revistando os bolsos, aqui ha papeis.

Era já tão escuro que teve de accender a luz.

— São bocados de uma carta, disse elle a meia voz. Vamos a ver o que dizem estas linhas:

...dar-lhe amôr, e fugir depois... sempre ameaçado com a morte, juro-lhe...

"Diabo! Isto é com certeza uma carta de Betsy a Carlos Johnston. Ella sabia pois o perigo que o ameaçava. Como se fez pallida quando pronunciei o nome de Bill Kundry... Nada! deve ser elle o autor do crime.

Holmes olhou para o relogio, hesitou um instante, verificou se trazia o revolver comsigo, soprou a luz e sahiu.

Fazia profunda escuridão. Atravez dos campos, tacteando o caminho, conseguiu chegar a uma pequena elevação de terrenos, de onde avistava a silhueta sombria do castello, recortada no fundo mais claro do horizonte.

— Com mil demonios! que é isto? exclamou elle de repente.

No andar superior do castello brilhava uma luz; devia ser nas janellas mais elevadas, onde não havia sequer um quarto habitavel, nem mesmo uma escada que conduzisse até lá.

A luz bruxoleava aqui e ali, visivel a todo o instante. Sherlock apressou o passo, e deslisou como um espectro através da sombra na direcção das ruinas. Quando chegou tudo tinha desapparecido.

— Manobra de espelhos, murmurou indignado. O sufficiente para aterrar gente do campo, mas não...

A phrase ficou-lhe suspensa nos labios. A luz apparecêra de novo, desta vez, porém, no andar inferior, proximo do chamado quarto dos phantasmas. Primeiro ficou quieta um instante, depois desappareceu de novo. Esta manobra era tão rapida, que o policia começou a sentir a vista fatigada.

— Esperem! murmurou elle com indignação. Hei de saber que brincadeira é essa. Esses espiritos não tem que esperar senão alguns dias para receber o pago que merecem.

Neste instante ouviu atraz de si um ruido, como alguem que tropeça numa pedra.

— Quem vem lá? exclamou Holmes.

Um relampago rasgou as trevas. Ouviu-se uma detonação, e o policia cahiu pesadamente. Que acontecera? Estaria morto?

Assim parecia, visto que não tornou a fazer o menor movimento.

Lentamente, ameaçador, como um espirito mau, um vulto destacou-se na sombra. Approximou-se curvado até o local onde jazia Holmes.

— Agora já não torna a vir expulsar os phantasmas, disse o vulto baixinho.

De repente houve um grito terrivel. A claridade de uma lampada electrica illuminou subitamente a scena.

No chão debatia-se um typo de camponez, que Sherlock segurava vigorosamente pelo pescoço.

— Chegou a minha vez agora, bandido! Suppunhas que me tinhas mandado para a outra vida!

O homem não fazia já movimento algum, chegando mesmo o policia a suppôr que o tinha estrangulado.

Depois de lhe ter tirado o revolver, recuou alguns passos afim de poder observal-o melhor á claridade da lanterna.

Era um homem ainda novo, robusto, de physionomia attrahente.

— Quem é você? perguntou Sherlock Holmes, dirigindo-lhe sobre o rosto a claridade da lampada; que razões teve para me querer assassinar, a mim, um homem que não conhece?

O desconhecido levantou-se a custo, desviando os olhos do policia e quedou-se na sua frente, de cabeça pendida sobre o peito.

— O senhor... quer-me prender... balbuciou elle. E comtudo estou absolutamente innocente no crime que me imputam.

— Então quem é você?

— Bill Kundry, senhor. E' verdade que o quiz matar. Mas colloque-se na minha posição! Ir apodrecer no fundo dum carcere o resto dos meus dias, condemnado por um crime que não commetti!

O olhar de Bill era tão triste, o seu aspecto tão humilde, que Sherlock sentiu desvanecer-se-lhe a colera de ha pouco.

— Affirma estar innocente no assassinato de Carlos Johnsten, continuou o policia, e comtudo, era elle um dos seus inimigos.

— Dos meus inimigos? Nunca. Havia com elle uma pequena coisa que me era desagradavel, mas...

— Eu sei. Era seu rival junto de Miss Betsy.

Bill empallideceu um pouco.

— Bem, disse elle, é verdade; nunca porém eu commetteria um assassinato por causa disso, tanto mais que não sei se Betsy me tem algum amôr...

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Lemaître, 9 — Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado .... 1$500

Os Romances de Fon-Fon

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que admiravelmente liga a parte historica ás aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou selos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. A descriminação abaixo está na ordem de leitura.

	Preço	Pelo Correio
FAUSTA — 10 fasciculos	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasciculos	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasciculos	8$000	9$600
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
CAPITAN — 14 fasciculos	7$000	8$400
BURIDAN — 19 fasciculos	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasciculos	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasciculos	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasciculos	3$000	3$600
HEROINA — 14 fasciculos	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasciculos	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasciculos	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasciculos	4$500	5$400
O RIVAL DO REI — 7 fasciculos	3$500	4$200
PASSAVANT — 9 fasciculos	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasciculos	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasciculos	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 6 fasciculos	3$000	3$600
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasciculos	6$500	7$800

Pedidos á Empreza
Fon-Fon e Selecta S/A

Rua Republica do Perú, 62 - Rio

TELEPHONE: 2-4136